

Teoria e pesquisa em

# PSICOLOGIA

Ezequiel Martins Ferreira  
(ORGANIZADOR)

# 2



**Atena**  
Editora

Ano 2023

Teoria e pesquisa em

# PSICOLOGIA

Ezequiel Martins Ferreira  
(ORGANIZADOR)

# 2



**Atena**  
Editora

Ano 2023

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
 Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra  
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
 Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
 Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
 Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
 Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina  
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
 Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
 Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
 Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau  
 Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
 Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
 Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
 Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
 Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
 Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
 Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
 Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia /  
Universidade de Coimbra

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaiddy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Ezequiel Martins Ferreira

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b>	
T314	<p>Teoria e pesquisa em psicologia 2 / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.</p> <p>Formato: PDF  Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  Modo de acesso: World Wide Web  Inclui bibliografia  ISBN 978-65-258-1434-6  DOI: <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.346232206">https://doi.org/10.22533/at.ed.346232206</a></p> <p>1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 150</p>
<b>Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166</b>	

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

A coletânea *Teoria e pesquisa em psicologia*, nesse segundo volume reúne quatorze artigos que abordam algumas das possibilidades metodológicas do saber psicológico.

A Psicologia enquanto campo teórico-metodológico traz em suas raízes tanto a especulação filosófica sobre a consciência, a investigação psicanalítica do inconsciente, quanto a prática dos efeitos terapêuticos da medicina e em especial da fisiologia.

Essas pesquisas abordam esses fenômenos a partir de várias atuações do psicólogo, quer seja em equipes multiprofissionais, quer seja autonomamente, em clínicas, escolas, na saúde, e em trabalhos de ordem social. Espero que todos tenham uma boa leitura e que estas pesquisas possam propiciar enriquecimento e abertura da visão dos mesmo sobre novos aspectos da vida psíquica.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>1</b>
LIBIDO SEGUNDO A PSICANÁLISE: EXPLORANDO O DESENVOLVIMENTO INFANTIL	
Poliana Aires Rocha Rezende	
Késia Mariane De Oliveira Bueno	
Maria Vitória Lopes De Oliveira Araújo	
Nayara Gomes Da Silva	
Maria Clara G. Dantas	
Ezequiel Martins Ferreira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3462322061">https://doi.org/10.22533/at.ed.3462322061</a>	
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>6</b>
A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE	
Marlene Ribeiro Martins	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3462322062">https://doi.org/10.22533/at.ed.3462322062</a>	
<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>15</b>
ATUAÇÃO E INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA: ATENDIMENTO EM GRUPO DE CRIANÇAS COM QUEIXA ESCOLAR	
Vanessa Nonato	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3462322063">https://doi.org/10.22533/at.ed.3462322063</a>	
<b>CAPÍTULO 4 .....</b>	<b>21</b>
NOTAS SOBRE PSICOLOGIA E RECEPÇÃO LITERÁRIA NO CONTO A CARTOMANTE, DE MACHADO DE ASSIS	
Evandro Rosa de Araújo	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3462322064">https://doi.org/10.22533/at.ed.3462322064</a>	
<b>CAPÍTULO 5 .....</b>	<b>37</b>
OVÍNCULOMATERNO REFLETIDONA ANSIEDADE E EM COMPORTAMENTOS ALIMENTARES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Poliane Tadeu de Medeiros	
Gabriela Peixinho da Silva	
Náthalie Rodrigues Román Ocáriz	
Viviane Galhanone da Cunha Di Domenico	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3462322065">https://doi.org/10.22533/at.ed.3462322065</a>	
<b>CAPÍTULO 6 .....</b>	<b>46</b>
EFEITO DO MÉTODO FRIENDS – FUN FRIENDS NOS PROBLEMAS EMOCIONAIS/COMPORTAMENTAIS DE CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES	
Thaylla Carvalho Cavalcante Gomes	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3462322066">https://doi.org/10.22533/at.ed.3462322066</a>	
<b>CAPÍTULO 7 .....</b>	<b>62</b>
A EROTIZAÇÃO, A INFÂNCIA E OS DESENHOS ANIMADOS: PROBLEMAS E	

**SOLUÇÕES**

Sandonaity Monteiro Amorim Júnior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3462322067>**CAPÍTULO 8 .....72****A INFLUÊNCIA DAS EMOÇÕES NA SOBRECARGA DO CUIDADOR INFORMAL**

Ana Isabel Mateus Silva

Cláudia Catela Paixão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3462322068>**CAPÍTULO 9 .....84****TRABALHO E SOFRIMENTO CRIATIVO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES, NUM MUNDO PÓS-PANDEMIA**

Kélbia Najara Teles Silva

Rejane Comim

Renata Maranhão Bressan Rêgo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3462322069>**CAPÍTULO 10.....94****ESTRESSE E AGENTES ESTRESSORES: RESSONÂNCIAS E POSSIBILIDADES NO AMBIENTE DE TRABALHO**

Kélbia Najara Teles Silva

Rejane Comim

Tania Maria Cemim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.34623220610>**CAPÍTULO 11 ..... 103****INTERVENÇÃO EM MEDITAÇÃO COM FOCO NA PROMOÇÃO DE SAÚDE E BEM-ESTAR DO TRABALHADOR**

Giulia Sturmer de Souza

Fabiana Maluf Rabacow

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.34623220611>**CAPÍTULO 12..... 111****AS AÇÕES DA PSICOLOGIA DIANTE DAS SITUAÇÕES DE DESASTRES SOCIOAMBIENTAIS**

Nayara Rita Cardoso Campos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.34623220612>**CAPÍTULO 13..... 130****A SÍNDROME DE DOWN E AS HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS**

Eduarda Faria Vieira Lopes

Rafaella Márcia Mendes de Oliveira

Mônica Freitas Ferreira Novaes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.34623220613>

**CAPÍTULO 14..... 146**

DIAGNÓSTICO DE TDAH EM ADULTOS

Gabriela Lemes Ribeiro Mota

Raphael Silva Lima

Vera Lucia Carvalho Amorim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.34623220614>

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 150**

**ÍNDICE REMISSIVO.....151**

## LIBIDO SEGUNDO A PSICANÁLISE: EXPLORANDO O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

*Data de aceite: 02/06/2023*

### **Poliana Aires Rocha Rezende**

Advogada, discente de psicologia na Universidade Estadual de Goiás UEG  
<http://lattes.cnpq.br/0215637027696321>

### **Késia Mariane De Oliveira Bueno**

Discente de psicologia na Universidade Estadual de Goiás UEG  
<http://lattes.cnpq.br/3713207127877982>

### **Maria Vitória Lopes De Oliveira Araújo**

Discente de psicologia na Universidade Estadual de Goiás UEG  
<http://lattes.cnpq.br/8228572178220356>

### **Nayara Gomes Da Silva**

Pedagoga, discente de psicologia na Universidade Estadual de Goiás UEG  
<http://lattes.cnpq.br/4469197678864014>

### **Maria Clara G. Dantas**

Discente de psicologia na Universidade Estadual de Goiás UEG  
<http://lattes.cnpq.br/3514322321803115>

### **Ezequiel Martins Ferreira**

Psicólogo, Mestre, Docente do curso de psicologia na Universidade Estadual de Goiás UEG  
<http://lattes.cnpq.br/4682398500800654>

**RESUMO:** O presente trabalho está associado a perspectiva de Sigmund Freud sobre a libido, que é um conceito fundamental na psicanálise. Para Freud a libido era uma força psicológica que impulsionava a vida sexual e todo o psiquismo de uma pessoa. Sua teoria da libido foi desenvolvida ao longo de várias décadas e ele a incorporou em sua teoria geral da psicanálise. Freud analisou o desenvolvimento humano como um desenvolvimento psicosssexual a partir de uma energia, sendo definida como libido. Essa energia afetiva original que vai desenvolvendo durante a vida, se inicia já na infância. Assim, a cada etapa dessa progressão da libido, vai sendo definida nas fases de desenvolvimento de uma criança até a vida adulta. Dessa maneira, a energia está relacionada com a proposta de uma realização, e esta realização, por sua vez, com a obtenção do prazer, por meio de uma descarga energética. E conforme a criança vai desenvolvendo, essa energia sexual vai obtendo ligações afetivas que traçam marcas na estrutura do sujeito ao longo de toda a sua vida. A libido irá acontecer em duas ondas, uma autoerótica e uma em direção à alteridade. A primeira dessas ondas é dividida em três fases de desenvolvimento infantil: a fase oral, a fase

anal e a fase fálica. Logo após há um período definido como período de latência, para dar estrutura para a segunda onda, que será organizada na fase adulta, pela organização de uma fase genital.

**PALAVRAS – CHAVE:** Libido. Desenvolvimento. Criança. Desejo. Prazer.

**ABSTRACT:** The present work is associated with Sigmund Freud's perspective on libido, which is a fundamental concept in psychoanalysis. For Freud, the libido was a psychological force that drove the sexual life and the entire psyche of a person. His theory of the libido was developed over several decades and he incorporated it into his general theory of psychoanalysis. Freud analyzed human development as a psychosexual development from an energy, being defined as libido. This original affective energy that develops during life begins in childhood. Thus, at each stage of this libido progression, it is defined in the stages of development from a child to adulthood. In this way, energy is related to the proposal of a realization, and this realization, in turn, with the attainment of pleasure, through an energetic discharge. And as the child develops, this sexual energy acquires affective connections that mark the subject's structure throughout his or her life. Libido will happen in two waves, one autoerotic and one towards otherness. The first of these waves is divided into three stages of child development: the oral stage, the anal stage and the phallic stage. Soon after, there is a period defined as the latency period, to provide structure for the second wave, which will be organized in the adult phase, by the organization of a genital phase.

**KEYWORDS:** Libido. Development. Child. Desire. Pleasure.

## 1 | INTRODUÇÃO

Para a presente discussão iremos abordar o conceito de libido na construção e teorização da psicanálise. Para Sigmund Freud (1856-1939) o termo sexualidade não está relacionado à vulgaridade e falta de moralidade impostos pelo senso comum, pelo contrário: é essencial para o desenvolvimento do ser humano. O princípio do conceito de sexualidade para Freud é de que toda pulsão é pulsão sexual. Pulsão significa energia, são impulsos psíquicos que conduzem o comportamento humano. Energia, como o que impulsiona o desenvolvimento, por sua vez, é aqui definida como libido, a energia das pulsões sexuais.

A psicanálise do desenvolvimento infantil é uma área que se dedica a compreender como as experiências vividas na infância influenciam o desenvolvimento psicológico e emocional da criança. Um dos conceitos fundamentais dessa teoria é a libido, que é definida como a energia psíquica que impulsiona os processos de desenvolvimento e que está presente desde o nascimento.

A sexualidade infantil é um termo difícil de ser abordado, apesar de Freud durante seus estudos afirmar que a criança tem uma sexualidade, não a sexualidade adulta relacionada ao sexo, mas uma sexualidade ligada à libido ou prazer, até hoje ainda é complicado para a sociedade aceitar a teoria freudiana.

Já que socialmente a criança é considerada um ser angelical, e com essa concepção não poderia ser relacionada a prazeres. Quando se fala em libido infantil, estamos nos

referindo ao prazer que a criança sente ao descobrir o mundo através do seu corpo, a partir de uma relação autoerótica, essa fase de descoberta são as fases do desenvolvimento infantil, e envolvem três fases: oral, anal e fálica.

De acordo com a teoria psicanalítica, a libido tem um papel central no desenvolvimento da criança, pois é através dela que são formados os primeiros vínculos emocionais com os cuidadores e que são construídas as primeiras representações mentais sobre o mundo e sobre si mesmo. A libido é uma energia que está em constante fluxo, sendo direcionada para diferentes objetos de desejo ao longo do desenvolvimento.

Ao longo do desenvolvimento, a libido sofre transformações e pode ser fixada em determinados estágios ou objetos de desejo, o que pode levar a problemas emocionais e psicológicos na vida adulta. Por exemplo, se a criança não conseguir superar o Complexo de Édipo na fase fálica, pode desenvolver uma fixação sexual nas imagens do pai ou da mãe e ter dificuldades em estabelecer relações amorosas saudáveis.

## 2 | DESENVOLVIMENTO

Em latim, a *libido* é algo que remete à sexualidade ou ao desejo e pode ser definida como a energia que nos move em busca de algum prazer ou satisfação dos nossos desejos. Freud busca também ampliar o conceito de sexualidade para algo que vai além do sexo, e em vincular isso com o estudo das fases de desenvolvimento. Para ele a sexualidade compreende excitações e desejos presentes do indivíduo desde sua infância. Tal teoria causou um enorme impacto na sociedade tradicional da época, levando a sociedade a levantar vários questionamentos a respeito de sua moralidade.

Para compreendermos a sexualidade infantil devemos primeiro entender a diferença entre sexo e sexualidade na concepção social. Sexo está relacionado ao fator biológico, à reprodução, está ligado aos gêneros feminino e masculino, já a sexualidade ultrapassa o sexo, o biológico, está relacionada às experiências.

Para (Costa e Oliveira, 2011) o desenvolvimento infantil, amparado pela perspectiva da sexualidade é ligado às necessidades orgânicas e acaba se apresentando como autoerótico, procurando a satisfação e realização de seus desejos em seu próprio corpo.

A fase oral é a primeira fase e é relacionada ao descobrimento do que lhe causa prazer através da boca, a mãe ao amamentar seu filho, não apenas o nutri, mas também lhe oferece afeto, carinho e atenção, e isso provoca na criança uma sensação de prazer e até os dois anos ele busca através da boca reencontrar esse prazer. Segundo Freud (2006):

A sexualidade é construída durante as primeiras experiências afetivas do bebê. Quando nasce, a percepção do bebê é sensorial, todo contato com seus pais ou cuidadores passa a compor as primeiras sensações sexuais e será a base para a construção dos vínculos afetivos e do desejo de aprender. Essa construção ocorrerá por meio da energia afetiva, que levará o organismo

a perseguir seus objetivos. A essa energia, Freud denominou de libido, que é sinônimo de energia sexual. (FREUD, 2006, p. 171).

Já na segunda fase que é a anal, sua energia passa da boca para a região anal, a criança tem a descoberta das suas necessidades fisiológicas, mas com esse conhecimento gera conflitos, já que ele entende que é algo que necessita um local correto para essa necessidade do corpo, e o conflito está por às vezes por não conseguir fazer no local correto, é cobrada. “Tal como a zona dos lábios, a zona anal está apta, por sua posição, a mediar um apoio da sexualidade em outras funções corporais” (FREUD, 2006, p. 175).

E a última fase autoerótica é a fálica que a descoberta dos órgãos sexuais, onde a criança entende as diferenças dos órgãos genitais nos gêneros feminino e masculino, é nessa fase que surge o complexo de Édipo que é o desejo da criança pelo genitor do sexo oposto.

E por fim temos o período de latência onde a criança tem sua energia sexual pausada até a adolescência. Freud (2006, p. 167) descreve esse período de latência, como uma repressão da energia sexual a diques.

Em relação à pulsão sexual, Freud fala da existência de pulsões parciais, em sua maioria associadas a uma zona erógena, que são partes do corpo que proporcionam sensações prazerosas. A libido ainda encontra diversas formas de manifestar-se, sendo a zona erógena – determinada pelos pontos do corpo que servem de objeto de consumação do prazer sexual.

Com isso, a reflexão sobre a sexualidade infantil remete para a importante contribuição de Freud para a sexualidade do século XX. Diferentemente da sociedade da época, Freud dizia que a infância era provida de sexualidade, e isso contrastava com o pensamento social que mantinha uma ideia de “inocência” que a infância era dotada.

Freud em sua teoria também disse que a libido poderia ser reprimida e sublimada, isso significa que ela poderia ser canalizada para outras áreas da vida, como por exemplo o trabalho ou a criatividade. Para ele conflitos emocionais como, ansiedade, poderiam afetar a libido de uma pessoa. O autor ainda argumentou que a libido era uma força que poderia ser direcionada para objetivos diferentes, como a criatividade, o amor e o trabalho, e acreditava que se a libido fosse reprimida poderia levar a pessoa a neurose e outros problemas psicológicos.

Até o fim de sua vida, Freud estudou e explorou o conceito libido. Ao longo de sua carreira ele foi desenvolvendo a teoria da libido e incorporou-a em sua teoria geral da psicanálise.

### **3 | CONCLUSÃO**

Dito isso, concluiu-se que Sigmund Freud mudou totalmente a visão do conceito de sexualidade durante o século XX. A psicanálise toma uma posição em que a sexualidade

é algo inerente ao ser humano, visto que está presente no ser humano desde os primeiros anos de vida e vai se modelar a partir da relação com o outro e com o meio social. Tal teoria propagou-se até os dias atuais, e é um conceito chave para melhor entendimento da Teoria Psicanalítica de Freud.

Portanto, a libido é uma força energética que impulsiona a vida psíquica e essa tem um caráter e sentido sexual, na medida em que a perspectiva de desejo em Freud está relacionada com a realização do próprio desejo enquanto descarga energética, como sinônimo de prazer. A teoria da libido de Freud continua a influenciar a psicanálise e outras teorias psicológicas até os dias de hoje.

Em resumo, a teoria psicanalítica do desenvolvimento infantil enfatiza a importância da libido na construção da personalidade e das relações sociais do sujeito. Ao compreender como a energia psíquica flui ao longo do desenvolvimento e como pode ser desviada ou fixada em determinados estágios, os psicanalistas podem ajudar a criança e o adulto a superar traumas e dificuldades emocionais e a desenvolver relações mais saudáveis e satisfatórias.

## REFERÊNCIAS

DA COSTA, Elis Regina; DE OLIVEIRA, Kênia Elaine. **A sexualidade segundo a teoria psicanalítica freudiana e o papel dos pais neste processo**. Revista UFG: Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia Câmpus Jataí, 2011. v. 2. ISBN 18079342

FREUD, Sigmund. Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos. 1901-1905. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII**. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Strachey (Ed. e Trad.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**(Vol. 7, pp. 117-231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

FREUD, S. (1996). Conferência XXI: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In J. Strachey (Ed. e Trad.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (Vol. 16). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917[1916-17]).

FREUD, S. (1996). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In J. Strachey (Ed. e Trad.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (Vol. 19, pp. 325-342). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).

ODESSA, M. W.. (2016). **Contribuições para a sexualidade infantil**\*1, \*2. *Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental*, 19(Rev. latinoam. psicopatol. fundam., 2016 19(3)), acessado em 13/04/2023. 512–526. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2016v19n3p512.10>.

# A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE

*Data de aceite: 02/06/2023*

**Marlene Ribeiro Martins**

<https://lattes.cnpq.br/4320167231367537>

**RESUMO** - Este trabalho apresenta a construção da subjetividade, compreendendo que o ser humano se desenvolve e se constitui como sujeito desde a primeira infância e esta construção é um dos fatores do funcionamento do indivíduo mais complexos e demanda ser melhor compreendido pelo profissional da psicanálise. A hipótese de que o entendimento deste conceito possibilita ao profissional trabalhar de forma mais conhecedora do material fornecido pelo paciente levou a estabelecer como objetivo compreender com um ser se constitui na sua subjetividade. A importância deste trabalho se aplica nos conhecimentos necessário para atender as demandas do paciente e baseia-se numa pesquisa bibliográfica. Fundamenta-se nos principais teóricos que discutem este constructo, como, Winnicott, Lacan, Freud, González Rey e outros. Para os estudiosos do tema, corpo, mente, espaço externo, temporalidade, social e cultura são os grandes influenciadores na construção da subjetividade. Dentre as intermediações

estudadas, percebe-se as confluências para questões intra e intersubjetivas. Conclui-se que a subjetividade é um estudo recorrente, pois a necessidade de compreensão do sujeito é algo inerente às ciências que estudam e trabalham com o comportamento, o pensamento e a mente humana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Subjetividade. Intersubjetivas. Intrasubjetivas.

## THE CONSTITUTION OF SUBJECTIVITY

**ABSTRACT** - This work presents the construction of subjectivity, understanding that the human being develops and constitutes himself as a subject from early childhood and this construction is one of the most complex factors in the functioning of the individual and demands to be better understood by the psychoanalysis professional. The hypothesis that the understanding of this concept allows the professional to work in a more knowledgeable way of the material provided by the patient led to establishing the objective of understanding how a being is constituted in its subjectivity. The importance of this work applies to the knowledge necessary to meet

the patient's demands and is based on a bibliographical research. It is based on the main theorists who discuss this construct, such as Winnicott, Lacan, Freud, González Rey and others. For those who study the subject, body, mind, external space, temporality, social and culture are the great influencers in the construction of subjectivity. Among the intermediations studied, we can see the confluences for intra and intersubjective issues. It is concluded that subjectivity is a recurrent study, as the need to understand the subject is something inherent to the sciences that study and work with behavior, thought and the human mind.

**KEYWORDS:** Subjectivity. Intersubjective. Intrasubjective.

## 1 | INTRODUÇÃO

A proposta deste estudo surge a partir de muitos anos trabalhando com clínica e da experiência com crianças que apresentam diversas questões psicológicas, que muitas vezes não nos permite chegar num tempo que gostaríamos a um diagnóstico, demandando assim um aprofundamento maior nas observações e investigações de certas características que formam o funcionamento psicológico desta criança.

A experiência nos remete a compreender que a subjetividade é um destes aspectos importantes, assim, este artigo discute a constituição da subjetividade. A pessoa evolui e se constitui como sujeito desde o nascimento, num processo repetitivo e que ocorre continuamente nas suas experimentações corporais, isto é, nas suas ações, que modifica e é modificada pela interação social.

A subjetividade é sem dúvida um dos aspectos do funcionamento da mente humana mais complexo e completo e percebe-se nas formações em cursos superiores afalta de se trabalhar mais profundamente esta temática de forma a preparar o profissional a conhecer bem o assunto e ter mais facilidade para desenvolver um trabalho de qualidade. Assim, torna-se necessário responder a seguinte questão central: Como o conhecimento acerca da subjetividade pode colaborar e preparar melhor o Psicanalista para o desenvolvimento de um bom atendimento clínico?

Partimos da hipótese de que a compreensão do construto subjetividade contribui na maneira com que o profissional da psicanálise transite com mais segurança entre aquilo que o seu paciente exterioriza na linguagem e nas ações e os valores, significantes e significados que estes representam.

O objetivo geral deste trabalho é compreender como um ser se constitui na sua subjetividade e os específicos são identificar na literatura definições para a subjetividade e discutir alguns dos diferentes conceitos para este constructo.

Portanto, este estudo se justifica pela fundamental importância ao profissional que atua na área clínica psicanalítica, pois o mesmo deve adquirir conhecimentos com bases científicas acerca da constituição humana e necessita estar sempre se aprimorando e aplicando estas informações para melhorar a qualidade do seu trabalho.

Um dos grandes dilemas na área do atendimento clínico é a relação entre teoria

e prática. A prática é claramente um processo fundamental no desenvolvimento de um atendimento de excelência, entretanto, o embasamento baseado em estudos evidenciais tem provocado boas discussões a respeito de sua importância no aprimoramento do profissional clínico. A questão central de investigação deste trabalho é as bases teóricas em evidências científicas nos estudos das últimas décadas nos proporcionam melhores conhecimentos e, portanto, mais preparo para a prática profissional?

Para responder esta questão, o artigo se baseou numa pesquisa bibliográfica, consultando artigos científicos e clássicos da literatura da Psicologia. (GONZÁLEZ REY, 1995, 2003, 2005; WINNICOTT, 2005, 2019)

A base teórica está em alguns estudos clássicos e modernos importantes, os quais desenvolveram trabalhos profundos acerca desta temática, dentre os quais pode-se destacar Donald Winnicott, Sigmund Freud, Jacques Lacan e outros.

Para tanto o trabalho está assim organizado, primeiramente apresenta-se as discussões acerca de algumas concepções teóricas da subjetividade, conclusões e por fim as referências.

## **2 | DESENVOLVIMENTO**

Winnicott impactou e causou enorme reverberação na área da psicanálise pela importância que deu à maturidade enquanto processo ambiental também e pelos destaques ao próprio ambiente em si, como a relação paterno-filial, elementos transicionais e o brincar. Para o autor, a criança tem uma dependência absoluta da mãe no início da vida, mas ao enfrentar os primeiros confrontos com as questões do mundo externo ao brincar, sonhar e ao contato, a mesma vai enriquecendo seu psiquismo e constituindo sua subjetividade. (WINNICOTT, 2005).

O ambiente rico e as experiências do adulto com a criança influenciarão sua evolução e constituição e assim, a mente da criança tem uma ligação direta com este ambiente com o qual vai lidando e reconhecendo. Para o autor, a mente não ocupa um determinado lugar, nem o psiquismo (WINNICOTT, 2000), mas sim o corpo todo e isto faz com que um outro elemento importante influencie a subjetividade, que é a potencialidade, a qual se constrói pela experimentação entre o interior e o exterior da criança, com os sujeitos e os objetos.

Segundo o autor, a condição favorável de estabelecer relacionamento consigo mesmo é uma aquisição que ocorre após outra e outra e que tenha tido como condição primordial certa segurança, garantindo as necessidades da criança. Ainda segundo autor, antes deste momento, ocorre a unidade bebê-ambiente, que é única para cada criança, e só é boa para aquela criança, pois é singular, proporcionando a evolução emocional e sua ligação com o externo, mas depende essencialmente do cuidado. E segundo Montenegro (2006): “Só por meio do cuidado suficientemente bom, das técnicas, da sustentação e do manejo geral é que essa unidade ambiente-indivíduo pode ser estabelecida.” (p. 27)

Um dos aspectos mais elementares da teoria winnicottiana, conforme citado anteriormente, são os elementos transacionais. A transacionalidade é o ponto comum entre o interno e externo, isto é, para o autor, não existe divisão entre estes dois pontos, não é possível saber na criança quando começa ou termina um ou outro. (WINNICOTT, 2019).

Percebe-se a importância da leitura, estudo e compreensão que o psicanalista deve fazer acerca dos elementos externos trazidos pelos pacientes e ajudá-los a perceber o que e quanto estes reverberam no seu interior ou não, como isto se processa e quais as consequências, para que os mesmos possam entrar em contato e fazerem suas próprias escolhas, entendendo que não escolher é uma escolha.

Segundo González Rey (2003), a Teoria da Subjetividade apresenta um entendimento da subjetividade semelhante a um sistema plurideterminado pela sociedade e ocorre nas relações interpessoais, o que para a criança é marcado por sua evolução social.

Considerando que a mesma teoria possibilita a construção de um modelo que permite explicar os diversos fenômenos sociais, o autor relata que a subjetividade não pode ser reduzida à linguagem, mas sim está nas vivências sociais de cada um. (GONZÁLEZ REY, 2017). Portanto, a subjetividade é: “[...] uma produção qualitativamente diferenciada dos seres humanos, dentro das condições sociais, culturais e historicamente situadas em que vivemos”. (GONZÁLEZ REY, 2017 p. 62).

Sendo assim, é possível perceber a complexidade da constituição da subjetividade infantil, visto que este ser ainda está em desenvolvimento e, portanto, sujeito às influências externas de forma muito intensa. Para a compreensão de como isso se forma na personalidade da criança é necessário entender que:

O tema da subjetividade é adotado a partir de uma perspectiva dialógica, dialética e complexa, em que a subjetividade não aparece “coisificada” em nenhum tipo de entidade, nem de invariante universal da natureza humana, mas que se expressa como um sistema complexo em constante avanço, que constitui o sujeito concreto e, por sua vez, é constituída por aquele de forma permanente, por meio de sua constante produção de sentidos e significados dentro dos diferentes sistemas da subjetividade social em que desenvolve suas ações. (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 8).

Um dos aspectos importantes a ser destacados é de que a pessoa não se constitui sozinha, ela necessita absolutamente do Outro nesta relação, assim a subjetividade individual, isto é, a dimensão individual, não ocorre sem a social, pois ambas se constroem juntas. Por outro lado, não se pode negar a complexidade e a singularidade da subjetividade individual, pois a mesma acontece em diferentes níveis, em várias contradições e são codependentes. (GONZÁLEZ REY, 2005).

Assim, podemos dizer que a Teoria da Subjetividade de González Rey (1995, 2003) constituiu a uma teoria que reconhece a subjetividade no valor da cultura, do social e da história considerando a singularidade. Além disso, entende o constructo como um organismo atuante que necessita da produção de sentidos novos que adentram na subjetividade e

estabelecem uma relação dinâmica entre o individual e o social, concluindo-se com social por meio da relação que se estabelece com o individual.

A subjetividade individual estrutura-se a partir da essência, na evolução e entendimento do indivíduo que ao se inter-relacionarem também se constitui e segundo o autor:

Tanto social quanto individual constituindo-se mutuamente. Não é possível considerar a subjetividade de um espaço social desvinculada da subjetividade dos indivíduos que a constituem; do mesmo modo, não é possível compreender a constituição da subjetividade individual sem considerar a subjetividade dos espaços sociais que contribuem para sua produção (2005, p. 20).

Segundo o autor, o indivíduo por ser ativo, criativo e reflexivo está sujeito às mudanças e, portanto, constantes estados de rupturas e tensões, gerando novas subjetivações sociais e individuais. A personalidade é um sistema subjetivo que se organiza de forma autônoma a partir das vivências experienciadas pelo indivíduo. Esta forma de funcionamento só é possível pela plasticidade que possibilita as transformações processuais entre a história da pessoa, o momento e o fornecimento dos sentidos a este sujeito. Podemos perceber a complexidade do desenvolvimento da subjetividade, segundo esta teoria, pois implica em subjetividade social, personalidade e sujeito serem integrarem-se reciprocamente.

É possível conferir esta ideia no texto *“O estádio do espelho como formador da função do eu, tal qual nos revelada na experiência psicanalítica”*, que foi discutido no XVI Congresso da Associação Internacional de Psicanálise (IPA), em 1949, por Lacan, no qual o autor descreveu a fase do espelho, e relatou influencia do social na questão psíquica e as funções que designam as representações inconscientes no processo de formação do indivíduo. A proposta do autor foi compreender a função do eu e apresentar a seguinte ideia: “o sujeito não é mais nada a não ser o lugar de sucessão de sensações, de desejos e de imagens” (1986, p. 35). Assim, percebe-se que para o autor as experiências na história do indivíduo são os aspectos que vão constituindo sua subjetividade na relação existencial, pois nas palavras de Lacan:

O que ensinamos o sujeito a reconhecer como seu inconsciente é sua história – ou seja, nós o ajudamos a perfazer a historização atual dos fatos que já determinaram em sua existência um certo número de “reviravoltas” históricas. [...] Assim, toda fixação numa pretensa fase instintual é, antes de mais nada, um estigma histórico. [...] Dito de maneira sucinta, os estádios instintuais já estão, ao serem vividos, organizados como subjetividade. (1998, p. 263).

A partir de uma apresentação, cujo título foi “Discurso de Roma”, no qual mostrou-se o trabalho “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, que foram apresentadas as ideias de Lacan, de que o acontecimento psicológico não é imediato, de que o fato é produzido pela linguagem que o outro faz à pessoa e de que “o valor da psicanálise estava, então, na percepção de que uma ciência da subjetividade seria, necessariamente, uma lógica da enunciação” (SAFATLE, 2000, p. 61), que a psicanálise e

a subjetividade começaram a tomar outra direção. Lacan (1998, p. 27) “define o conceito de inconsciente como a fala do outro”, por meio da intersubjetividade, destacando o quão a linguagem é importante neste processo, e que define a ação da pessoa sem consciência disso, e a maneira como o indivíduo se inter-relaciona é ordenado pela natureza do tempo assim simbolizado.

Dews corrobora com a teoria lacaniana: “O sujeito representa o momento transcendente que deve ser visto como capaz de eludir e tornar possível a estrutura reflexiva da consciência de si, mesmo se a emergência dessa estrutura for compreendida em função de identificações intersubjetivas” (2003, p. 96).

Portanto, são muitos os pontos da teoria lacaniana que ao mesmo tempo convergem para intersubjetividade, de forma alguma desconsidera os conflitos gerados nesta relação e a importância para esta constituição.

Freud (1996) apresenta o conceito de subjetividade imbuído na discussão da ideia do eu, que segundo o autor: “torna possível supor que o caráter do ego é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto” (p. 44).

Para Freud, a partir da modernidade, as discussões se organizaram na ideia de “sujeito”, levando-o a não se utilizar deste termo nos seus escritos, especialmente porque Freud discordava do significado que comumente era dado a este conceito, como, sujeito como sinônimo de indivíduo autocentrado, consciência, resistente ao tempo, etc. (MATTEO, 2007)

Segundo o autor, para sair desta substancialidade, passou-se a usar o termo subjetividade, no sentido de mais um lugar, nas experiências interiores confrontadas a partir da intersubjetividade. Ainda assim, esta abstração não adotou a ideia de descentramento, de construção e desconstrução, de acordo com a psicanálise.

O significante “subjetivação” – do verbo subjetivar-se, fazer-se sujeito, construir-se – permite melhor se distanciar do perigo substancialista e incorporar à noção de sujeito aquela de processo, de “possibilidade de singularização”. Freud, porém, prefere outro “jogo de linguagem”: objetiva o sujeito num “aparelho da alma” cuja estrutura e funcionamento descreveu progressivamente em sua metapsicologia: do Projeto, ao capítulo VII da Interpretação dos sonhos (1900), ao O ego e o id (1923), passando pelo famoso artigo sobre “O inconsciente” de 1915. Uma leitura apressada dessa literatura psicanalítica pode dar a falsa impressão de que, ao questionar a primazia da consciência e da autodeterminação, a psicanálise freudiana reduza o psiquismo (a subjetividade) à interioridade do inconsciente, da vida das pulsões, da busca do próprio desejo, em suma, a um certo solipsismo. Freud, no entanto, foi um pensador lúcido que soube articular como ninguém a relação de conflito entre desejo e cultura. Pode ser situado na seqüência dos grandes médicos da alma que se compadeceram do sofrimento humano. (MATTEO, 2007, p. 194)

O autor apresenta o cuidado no estudo dos trabalhos de Freud, que carece da

parte do Psicanalista um aprofundamento para apropriar-se adequadamente dos sentidos para a temática. Percebe-se por estas primeiras ideias freudianas acerca do conceito de subjetividade a complexidade da discussão acerca deste tema, pois segundo o autor além de outros aspectos, a contextualização temporal, sócia e científica interferem na definição do conceito, demonstrando assim a relevância deste assunto para o trabalho psicanalítico.

Na atualidade, a subjetividade tem aparecido como a novidade a ser estudada pelas ciências, pois segundo Resende (2006), na contemporaneidade, a subjetividade surge como inovação, a partir de uma queda de autonomia dos indivíduos. Segundo a autora:

Depois de décadas operadas por um reducionismo mecanicista e positivista que aniquilava o sujeito frente às estruturas sociais, uma parte substantiva do debate acerca da subjetividade postula a descoberta, o nascimento, o ato inaugural de revelação da emergência da subjetividade enquanto a novíssima realidade contemporânea. Essa "descoberta" da subjetividade, se serve como vingança pelo seu ocultamento não a revela onde ela sempre esteve: na história, na realidade objetiva. Afinal, a par de que a separação entre indivíduo e sociedade tenha sido uma das mais sólidas bases sobre as quais se edificou a sociedade burguesa, a autonomização dessas realidades jamais se realizou na realidade, na história. (p. 2)

As pessoas não deixaram de ser sociáveis e a sociedade sempre foi objetiva de indivíduos contextualizados historicamente. "A subjetividade jamais deixou de ser internalização de realidades objetivas e a objetividade jamais deixou de ser o campo da externalização mediada de subjetividades." (RESENDE, 2006, p. 2)

Além dos autores clássicos e importantes como Winnicott, Lacan, Freud e a Teoria da Subjetividade de González Rey, muitos outros estudiosos discutem este conceito considerando a importância da revisão teórica que o mesmo requer.

A subjetividade é apresentada como algo presente na constituição da identidade de uma pessoa como resultado dos diversos acontecimentos de ações, pensamentos, contextos, etc ocorridos no tempo e espaço, nos quais a mesma esteve. (SILVA, 2009)

O autor Birman (1999) define a subjetividade como conjunto de elementos que o indivíduo tem e as formas que dá às suas vivências, consciente ou inconscientemente, assim como a dimensão cultural internalizada. Assim, esta estruturação interior é ao mesmo tempo singular e coletiva, pois é associada à cultura social, mas que cada pessoa apropria-se de maneira singular.

### 3 | CONCLUSÕES

As teorias estudadas neste trabalho nos levam a concluir acerca da importância do ambiente e das experiências do sujeito e de quanto estas influenciam a constituição e evolução da subjetividade. Ideia apresentada por Winnicott e Lacan, bem como a dimensão social e a partir desta reflexão, podemos considerar tanto em Winnicott como em Lacan, a intersubjetividade exaltando a constituição da subjetividade na descentração e na

participação do outro nesta construção.

Outro autor que apresenta algumas semelhanças é González Rey, na Teoria da Subjetividade, com foco nas relações interpessoais e ênfase na linguagem, as quais provocam transformações no indivíduo, que impactam, se estabilizam e causam mais mudanças tornando a organização subjetiva da pessoa mais evolutiva, pois vão adquirindo novos sentidos.

Lacan corrobora estas ideias ao afirmar que o acontecimento psicológico não é imediato, apontando o valor da linguagem do outro para a pessoal e destaca o conceito de inconsciente por meio da intersubjetividade, que tem a linguagem como fio condutor e implica na ação sem consciência.

Para a psicanálise freudiana, podemos concluir que Freud, por ser um estudioso articulador dos conflitos culturais e desejos do sujeito e um autor preocupado com o sofrimento das pessoas, cuidou também da subjetivação, no sentido de fazer-se construir, incorporando a ideia de sujeito em processo, com a possibilidade de singular-se, objetivando-o a partir do aparelho da alma. É necessário certo cuidado no estudo da subjetividade, pois segundo alguns estudiosos freudianos (MATTEO, 2007; RESENDE, 2006), o mesmo tem crescido como novidade e segundo Resende (2006), após muito tempo, o ser humano ser visto de forma reducionista pela sociedade, a subjetividade surge como algo novo a ser estudado, como se antes a mesma não existisse.

Os seres humanos são socioculturais e históricos como características e a sociedade em que vivemos tem características objetivas, portanto, podemos concluir que é um tema bastante complexo e que necessita de muitos estudos para melhor entendimento.

Respondendo à nossa questão central, só é possível avançarmos no atendimento aos pacientes de forma comprometida com muitos estudos atualizados a respeito de um dos aspectos do ser humano que mais sofrem influências do meio no qual o mesmo convive.

Além disso, considerando que o ser humano é um ser de pensamentos e ações, este é um tema que necessita ser bem investigado, pois as pessoas transformam-se de acordo com a sociedade, o tempo e os espaços, portanto, a forma de constituição da subjetividade também passa por este processo, pois a mesma é individual e ao mesmo tempo coletiva.

## REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: A psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

DEWS, Peter. A verdade do sujeito: linguagem, validade e transcendência em Lacan e Habermas. Trad.: André Carone. Em: SAFATLE, Vladimir Pinheiro (org.). **Um limite tenso**: Lacan entre a filosofia e a psicanálise. São Paulo: UNESP 2003.

FREUD, S. **O ego e o id**. v. XIX, pp. 15-82, Edição Standard Brasileira de Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago. Texto originalmente publicado em 1923, 1996.

GONZÁLEZ Rey, F. **Comunicación personalidad y desarrollo**. Ciudad de La Habana, Cuba: Editorial Pueblo y Educación, 1995.

GONZALEZ REY, F. L. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson, 2003.

GONZALEZ REY, F. L. (Org.) **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Thomson, 2005.

GONZALEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade, os processos da construção de informação**. São Paulo: Cengage Learning, 2017.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1954-1954, 1986.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: **Escritos**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998.

MATTEO, Vincenzo Di. Subjetividade e cultura em Freud: ressonâncias no 'mal-estar' contemporâneo. Dossiê Filosofia e Psicanálise. **Discurso**, n. 36 2007. Disponível em: [https://filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br/files/publicacoes/Discurso/Artigos/D36/D36\\_Subjetividade\\_e\\_cultura\\_em\\_Freud.pdf](https://filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br/files/publicacoes/Discurso/Artigos/D36/D36_Subjetividade_e_cultura_em_Freud.pdf). Acesso em: 13 dez 2021.

MONTENEGRO, Maria José Pereira. **O papel do outro na constituição da subjetividade, em Winnicott**. Tese de Mestrado. PUC-Pontifícia Universidade Católica. São Paulo-SP, 2006.

RESENDE, Anita C. Azevedo. **Subjetividade e cultura**: a contribuição da psicanálise ao debate. UFG/UCG. GT: Psicologia da Educação / n.20 Agência Financiadora: CNPq. 2006. Caxambu-MG. Disponível em: [http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalhos\\_encomendados/GT20/TE%20-%20GT20%20-%20Anita%20A.Resende.pdf](http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalhos_encomendados/GT20/TE%20-%20GT20%20-%20Anita%20A.Resende.pdf). Acesso em 13 dez 2021.

SAFATLE, Vladimir Pinheiro. A ilusão da transparência: sobre a leitura lacaniana de Descarte. *Ágora – Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, Vol. III, n. I, pp. 59-76, 2000.

SILVA, F. G. Subjetividade, Individualidade, Personalidade e Identidade: concepções a partir da Psicologia histórico-cultural, 28, pp. 169-195. **Psicologia da Educação**. São Paulo, 2009.

WINNICOTT, Donald. Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 2019.

WINNICOTT, D.W. (1983c). A teoria do relacionamento paterno-infantil. In D.W. Winnicott, **O meio ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original de 1960)126 *Revista Brasileira de Psicanálise* · Volume 45, n. 2 · 2019.

WINNICOTT, D.W. A mente e sua relação com o psicossoma. In D.W. Winnicott, **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1949), 2000.

WINNICOTT, D. W. **Pensando sobre crianças**. Porto Alegre: RS: Artmed, 2005.

# ATUAÇÃO E INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA: ATENDIMENTO EM GRUPO DE CRIANÇAS COM QUEIXA ESCOLAR

Data de submissão: 03/05/2023

Data de aceite: 02/06/2023

**Vanessa Nonato**

Psicóloga

São Caetano do Sul - São Paulo

<http://lattes.cnpq.br/0791600654605375>

**RESUMO:** Esse relato de experiência tem como objetivo apresentar contribuições de atuação clínica em psicologia. A proposta de intervenção foi realizada no Espaço Clínico Ápice. Como forma de rompimento do modelo tradicional foi proposto atendimento em grupo das crianças que já estavam em psicoterapia e enfrentam queixas escolares. Como resultado percebe-se trocas, acolhimento e escuta dos colegas e da psicóloga. Por fim, os resultados indicam que esses procedimentos em psicologia clínica estão de acordo com a perspectiva crítica em psicologia escolar e possibilitam a despatologização das queixas escolares.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Queixa escolar, psicoterapia, grupo, psicanálise.*

## PERFORMANCE AND INTERVENTION IN PSYCHOLOGY: GROUP CARE OF CHILDREN WITH SCHOOL COMPLAINTS

**ABSTRACT:** This experience report aims to present contributions of clinical practice in psychology. The intervention proposal was carried out in the Ápice Clinical Space. As a way of breaking the traditional model, group care was proposed for children who were already in psychotherapy and face school complaints. As a result, exchanges, welcoming and listening to colleagues and the psychologist are perceived. Finally, the results indicate that these procedures in clinical psychology are in accordance with the critical perspective in school psychology and enable the depathologization of school complaints.

**KEYWORDS:** School complaint, psychotherapy, group, psychoanalysis.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar contribuições pessoais de atuação clínica em psicologia, frente às queixas escolares, no Espaço Clínico

Ápice localizado em São Caetano do Sul. Diariamente a clínica realiza triagens e é evidente a grande procura de atendimento psicológico devido à questões relacionadas à escola. Normalmente, as queixas estão relacionadas a “problemas de aprendizagem” e a “problemas de comportamento”. Como as queixas são relatadas é possível identificar a centralidade do indivíduo como responsável por questões escolares. Sendo assim, as discussões e as possibilidades de intervenções serão alicerçadas na perspectiva crítica em Psicologia Escolar e as contribuições de D.W. Winnicott.

Segundo Proença (2002), quando a (o) psicóloga (o) recebe uma queixa escolar, é apenas um fragmento de um todo, ou seja, um recorte de uma rede de relações sociais que o profissional da psicologia clínica tem acesso. Infelizmente, é muito comum no campo da psicologia, ao receber uma queixa escolar o profissional já relacionar a aspectos do psiquismo, ignorando, outras situações objetivas e concretas. Mesmo com a visita ou reunião escolar, não temos dimensão do que acontece na escola, não sabemos a causa do fracasso ou do sucesso no processo de aprendizagem.

Em relação ao termo “dificuldade de aprendizagem”, Nonato (2022) explicou que com o objetivo de romper a lógica patologizante e medicalizante, que vem sendo sustentada historicamente pela psicologia enquanto ciência e profissão, a queixa escolar passa a ser compreendida como “dificuldades de escolarização”.

Desta forma, segundo Checchia (2020), são consideradas as questões mais complexas como a presença de elementos pedagógicos, políticos, históricos e sociais. Assim, as doenças do não aprender e os comportamentos que destoam do que é considerado normal e aceitável na instituição de ensino não são reduzidos aos alunos. São agentes responsáveis desse processo: a família, o (a) aluno (a) e os profissionais da escola.

Visto que, na clínica os encaminhamentos chegam como se o problema fosse individual daquela criança específica. No que tange a atuação clínica, alicerçada na psicanálise, não é possível mensurar o sofrimento do sujeito, cada caso é analisado dentro da sua subjetividade.

Como forma de criar vínculo com o paciente e realizar as intervenções psicológicas, o brincar é uma atividade universal utilizada. Entende-se que o brincar é o equivalente a associação livre. “A possibilidade de brincar corresponde a um dos aspectos fundamentais da saúde e leva à afirmação (encontro) de si mesmo e aos relacionamentos sociais”. (FULGENCIO, 2016).

Ainda segundo o autor, explicou que para Winnicott, o tratamento psicoterápico psicanalítico se desdobra no brincar do analista e do paciente. Sendo assim, gerando encontros que contribuam diretamente para o desenvolvimento emocional da criança.

Com tais críticas apresentadas, como pode atuar a (o) psicóloga (o) com as queixas escolares no contexto clínico sem seguir com o modelo individualizante?

## OBJETIVO

O objetivo deste relato é apresentar possibilidades de atuação e intervenção em psicologia clínica em interface com a educação, com o intuito de despatologizar as queixas escolares e superar lógicas biologizantes, medicalizantes e as tradicionais explicações para o fracasso escolar.

## MÉTODO

O presente estudo trata-se de um relato de experiência de atuação e intervenção em psicologia clínica no Espaço Clínico Ápice localizado em São Caetano do Sul. Os dados apresentados são alicerçados em estratégias para romper com as ações patologizantes na atuação à queixa escolar das crianças encaminhadas para a psicoterapia.

## RESULTADOS PARCIAIS

Com a necessidade de encontrar alternativas para superar o modelo clínico tradicional de um atendimento à queixa escolar, foi possível pensar em novos espaços da instituição em busca de settings terapêuticos para além de um espaço supostamente controlado, por exemplo, o espaço de TAA (Terapia Assistida por animais) que é composto por peixes, jabutis, coelhos, calopsitas e uma mini cabra. Uma curiosidade do local é que cada animal tem um nome de um autor da psicologia. Além de ser um espaço vasto e acolhedor, algo ainda faltava para realizar as intervenções.

Nasce então a ideia de atendimento em grupo. Para selecionar e montar o grupo alguns critérios foram utilizados, tais como: idade, sexo, queixa escolares e estar em psicoterapia. Os pacientes continuaram sendo atendidos individualmente semanalmente e os encontros em grupo realizados uma vez por mês com duração de uma hora. A proposta é continuar os atendimentos em grupo até o final de julho e verificar se há a necessidade de aumentar o número de encontros.

Vale mencionar que o apoio da psicóloga Angeline, proprietária do Espaço Clínico Ápice, foi fundamental, pois além de acreditar na ideia do projeto, liberou o espaço para utilização. Aproveito para agradecer ao Iago do Marketing e a Ana estagiária que deram suporte para os encontros acontecerem.

É importante mencionar também que a ideia é uma espécie de projeto piloto que vem sendo aprimorada no decorrer dos encontros e a inspiração para essa atuação vem do capítulo “Atendimento em grupo de crianças com queixa escolar: possibilidades de escuta, trocas e novos olhares” do livro *Orientação à queixa escolar* de Beatriz de Paula Souza. Visando que é um projeto em andamento, dá margens para ser continuado e publicações futuras.

Atualmente, foram realizados dois encontros com o objetivo de resgatar nas

crianças as potencialidades de pensar, aprender e ensinar por meio de atividades lúdicas e longe de quaisquer rótulos patologizantes. A composição do grupo foi formada por crianças típicas e atípicas que vivenciavam sofrimento no processo de escolarização. A seguir será mencionado um breve relato dos encontros realizados e o nome das crianças serão fictícios com um breve relato do encaminhamento. Outro aspecto relevante é que os pais das crianças citadas são participativos no processo e comparecem frequentemente para as sessões de orientação parental.

No primeiro encontro participou:

Caso 1- João, 8 anos, diagnosticado com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, descrevia a escola como um ambiente hostil, pedia para ir a enfermaria diariamente com a intenção de sair da escola. Os amigos o excluía dos esportes e não conseguia terminar a lição durante o tempo proposto em aula.

Caso 2 - Fábio, 7 anos, era o aluno menor da sala e quando não conseguia realizar as atividades chorava e os colegas o acolhiam, apresentava pouca autonomia para realizar as tarefas.

Caso 3 - Rodrigo, 8 anos, diagnosticado com Transtorno do Processamento Auditivo Central, mudou de escola por quatro vezes, apresentou dificuldades para socializar com os colegas e chorou durante a realização de algumas provas.

1º Encontro

Objetivo: Apresentação das crianças e integração do grupo

Material: Jogo Uno e lanches, cada criança trouxe uma guloseima para dividir com os colegas.

Descrição da atividade: Inicialmente, foi realizado o momento do lanche para que as crianças pudessem se apresentar e compartilhar o que trouxeram. Em seguida, as crianças optaram por jogar UNO e durante o jogo foi possível conversar sobre o dia na escola. As crianças falaram sobre as aulas, brincadeiras e episódios de bullying, sendo possível fazer intervenções a quem recorrer e os impactos que esse comportamento tem. Além disso, as crianças contaram episódios que choraram na escola e um foi acolhendo o outro. Todos saíram empolgados já pedindo o próximo encontro.

Além dos casos citados no segundo encontro participou mais duas crianças:

Caso 4 - Marcelo, 8 anos, o encaminhamento foi devido ao aspecto emocional, mas atualmente chorou na escola por dificuldades de estabelecer limites com as brincadeiras dos colegas.

Caso 5 - Gabriel, 8 anos, diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA) foi encaminhado para intervenções no que tange a socialização, aspecto emocional e a flexibilização cognitiva. Houve um episódio que chorou e não queria entrar na escola no dia da prova.

2º Encontro

Objetivo: Retomar a conversa do encontro anterior e integrar os colegas novos

Material: Jogo Uno e lanches, cada criança trouxe uma guloseima para dividir com os colegas.

Descrição da atividade: Foi seguido o padrão do encontro anterior, iniciando pelo lanche e apresentação dos colegas novos. As crianças optaram pelo jogo UNO novamente. Neste dia, além do dia-a-dia da escola, foi ressaltado as aulas de educação física em que algumas crianças foram impedidas de participar por os próprios colegas da sala ou sobre o time que perdeu no futebol, possibilitando intervenções sobre a importância da frustração e pensar em possibilidades do que fazer, como treinar mais, conversar com o professor, pedir ajuda para os amigos com mais habilidades nos jogos... Por fim, o próximo encontro está previsto para o mês de maio.

De modo geral, as crianças proporcionaram trocas e escuta, acolhendo umas às outras, resultando até em alguns casos de alta da psicoterapia e continuar apenas nos encontros mensais do grupo como é o caso do Fábio. A psicóloga teve como proposta mediar as conversas e jogos, mas as crianças que estabeleciam o que iriam jogar e os assuntos conversados. Por fim, os resultados indicam que esses procedimentos em psicologia clínica estão de acordo com a perspectiva crítica em psicologia escolar e possibilitam a despatologização das queixas escolares. Além de promover a socialização, melhora das habilidades sociais, trabalho colaborativo e empatia. Como dizia Freud (1921), “na vida psíquica dos ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário.” Ou seja, a psicologia individual é também desde o início da psicologia social.

## REFERÊNCIAS

CHECCHIA, A. K. A. **O questionamento do reducionismo de fenômenos social e historicamente constituídos do âmbito individual, no campo da Psicologia Escolar.** In: Contribuições da Psicologia Escolar para a formação de professores. São Paulo, SP: Dialética, 2020.

FULGENCIO, L. **A universalidade da ação de brincar.** In Por que Winnicott? São Paulo, SP: Zagodoni, 2016.

FREUD, S. (1921). **Psicologia das massas e análise do ego.** In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

Nonato, V. **Atuação e intervenção em psicologia: Despatologizando a queixa escolar.** In: Psicologia na educação agora é lei: Construindo Práticas ético-políticas. Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional – Representação São Paulo. Disponível <https://abrapee.wordpress.com/2023/01/25/> . Acesso em: 29 abril. 2023

PROENÇA, M. **Problemas de aprendizagem ou problemas de escolarização? Repensando o cotidiano escolar à luz da perspectiva histórico-crítica em Psicologia.** In: Marta K. Oliveira, Denise T. Souza, Teresa C. Rego (Orgs.), Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo, SP: Dialética, 2002).

SOUZA, B. P. **Atendimento em grupo de crianças com queixa escolar: possibilidades de escuta, trocas e novos olhares** In SOUZA, B. P. (org.) Orientação à queixa escolar. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo 2020. Disponível <https://orientacaoaqueixaescolar.ip.usp.br/>. Acesso em: 29 abril. 2023

# NOTAS SOBRE PSICOLOGIA E RECEPÇÃO LITERÁRIA NO CONTO A CARTOMANTE, DE MACHADO DE ASSIS

*Data de aceite: 02/06/2023*

**Evandro Rosa de Araújo**

Mestre em Letras e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia/GO, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0002-1589-7944>

**RESUMO:** O objetivo de desenvolver este artigo, que tem como foco a receptividade e a psicologia no texto literário, é ampliar as discussões sobre as possibilidades da análise textual. Com essas reflexões, buscamos compreender um pouco da personagem na obra *A Cartomante*, de Machado de Assis, à luz da estética da recepção e da psicologia. Para isso, utilizamos fundamentos teóricos da teoria, crítica literária, psicologia e recepção. Trata-se de um estudo qualitativo cujo objeto é a obra *A cartomante*. Com esta pesquisa, foi possível perceber que o caráter interdisciplinar entre as áreas mencionadas é perfeitamente possível para uma melhor compreensão do texto artístico. Autores como Bosi (2000), Eagleton (2006), Freitas (2001), Leite (1967), Moisés (1967), Silva (1976) e Vygotsky (1999), entre outros, foram essenciais para as reflexões ao longo

deste texto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicologia. Literatura. Recepção. Conto.

### NOTES ON PSYCHOLOGY AND LITERARY RECEPTION IN THE SHORT STORY *A CARTOMANTE* BY MACHADO DE ASSIS

**ABSTRACT:** The purpose of developing this article, which focuses on receptivity and psychology in the literary text, is to broaden discussions about the possibilities of text analysis. With these reflections, we seek to understand a little of the character in work *A Cartomante* by Machado de Assis in the light of the aesthetics of reception and psychology. For this, we used theoretical foundations of the theory, literary criticism, psychology, and reception. It is a qualitative study whose object is the work *A cartomante*. With this research, it was possible to perceive that the interdisciplinary character between the mentioned areas is perfectly possible for a better understanding of the artistic text. Authors such as Bosi (2000), Eagleton (2006), Freitas (2001), Leite (1967), Moisés (1967), Silva (1976) and Vygotsky (1999), among others, were essential for the reflections throughout this text.

**KEYWORDS:** Psychology. Literature. Reception. Short story.

## 1 | INTRODUÇÃO

A literatura, por meio dos vários gêneros literários, romance, poesia, conto, etc., absorve de formas variadas, por meio da representação, o humano. Ao longo do tempo, a narrativa literária tem servido de instrumento para denúncias, deleite, alfabetização, ensino de línguas etc., contribuindo com o processo de humanização dos povos com base nas convenções estabelecidas pelas nações. Como enfatiza Pareyson (1993), a arte literária produzida pelo artista não é idealizada com fins propedêuticos, mas, ao longo do tempo, devido ao seu caráter multifacetado, ela tem contribuído para a formação holística dos indivíduos. Autores como Bosi (2000), Eagleton (2006), Freitas (2001), Leite (1967), Moisés (1967), Silva (1976) e Vygotsky (1999), entre outros, têm se ocupado de entender a arte literária em suas amplas manifestações. Nas palavras de Moisés (1967), a literatura é

[m]ais do que recreação de alto nível, a literatura constitui uma forma de conhecer o mundo e os homens: dotada de uma séria “missão” colabora para o desvendamento daquilo que o homem, conscientemente ou não, persegue durante toda a existência. E, portanto, se a vida de cada um corresponde a um esforço persistente de conhecimento, superação e libertação, à Literatura cabe um lugar de relevo, enquanto ficção expressa por palavras de sentido múltívoco (MOISÉS, 1967, p. 44).

Da mesma forma, é fundamental observar que a literatura nunca caminhou sozinha. Ela sempre esteve próxima do senso comum e das diversas áreas do conhecimento, sejam elas as ciências exatas, humanas ou biológicas. Vygotsky (1999) salienta que a arte literária, bem como as demais áreas do conhecimento, tem se preocupado com as expressões humanas em suas muitas manifestações. Além, é claro, por meio da representação, tem a capacidade de profetizar sobre o futuro da humanidade.

Assim, com base nas leituras de Pareyson (1993), podemos dizer que a arte literária produzida por autores, inspirados pelo que leram, vivenciaram, ouviram, ou seja, a partir da história de formação humana de cada um, tem buscado cada vez mais uma aproximação do real com o imaginário, do sonho com a realidade, do bem com o mal, das trevas com a luz, do consciente com o inconsciente. Autores como Bosi (2000), Freitas (2001), Leite (1967), Moisés (1967), Silva (1976) e Vygotsky (1999), entre outros, têm abordado a possibilidade de leitura das obras literárias a partir das lentes da psicologia. Nas palavras de Moisés (1967, p. 28), para que houvesse maiores ganhos frente aos estudos literários, “foi preciso que a psicologia e a filosofia da linguagem ou a semiologia se interessassem pelo assunto para que a discussão ganhasse pertinência”.

Com o passar do tempo, como salienta Pareyson (1993), essa contribuição foi se tornando cada vez mais pertinente, e hoje se pode dizer que a importância da literatura também é justificada por ela promover constantes discussões entre diferentes áreas do

conhecimento, inclusive a partir das teorias da psicanálise. Com isso, é possível a promoção de discussões sobre o estranhamento que é próprio da arte literária. Autores como Freud (1996), Rozestraten (1998), Russell (1964), Santos e Bittencourt (2016), Santos, Santos e Silva (2018), Scorsolini-Comin e Junqueira (2021), Vygotsky (1999) e Willemart (2009), entre outros, observam o fenômeno literário a partir da psicologia.

Mas não somente os teóricos da psicologia e da teoria literária lançaram mão desse vasto campo do inconsciente. Os artistas, percebendo que poderiam explorar essa área de forma mais acurada, têm lançado inúmeras narrativas que dissecam os pensamentos das personagens, como pode ser observado em obras como *Ulysses*, de Joyce (1983, [1922]), *Mrs. Dalloway*, de Woolf (2003, [1926]), *Crime e Castigo*, de Dostoiévski (2001, [1866]), *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa (2017, [1956]), *A Cartomante*, de Machado de Assis (2000, [1884]) e muitas outras.

O uso da psicologia em obras literárias, tanto no processo de composição como na análise das narrativas, ficou mais em evidência nas obras de arte produzidas a partir do entreguerras. Graças à engenhosidade do artista, os textos conduziam o leitor a um processo de catarse interior, levando o sujeito a refletir, por meio da obra de arte, a sua frágil condição humana, da mesma forma que contribuíam para a superação das mazelas provocadas ao longo da vida, especialmente nos períodos de grandes incertezas.

Temas que remetiam aos meandros religiosos, questões sexuais, o ser humano e suas incertezas frente ao futuro foram vastamente explorados, como notam os autores Bogan (1998), Freitas (2001), Leite (1967), Moisés (1967) e Silva (1976), entre outros. Bogan (1998, p. 57) fala da seguinte maneira: “As (recentes) pesquisas psicológicas apontam para o entrelaçamento em todos esses mitos do físico e do espiritual, para o fato de que seu simbolismo seja basicamente sexual, apontam, em suma, para a relação fundamental entre os mananciais do sexo e da religião”.

Como ressalta a citação acima, muitos artistas, propositalmente ou não, buscaram desenvolver narrativas que apontassem para tais temas, e a literatura assumia um papel revelador, mostrando o indivíduo em sua condição sócio-histórica, com um ideal de verossimilhança antes pouco explorado pela arte literária. Bogan (1998) ressalta que o momento de maior uso das técnicas da psicologia para a composição da arte literária, bem como a análise dos textos, foi o período entreguerras.

Quem lidava com a arte, tanto o escritor como o crítico, vivia sob o contexto das guerras, que inspirava, mas certamente assustava. Freitas (2001) nos diz que, nesse contexto de horror e autorreflexão, surgem escritores e intelectuais que seriam os mensageiros de seu tempo. Algumas narrativas, abordando os conflitos diretamente, ou por meio de sutilezas, preocupavam-se somente em desenhar esse novo indivíduo que, em seu contexto, se construía. Vale ressaltar aqui que o uso das técnicas da psicologia não é tão recente, muitos escritores mostraram o caminho para os futuros escritores.

Entre esses, como muito bem ressalta Freitas (2001), podemos citar Machado de

Assis, que nasceu em 21 de janeiro de 1839 e morreu em 29 de setembro de 1908. As grandes guerras mundiais aconteceram de 1914 até 1945. Ele morreu antes de presenciar esse fato histórico, mas ele, enquanto sujeito à frente de seu tempo, publicou *A Cartomante* em 1884, um conto com uma vasta carga psicológica que, conforme Freitas (2001), certamente inspirou muitos escritores que desejavam construir personagens esféricos e com alta carga psicológica.

Vale ressaltar que muitos autores vastamente conhecidos foram influenciados pelas obras de Machado de Assis, entre eles podemos citar Olavo Bilac, Coelho Neto, Cyro dos Anjos, Lima Barreto, Moacyr Scliar, Múcio Leão, Leo Vaz, Drummond de Andrade, Nélida Piñon e tantos outros.

Conforme salienta Leite (1967), a partir das publicações de Machado de Assis, pode-se notar, entre os autores, um crescente gosto pelo social e pelas questões ligadas à dúvida e ao inconsciente. Assim, a literatura e outras expressões artísticas, com essa nova roupagem, despontariam como sendo o bálsamo da nova era que aos poucos se constituía. Sigmund Freud (1865-1939), médico psiquiatra, nascido em Freiberg in Mähren, conseguiu, por meio da literatura, explicar inúmeras pulsões humanas. Mostrando o racional e o inconsciente como valores primordiais para a atividade artística,

Freud, sob este ponto de vista, é como que o herdeiro desta longa e rica tradição e a sua atitude caracteriza-se pelo propósito de encontrar uma teoria científica, e, portanto, racional, das manifestações do inconsciente humano. Por outro lado, Freud como que herda e confere novo significado a sua crença já muito antiga e que o romantismo também aceitaria: a convicção de que o poder criador anda indissolúvelmente ligado ao sofrimento (SILVA, 1976, p. 178).

Freud lança as bases de uma ciência calcada no inconsciente, ligada aos traumas da infância, e mostra dentro da literatura como isso acometia os personagens. Nesse sentido, suas teorias serviram também para o entendimento de personagens da vida real e da ficção, exemplificando como o homem é vulnerável frente aos seus instintos. Por isso, quase nada acontece por acaso e, por mais que tentemos nos libertar, mais nos aproximamos de nossos medos. Por isso, “essa verificação seria suficiente para justificar a necessidade de critérios literários, pois somente estes seriam capazes de distinguir, entre as diferentes criações de superestruturas e de sublimação, as que apresentam valor literário ou artístico” (LEITE, 1967, p. 15).

Dessa forma, é por sabermos da importância da psicologia nos estudos da arte e das teorias freudianas ao longo do tempo que se justifica a realização deste artigo. Para uma melhor organização do texto, ele foi dividido em duas partes. Na primeira, foi feito um entendimento sobre Freud e suas teorias aplicadas à literatura e, na segunda, uma análise de fragmentos do conto *A Cartomante*, de Machado de Assis, visando a aplicar um pouco das teorias de Freud.

## 2 | O PENSAMENTO DE FREUD E ALGUMAS NOTAS SOBRE LITERATURA

Os leitores contemporâneos, mais que em outras ocasiões, buscam leituras rápidas, mais utilitárias e que se aproximam dos seus horizontes de expectativas. A partir da leitura de Freud (1996), podemos constatar que uma das razões para leituras nesses moldes provavelmente é o deleite pessoal e a busca por explicações existenciais, ou traumas retidos no inconsciente do leitor. O leitor da contemporaneidade está mais cético e tenta encontrar respostas aos seus inúmeros dilemas na ciência, distanciando-se assim do senso comum.

Aspectos estes vastamente abordados por Bosi (2000), Eagleton (2006), Freitas (2001), Leite (1967), Moisés (1967) e Silva (1976), entre outros. Nas palavras de Silva (1976, p. 179), “estas forças recalçadas perturbam, por conseguinte, toda a atividade do homem e manifestam-se sob a forma de obsessões, perversões, atos falhos, fobias, etc.” Assim, ao abordarmos o campo comportamental do artista, é importante nos remetermos a Freud e, conseqüentemente, a sua teoria acerca da neurose humana.

Segundo Freitas (2001), Freud foi um dos pensadores mais influentes da modernidade e, mesmo na contemporaneidade, suas ideias relacionadas à psicanálise ainda são aplicáveis a vários propósitos. Ele desenvolveu estudos significativos para entender o comportamento humano. Para Eagleton (2006), esse campo chamado de psicanálise somente se frutificou graças aos árduos esforços de Sigmund Freud, realizados em Viena nos fins do século XIX. Autores como Eagleton (2006), Freitas (2001), Leite (1967), Rozestraten (1998), Sampaio e Bittencourt (2016), Santos, Santos e Silva (2018), Scorsolini-Comin e Junqueira (2021) e Willemart (2009) têm se preocupado em entender o pensamento de Freud em múltiplas aplicabilidades.

Como aponta Leite (1967), nos escritos de Freud, o sexo é tema recorrente. Freud salienta em suas pesquisas que o que domina o ser humano é, sem dúvida, a necessidade do prazer sexual e o trabalho, bem como os inúmeros projetos e aspirações usados como válvula de escape, para reprimir os desejos ou neuras dos indivíduos. Comentando o pensamento de Freud, Eagleton (2006, p. 228) diz: “o que tem dominado a história até agora é a necessidade de trabalhar e, para Freud, essa dura necessidade significa que precisamos reprimir algumas de nossas tendências ao prazer e à satisfação”.

Esse prazer e essa satisfação são convertidos em energias, que são canalizadas e usadas em projetos grandiosos ao longo da vida. Segundo Freud (1996), aceitamos a privação, mas desde que recebamos algo em troca. Certamente, foi assim que surgiram os grandes feitos da humanidade. Por isso, “estamos preparados para aceitar a repressão desde que ela ofereça alguma coisa em troca; mas se as exigências que nos são feitas forem excessivas, provavelmente adoeceremos” (EAGLETON, 2006, p. 228). E essa doença foi denominada por Freud (1996) como neurose. Esse estado de neurose está bastante ligado às nossas infelicidades, privações e frustrações vividas ao longo da vida.

Com base nessas afirmações, Leite (1967) afirma o caráter frágil do psiquismo humano frente às adversidades da vida. A cada instante alguém é acometido por algum tipo de neura, isso pode levar o indivíduo a vivenciar inúmeras frustrações e até mesmo à perda da vida, nas mais variadas formas. Como salienta Freud (1996), muitas vezes, a neurose pode ser o ponto gerador de trágicos episódios que levam o sujeito a vivenciar situações fatais. Esses comportamentos estão ligados ao inconsciente primitivo do sujeito contemporâneo, não importando o contexto no qual o indivíduo está inserido. Nesse sentido, Eagleton (2006, p. 227) salienta que

[...] essa agitação, porém, nunca é apenas uma questão de guerras, de depressões econômicas e de revoluções: ela é sentida pelos que nela estão envolvidos também de maneira profundamente pessoal. Ela é tanto uma crise das revoluções humanas e da personalidade humana quanto uma convulsão social.

Com base na citação, podemos conjecturar que a fragilidade do inconsciente leva o ser humano a agir de forma que certamente o comprometerá, segundo os padrões de supostas “normalidades”, idealizadas por convenções humanas em determinada época e contextos. Nesse sentido, saber que as ações humanas estão intimamente ligadas ao inconsciente justifica o entendimento da literatura a partir das teorias freudianas, pois, conforme salienta Leite (1967), o artista, enquanto sujeito humano e psicologicamente corrompido pelo meio, certamente idealizará personagens e ambientações que representam as questões vivenciadas, mesmo que de forma inconsciente. Wellek e Warren (1999, p. 111) fazem as seguintes ponderações quanto ao papel da psicologia para o entendimento do objeto artístico.

A psicologia pode ter reforçado a noção da realidade a alguns artistas conscientes, pode ter-lhes aguçado a capacidade de observação ou permitido que descobrissem tessituras que até então desconheciam. Mas, em si própria, a psicologia é apenas preparatória do ato de criação; e, na obra em si própria, a verdade psicológica só terá valor artístico se realçar a coerência e a complexidade: numa palavra, se for arte.

Feitas essas considerações, vale salientar que, no mágico cenário de papel das narrativas literárias, as obras trazem implicitamente o ser do artista, bem como as suas neurais e visões do universo que o circundam, materializadas em seu discurso e em suas criações com um todo. Na verdade, buscando um ideal de verossimilhança, o artista tenta se esconder, se camuflar, mas é quase sempre descoberto pelo escrutínio do leitor. Existe muito mais nas entrelinhas, no que é silenciado, invisibilizado, etc., e isso acaba sendo muito mais notado pelo leitor curioso de nossos dias. Por isso, Freud (1996) vem a contribuir de forma pertinente. Segundo Freitas (2001, p. 24), “o pensamento freudiano não se apoia na pretensão de uma verdade absoluta, valoriza uma verdade perenemente relativizada. Associada a um pluralismo cultural, bem como não se afasta da noção de finitude”.

Entendida a citação, e com base nessas afirmativas, acreditamos que as teorias de

Freud (1996) são aplicáveis ao contexto literário, pois ele, enquanto psicanalista, nunca ignorou os textos literários, e foi da literatura que ele retirou inúmeros exemplos para a formulação de grande parte de suas teorias: no *Hamlet*, de Shakespeare (1995, [1599]), no *Édipo Rei*, de Sófocles (2007, [427 a.C.]).

Shakespeare (1995, [1599]), Goethe (1948, [1806]) e muitos outros artistas contribuíram com suas obras para as pesquisas de Freud (1996), com personagens e histórias que vinham ao encontro das discussões que ele estava desenvolvendo. Assim, como salienta Leite (1967), é perfeitamente possível e aplicável nos estudos literários as teorias que esse pesquisador desenvolveu. Para Freitas (2001, p. 24), “a psicanálise dos escritores proporciona diferentes leituras interpretativas, examinando os textos da literatura, desligados de seus autores. Ela oferecerá uma interpretação em extensão a uma interpretação já dada pelo autor ao criar seu personagem”. Nesse sentido, o modelo de análise empreendido por Freud (1999) iria revolucionar a arte e a crítica literária, pois, a partir das ideias desse autor, tanto o artista quanto o teórico desenvolveram novos olhares frente ao objeto literário.

Na visão de Freud (1999), as privações levariam a deturpações de caráter futuro, ao desenvolvimento de comportamentos distintos, próprios das personagens representadas nas narrativas literárias, nas quais, em maior ou menor grau, transparece a neura do artista criador. Nesse sentido, a ficção serve para entendermos o psiquismo e as neurais da humanidade representadas pela engenhosidade do artista que busca alcançar a verossimilhança na representação legítima da sociedade circundante. Esses aspectos foram vastamente desenvolvidos por Freitas (2001), Leite (1967), Moisés (1967), Silva (1976) e Vygotsky (1999), entre outros.

Com base em leituras críticas do texto literário, apoiadas nas teorias da psicanálise, podemos entender um pouco da formação psicológica dos indivíduos que ecoa na narratividade das obras artísticas, que evidencia em diferentes fases do desenvolvimento humano. Segundo Freud (1999), o indivíduo que não consegue ultrapassar os traumas ao longo da infância e juventude com certeza seria um adulto frustrado e cheio de problemas psicológicos.

Freud (1999), usando a literatura, mostrou como isso se configuraria. Para ele, a literatura poderia ter a função de representar esses indivíduos, pois “todo personagem de um texto é sempre um representante de uma forma de ser na cultura, e ele será tão mais valorizado quanto puder ser exemplar dessa cultura” (FREITAS, 2001, p. 19). Com base nessa citação, podemos dizer que os escritores de diferentes épocas, conscientes do alcance das teorias freudianas, criaram, ou melhor, representaram na literatura esses indivíduos tolhidos e castrados psicologicamente. São muitos os exemplos na literatura que representam esses arquétipos, e Freitas (2001, p. 16) salienta que “Freud já havia percebido que os escritores criativos eram capazes de, através do texto, presentificar o inconsciente”.

Com isso, seria possível falar em uma análise psicológica do texto literário, o que possibilitaria um estudo dos desvios de conduta do sujeito de papel, pesquisa essa atrelada ao tempo da personagem, do autor e condições histórico-culturais representadas pelo escritor no texto artístico. Essas questões podem ser mais bem compreendidas com a leitura de teóricos como Freitas (2001), Leite (1967), Rozestraten (1998), Sampaio e Bittencourt (2016), Santos, Santos e Silva (2018), Scorsolini-Comin e Junqueira (2021) e Willemart (2009), entre outros. Na verdade, esse tipo de discussão somente seria possível buscando em um ponto do passado uma reação que justifique a atitude destes no presente. Essas questões eram tão caras a Freud (1999) que ele “recomendava aos poetas a valorização do mundo interno e a conveniência de se analisar continuamente” (FREITAS, 2001, p. 14).

Dessa forma, feitas essas reflexões e visto que Freud (1999) tem um papel necessário no entendimento da psicologia da obra literária, e para que a discussão seja mais bem exemplificada, no próximo tópico, serão analisados fragmentos da obra *A Cartomante*, de Machado de Assis, em contraste com as teorias freudianas.

### **3 | A CARTOMANTE DE MACHADO DE ASSIS E SUAS NUANÇAS**

Antes de iniciarmos a análise do conto, vale ressaltar que *A Cartomante*, de Machado de Assis, foi publicado pela primeira vez na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 1884. Mais tarde, no ano de 1896, o conto foi incluído no livro *Várias Histórias* e, a partir disso, ganhou o gosto do leitor e continua sendo lido e apreciado até os dias de hoje. O enredo inicia em uma sexta-feira do mês de novembro de 1869. A narrativa se consolida em torno de um triângulo amoroso entre Rita, Vilela e Camilo. Rita e o marido casaram e foram viver em Botafogo, e Rita sempre escapava e ia encontrar o amante na Rua dos Barbonos. Camilo sentia-se cada vez mais seduzido por Rita, estabelecendo assim um triângulo amoroso.

A onisciência é dominante na maior parte da narrativa, o narrador é testemunha ocular dos fatos. No conto, Vilela e Camilo são amigos desde a infância e mantêm um relacionamento bastante próximo. Essa proximidade contribui para a consumação do caso de adultério. Então, com o passar do tempo, angustiada e aflita com a sua situação amorosa, a personagem Rita consulta uma cartomante para saber de seu futuro. Essa cartomante assume, ao longo da história, o papel de oráculo, revelando de forma realística o que as cartas diziam. Rita está enlouquecida de amor por Camilo, e eles não estão conseguindo manter em segredo o relacionamento extraconjugal.

Quando Rita revela a Camilo que tinha ido a uma cartomante, ele a critica. Mas ele muda de opinião após receber um bilhete de Vilela convidando-o para um encontro em sua casa e, assim como Rita, ele vai em busca da cartomante. Após a consulta, Camilo sente-se mais tranquilo e vai encontrar o amigo, acreditando que o seu relacionamento com Rita não havia sido descoberto. O ponto mais importante do conto se dá nas últimas linhas,

quando se revela o fim trágico do casal de amantes. Ao adentrar na casa de Vilela, Camilo se depara com Rita assassinada. Por fim, toma dois tiros do amigo, caindo morto no chão.

Ao lermos este conto e os demais trabalhos de Machado de Assis, concordamos com muitos teóricos da crítica literária quando o elegem como sendo um dos maiores escritores do Brasil. Autores como Bosi (2000), Moisés (1967), Oliveira (2007), Schüller (1989) e Silva (1976), entre outros, enfocam a genialidade de Machado de Assis em seus trabalhos. As suas obras têm sobrevivido à prova do tempo e dificilmente serão esquecidas ou negligenciadas pelos futuros leitores.

Ao pesquisar a sua fortuna crítica nos instrumentos de busca, como periódicos na plataforma *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), no Google Acadêmico, no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e em livros teóricos sobre o tema, podemos evidenciar que são inúmeras as discussões e obras que analisam a sua genialidade quanto à criação de narrativas. Nesse sentido, Freitas (2001, p. 54) diz:

Machado sempre foi um autor interessado em prospectar as paixões dos homens, em dissecar-lhes as intimidades, em levantar questões e torná-las públicas através da voz de seus personagens – principalmente a loucura e a histeria, não as do manicômio, mas as do caseiro e do cotidiano da burguesia novecentista do Rio de Janeiro.

Com base nessa citação, podemos conjecturar que a psicologia pode ser um importante instrumento para entendermos as inúmeras vezes desses personagens criados por Machado de Assis, à luz de seu tempo e contexto histórico. Pensando dessa forma, a psicologia torna-se aliada do pesquisador para melhor entender o implícito presente na interface das obras machadianas. Dessa maneira, busca-se analisar, nas linhas abaixo, alguns aspectos do conto *A cartomante*, tendo como viés a psicanálise freudiana. Na visão de Freitas (2001, p. 24),

A psicanálise não busca a exatidão, mas, associada à razão crítica, trilha a via da argumentação, da interpretação, tanto em intenção quanto em extensão, com seus enigmas e mistérios, a arte se abre ao decifrador, psicanalista ou teórico da literatura, tornando sempre como ponto de referência o determinismo inconsciente.

Com base na citação, podemos nos remeter à narrativa do conto objeto dessa discussão, buscando interpretar os enigmas e os mistérios que fazem dessa obra uma incógnita traiçoeira, como salienta Freitas (2001). Ao lermos o conto, percebemos que a história, ou enredo, inicia-se com uma conversa entre Rita e Camilo, seu amante. Essas primeiras linhas são reveladoras, pois o narrador dá o tom de que se trata de uma tragédia ao fazer alusões à peça *Hamlet*, de Shakespeare.

HAMLET observa a Horácio que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela,

por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras (ASSIS, 2000, p. 44).

Outra questão que podemos levar em consideração é que, ao mencionar o Hamlet, no texto de *A cartomante*, podemos conjecturar que essa informação é uma pista dada pelo autor sobre a linha de interpretação que o leitor deverá seguir no percurso da leitura do texto. Teóricos da recepção como Bleich (1975), Fischer (1987), Iser (2000), Jauss (2000, 2001), Jauss *et al.* (1998) e Zilberman (1989, 2016), entre outros, defendem a possibilidade de o autor deixar, ao longo da narrativa literária, dicas relevantes para a melhor compreensão da obra.

Voltando ao enredo do conto. Da boca para fora, Camilo zomba da atitude de Rita, mas a sua mente começa a criar pensamentos que não condizem com seu discurso. Assim, a neurose na personagem Camilo começa a transparecer na narração, pois os relatos de Rita fazem com que Camilo, em seu inconsciente, reflita mais profundamente sobre o risco iminente de ser descoberto por Vilela. O narrador não explora os pensamentos de Camilo neste momento, mas certamente, ao ouvir Rita, os fluxos de consciência da personagem começam a se projetar em inúmeras direções.

Nessa conversa, ela revela que visitou uma cartomante, certamente, por causa do medo que tinha de perdê-lo. No conto, é relatado da seguinte forma: “A senhora gosta de uma pessoa...”. Confessei que sim, então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...” (ASSIS, 2000, p. 46).

O autor lança mão de alguns recursos estilísticos que não podem ser ignorados pelo leitor. Neste fragmento acima, as reticências denotam um vazio que o leitor deverá preencher, recriar a situação conforme os moldes da estética da recepção defendidos por Bleich (1975), Fischer (1987), Iser (2000), Jauss (2000, 2001), Jauss *et al.* (1998) e Zilberman (1989, 2016), entre outros. Outra questão que precisa ser considerada pelo leitor é que o psicologismo adotado pelo autor na elaboração desse conto é bastante evidente. Dessa forma, o leitor precisa estar atento a essa questão, pois a narrativa vai se afunilando, e o narrador nos revela uma Rita maliciosa que prende Camilo com todas as suas artimanhas. Esse aspecto somente pode ser percebido na sutileza das imagens, no psicologismo de suas atitudes, nos discursos evidentes e implícitos da narrativa literária. No fragmento abaixo, podemos observar um dessas questões:

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolvendo-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, susto, remorsos, desejos, tudo senti de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória delirante (ASSIS, 2000, p. 48).

Nesse fragmento, fica evidente um ponto passível de análise comportamental, que pode ser entendido à luz das teorias comentadas por Eagleton (2006), Freitas (2001),

Leite (1967), Rozestraten (1998), Sampaio e Bittencourt (2016), Santos, Santos e Silva (2018), Scorsolini-Comin e Junqueira (2021) e Willemart (2009), entre outros, pois “a teoria freudiana considera que todo comportamento humano é motivado pela fuga da dor e pela busca do prazer: trata-se de certa forma daquilo que em filosofia se chama de Hedonismo” (EAGLETON, 2006, p. 287).

Por isso, o conto, em contraste com essas teorias, mostra o quanto esses personagens estão vulneráveis a agir pelo instinto eufórico de busca do prazer carnal. Rita e Camilo são arquétipos de uma sociedade moderna, mas em evolução, eles são passíveis aos males da civilização. Rita e Camilo representam pessoas que não estão se completando no casamento, buscam a satisfação no risco de viver uma paixão proibida, mesmo que tenham de conviver com a neurose ou o medo de serem descobertos a qualquer instante. Freud (1999) nos alerta que o prazer carnal, em muitos momentos, acaba sendo mais forte que uma situação iminente de perigo. Dessa forma, mesmo Rita e Camilo sabendo dos riscos constantes ao viver tal relação, acabam ignorando o medo em prol de suas satisfações carnis.

À medida que a narrativa vai se construindo e caminhando para o seu desfecho, temos o seguinte fragmento que nos revela um pouco das consequências da neurose que levariam Camilo à morte. Nesse fragmento do conto, podemos perceber claramente a ansiedade de Camilo frente ao recebimento do bilhete enviado por Vilela: “[...] estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora” (ASSIS, 2000, p. 48).

O bilhete, nessa situação, tem grande importância, pois é o estopim gerador de ansiedades e neurses que não permitem que a personagem veja com clareza a situação na qual está inserida. Conforme pode ser conferido no conto, Camilo fica com o conteúdo do bilhete na mente, e este conteúdo é repetidamente interpretado de diversas formas. Assim, o bilhete vira a fonte de suas preocupações, a ponto de se tornar a neura que o impedia de ver com clareza os perigos que ele estava prestes a vivenciar. Segundo Eagleton (2006, p. 228), “Todo ser humano precisa sofrer repressão daquilo que Freud chamou de ‘princípio do prazer’, em favor do ‘princípio da realidade’; para alguns de nós, porém, e possivelmente para sociedades inteiras, a repressão pode se tornar excessiva e nos transformar em doentes”.

De certa forma, para Camilo, o princípio do prazer vinha de encontro com o princípio da realidade, pois, ao entrar em contato com o conteúdo do bilhete e sofrer a repressão que este lhe causa, dirige-se à cartomante, tendo abaladas as certezas que até então possuía sobre o sigilo de sua relação com Rita. Conforme salienta Freitas (2001), o autor engenhosamente utiliza esses artifícios para brincar com os sentimentos e a vida de Camilo e Rita.

Nas linhas finais do conto, o oráculo personificado na personagem, a cartomante, a misteriosa mulher, consegue tirar da mente de Camilo o medo que o bilhete representava

dizendo a ele: “- As cartas dizem-me...” “Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então, ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo” (ASSIS, 2000, p. 49).

Nessa passagem, o autor, utilizando as falsas previsões da cartomante, joga com as personagens e também com o leitor, pois cria uma expectativa em Camilo de que está tudo tranquilo, que o bilhete de Vilela não é o que sua neura acha que é, e no leitor abre um espaço significativo para o preenchimento do vazio, que cada indivíduo irá recriar de forma particular.

Será que a cartomante enganou Camilo a fim de ver a sua morte? Seria uma pulsão daquelas que são o princípio do prazer e que também motivam para a morte o que levou a cartomante a induzir Camilo para o seu fim trágico? Essas são questões que cada leitor irá responder de forma diferenciada. Ao analisar essa parte do conto dessa forma, apoiamos nos construtos da recepção presentes em Bleich (1975), Fischer (1987), Iser (2000), Jauss (2000, 2001), Jauss *et al.* (1998) e Zilberman (1989, 2016), entre outros. Não temos condições de saber se o autor queria ou não causar essa dúvida no leitor. Pode ser que sim ou não.

Mas, se seguirmos os preceitos de uma obra aberta, como nos apresenta Eco (2003), é possível que o autor tenha deixado essa questão em aberto para que o leitor desse o sentido que melhor lhe agradasse. O fragmento a seguir também chama a atenção, pois o narrador compactua para causar dúvidas no leitor: “em verdade, ela adivinhara o objeto da consulta, o estado dele, a existência de um terceiro; por que não adivinharia o resto?” (ASSIS, 2000, p. 50).

Com esse fragmento acima, conjecturamos que fica em aberto o verdadeiro propósito da cartomante com suas previsões. A certeza com que a vidente fazia suas revelações levou Camilo à morte, pois ele confiou cegamente no que ela dizia. Vale salientar ainda a frieza e a satisfação com que ela recebeu o dinheiro de Camilo pela consulta, certamente ela sabia o que estava prestes a acontecer. Então, pensando um pouco sobre a narrativa, o que chama a atenção é a forma peculiar como o artista conduz a narrativa do conto, manipulando os fatos e prendendo a atenção do leitor, com o mistério do desfecho. Essas questões são bastante discutidas por teóricos como Booth (1980), Bosi (2000), Fischer (1987), Genette (1966), Iser (2000), Lima (1979) e Lubbock (1966), entre outros.

Nas últimas linhas do conto, se levamos em consideração a estética da recepção e pensarmos na possibilidade de preenchimento de vazios no texto pelo leitor, provavelmente, essas últimas linhas confirmarão as conjecturas de que Camilo e Rita estavam sendo monitorados por Vilela e os vizinhos do bairro onde eles viviam. Nesse sentido, provavelmente, a morte do casal era certa para a cartomante, não que ela tivesse adivinhado, mas já sabia pela convivência com os vizinhos, pelas suas próprias observações, pelas atitudes suspeitas ao observar o comportamento do casal apaixonado.

Essas situações fatalmente levariam à tragédia. Nessa relação amorosa entre

Camilo e Rita, o desfecho seria inevitavelmente uma punição à altura das convenções daquele tempo histórico vivido pelas personagens. Nesses moldes, a morte seria a solução, para lavar a honra do marido traído. Para Vilela, tomar tal decisão certamente não foi fácil, a pulsão gerada pelos fatos faz com que ele se livre de todo remorso e se contente com a lógica material de que o fim da vida é, logicamente, a morte.

Essa atitude de Vilela vem ao encontro das palavras de Bosi (2000), que, remetendo a Freud (1999), diz que, “se, como experiência, sem exceção alguma, temos de aceitar que todo ser vivo morre por fundamentos internos, voltando ao inorgânico, podemos dizer: o objetivo de toda vida é a morte” (BOSI, 2000, p. 496). No fim do conto, quando o narrador afunila a história, decidindo o futuro das personagens, podemos certamente associar, com mais clareza, os acontecimentos ali relatados à teoria da pulsão defendida por Freud (1999). Nesse sentido, vejamos a citação abaixo:

Vilela não lhe respondeu. Tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal e foram para uma saleta interior. Encontrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: - ao fundo, sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Vilela pegou-o pela gola e com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão (ASSIS, 2000, p. 50).

Com a tessitura das discussões acima, foi possível uma breve interpretação do quanto as teorias de Freud (1999) e a estética da recepção podem contribuir para um melhor entendimento das obras literárias. Com o mesmo pensamento, podemos conjecturar que essas teorias também podem auxiliar os artistas ou escritores a criar obras mais verossímeis e que consigam com mais facilidade tocar as emoções humanas. Nesse sentido, vale a leitura de Freitas (2001), que faz as seguintes considerações: “Freud, leitor de Goethe, depreendeu que este seria inteiramente favorável à psicanálise, pois notou o quanto o poeta, nas obras que escrevia, referia-se, muitas vezes, à necessidade de um autoconhecimento” (FREITAS, 2001, p. 14).

Dessa forma, o presente texto tentou explorar um pouco o conto machadiano, abordando o autoconhecimento das personagens, no que se refere à pulsão, à neura e às crenças individuais, criadas e intensificadas por um sujeito autor da história narrada. Com isso, evidenciamos que a literatura pode andar de mãos dadas com a psicanálise, pois é possível encontrar nas diversas narrativas literárias, criadas em diferentes épocas, personagens que se apresentam de forma psíquica e emocionalmente fora dos padrões de normalidade, criados, concebidos e perpetuados pela sociedade patriarcal.

#### **4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo do artigo, foram feitas algumas observações acerca da psicanálise e a recepção aplicadas ao texto literário de Machado de Assis. Com isso, o que se evidencia é que a obra de arte pode ser lida, analisada e interpretada pelas lentes dessas teorias. Na leitura do conto *A cartomante*, de Machado de Assis, foi possível uma discussão que

buscou entender a arquitetura do texto machadiano, mais especificamente o implícito, ou os vazios deixados pelo artista na construção do texto, mais especificamente nas ações vividas pelas personagens.

O conto analisado neste artigo pode ser estudado a partir dos conceitos de catarse, verossimilhança e mimese, pois ele é a legítima representação do real circundante, vivido pelo artista, à luz de seu tempo, como muito bem enfatiza Pareyson (1993). Em *A cartomante*, muitos aspectos aproximam os personagens de papel aos da vida real, por isso as teorias de Freud (1999) no que concerne à psicanálise podem ser vastamente exploradas para um melhor entendimento do objeto literário. As discussões desenvolvidas por Freud (1999), bem como os diversos segmentos da estética da recepção, podem ajudar o leitor na melhor compreensão e análise literária.

Pareyson (1993) nos alerta que o objeto artístico apresenta ao contemplador contemporâneo elementos para entender as suas particularidades. Também, a partir da receptividade e da psicanálise, o leitor tem condições de aprofundar sua compreensão dos elementos como personagens, espaço, tempo, etc., que o conto tenta suprimir ou invisibilizar. “[...] na análise da Literatura, sobretudo da ficção, a teoria da personalidade ocupa um lugar privilegiado, pois é evidente que o ficcionista e o psicólogo estão diante do mesmo problema: apresentar uma descrição convincente ou adequada de uma pessoa” (LEITE, 1967, p. 41). Como foi visto na análise de *A Cartomante*, de Machado de Assis, assim como na vida real, as personagens enfrentam situações de caos que são primeiramente julgadas pelo narrador e, posteriormente, pelos leitores do texto em diferentes épocas.

A traição, a dissimulação, a insatisfação com o parceiro ou parceira que culmina com a traição podem ser entendidas, conforme as convenções ocidentais, como marcas de uma sociedade em decadência. Na verdade, o que podemos tirar dessa análise é, sem dúvida, a noção de que somos sujeitos às armadilhas não de um destino predestinado, mas sim de ações que vão se cristalizando em nosso inconsciente e, em determinado momento, influem no comportamento dos seres humanos, e essas vivências são determinantes para construção de nossas identidades.

Nesse sentido, espera-se que este artigo tenha contribuído para expandir um pouco mais a noção de que a literatura é o espelho que reflete as ações humanas em um universo de possibilidades e incertezas, que se iniciam no inconsciente e se materializam ao longo da vida.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, M. *A Cartomante*. [1884]. Rio de Janeiro: Aguilar, 2000.

BLEICH, D. *Readings and feelings: an introduction to subjective criticism*. Urbana, IL: National Council of Teachers of English, 1975.

BOGAN, L. *A poesia Norte American 1900-1950*. São Paulo: Revista Branca, 1998.

- BOOTH, W. C. *A retórica da ficção*. Lisboa: Arcádia, 1980.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- DOSTOIÉVSKI, F. M. *Crime e castigo*. [1866]. São Paulo: Editora 34, 2001.
- EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ECO, U. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- FISCHER, E. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.
- FREITAS, L. A. P. de. *Freud e Machado de Assis*. São Paulo: Mauad, 2001.
- FREUD, S. Escritores criativos e devaneios. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 131-143.
- FREUND, E. *The return of the reader*. London: Methuen, 2000.
- GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Vega, 1966.
- GOETHE, J. W. *Fausto*. [1806]. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc., 1948.
- GUIMARÃES ROSA, J. *Grande sertão: veredas*. [1956]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 2000.
- JAUSS, H. R. *Toward an Aesthetic of Reception*. Minnesota: Minnesota Press, 2001.
- JAUSS, H. R. *et al. A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- JOYCE, J. *Ulysses*. [1922]. New York: Penguin, 1983.
- JUNG, C. G. *O Espírito na Arte e na Ciência*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- LEITE, M. D. *Psicologia e Literatura*. São Paulo: Nacional, 1967.
- LIMA, L. C. *A Literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LUBBOCK, P.A. *A técnica da ficção*. São Paulo: Cultrix, 1966.
- MOISÉS, M. *A Criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix, 1967.

OLIVEIRA, E. A. *Realidade e criação em artística em Grande Sertão: Veredas*. Goiânia: Editora da UCG, 2007.

PAREYSON, L. *Estética: teorias da formatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

ROZESTRATEN, R. J. A. Processos psicológicos básicos do comportamento no trânsito. *In*: ROZESTRATEN R. J. A. A. *Psicologia do trânsito: conceitos e processos básicos*. São Paulo, SP: E.P.U., 1998.

RUSSELL, D. H. *Psychology and literature*. São Paulo, SP: Ática, 1964.

SAMPAIO, L. B. P.; BITTENCOURT, M. I. G. D. F. Psicanálise e literatura: Thomas Ogden e a poesia de Robert Frost. *Subjetividades*, Fortaleza, v. 16, n. 2, p. 71-82, 2016.

SANTOS, R. C. D.; SANTOS, J. C. D.; SILVA, J. A. D. Psicologia da literatura e psicologia na literatura. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 26, n. 4, p. 767-780, 2018.

SCHÜLER, D. *Teoria do Romance*. São Paulo: Ática, 1989.

SCORSOLINI-COMIN, F.; JUNQUEIRA, L. F. de S. Psicologia, literatura e saúde mental: psychology, literature and mental health. *Muitas Vozes*, [S. l.], v. 10, p. 1-16, 2021.

SHAKESPEARE, W. *Hamlet*. [1599]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

SILVA, M. de A. e. *Teoria da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

SÓFOCLES, *Édipo Rei - Antígona*. [427 a.C.] São Paulo: Martin Claret Editora, 2007.

VYGOTSKY, L. S. *Psicologia da arte*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.

WELLEK, R.; WARREN, A. *Teoria da literatura*. São Paulo: Ática, 1999.

WILLEMART, P. *Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise*. São Paulo, SP: Perspectiva, 2009.

WOOLF, V. *Mrs. Dalloway*, [1926]. London: Vintage, 2003.

ZILBERMAN, R. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, R. A Estética de Recepção e o acolhimento brasileiro. *MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras*, [s. l.], n. 12, p. 7-17, jul. 2016.

# O VÍNCULO MATERNO REFLETIDO NA ANSIEDADE E EM COMPORTAMENTOS ALIMENTARES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Data de submissão: 07/05/2023*

*Data de aceite: 02/06/2023*

### **Poliane Tadeu de Medeiros**

Graduação em Psicologia - Centro  
Universitário Adventista de São Paulo -  
UNASP  
São Paulo – SP  
<https://lattes.cnpq.br/9969223250774171>

### **Gabriela Peixinho da Silva**

Graduação em Psicologia - Centro  
Universitário Adventista de São Paulo -  
UNASP  
São Paulo – SP  
<http://lattes.cnpq.br/3909921726704900>

### **Náthalie Rodrigues Román Ocaríz**

Graduação em Psicologia - Centro  
Universitário Adventista de São Paulo -  
UNASP  
Pirassununga – SP  
<https://lattes.cnpq.br/2090910946285843>

### **Viviane Galhanone da Cunha Di Domenico**

Mestrado em Psicologia - Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo -  
PUC-SP  
São Paulo – SP  
<http://lattes.cnpq.br/1508854284725074>

ansiedade e comportamentos alimentares em uma criança. **Objetivo:** O objetivo deste artigo é relatar as experiências das autoras que realizaram aplicações técnicas da disciplina teórica prática de psicodiagnóstico interventivo em uma Policlínica de um Centro Universitário na capital de São Paulo. **Método:** Trata-se de um relato de experiência, em que foi realizado um estudo de caso relacionado com o tema do vínculo materno refletido na ansiedade e como isso afeta os comportamentos alimentares de uma criança. Durante a experiência foram aplicados alguns testes psicológicos como CAT-A (Teste de Apercepção Infantil - Animal) e HTP (Casa-Arvore-Pessoa), além de outras técnicas como o desenho livre, a utilização da caixa lúdica e atividade de colagem. **Resultados:** Através dessas aplicações, foi possível obter como resultado que no caso em questão existe uma relação entre a ansiedade e a alimentação, tendo influência de questões afetivas maternas. **Considerações Finais:** A afetividade entre a mãe e o bebê é um marco muito importante no desenvolvimento de uma criança, bem como a alimentação ocupa um papel de grande estima na vida da criança, sendo que seu primeiro contato com ela é através da amamentação, na qual

**RESUMO:** **Introdução:** Este estudo possui como tema principal a relação existente entre vínculos de apego materno,

se constrói o vínculo materno, sendo assim, quando esse vínculo não é bem estabelecido pode implicar em conflitos afetivos entre a mãe e o filho, o que acarreta em ansiedade e em determinados comportamentos de risco relacionados à alimentação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vínculos Maternos; Ansiedade; Comportamentos Alimentares; Afeto; Apego.

## THE MATERNAL BOND REFLECTED IN ANXIETY AND EATING BEHAVIORS: AN EXPERIENCE REPORT

**ABSTRACT: Introduction:** The main theme of this study is the relationship between maternal attachment bonds, anxiety, and eating behaviors in a child. **Objective:** The objective of this article is to report the experiences of the authors who carried out technical applications of the theoretical and practical discipline of interventional psychodiagnosis in a Polyclinic of a University Center in the capital of São Paulo. **Method:** This is an experience report, where a case study was carried out relating the theme of maternal bonding reflected in anxiety and how it affects the eating behaviors of a child. During the experiment some psychological tests were applied such as CAT-A (Child Apperception Test - Animal) and HTP (House-Tree-Person), in addition to other techniques such as free drawing, the use of the play box and collage activity. **Results:** Through these applications, it was possible to obtain as a result that in the case in question there is a relationship between anxiety and feeding, having influence of maternal affective issues. **Final Considerations:** Affectivity between mother and baby is a very important milestone in the development of a child, as well as feeding plays a very important role in the child's life, and their first contact with it is through breastfeeding, in which the maternal bond is built; therefore, when this bond is not well established, it may imply in affective conflicts between mother and child, which leads to anxiety and certain risk behaviors related to feeding.

**KEYWORDS:** Maternal Bonds; Anxiety; Eating Behaviors; Affect; Attachment.

## 1 | INTRODUÇÃO

O desenvolvimento infantil é um processo que envolve um conjunto de habilidades e capacidades que se inter relacionam e dependem umas das outras. Dentro desse processo podemos ressaltar algumas características principais, tais como o desenvolvimento da linguagem, tanto expressiva como receptiva, o desenvolvimento da motricidade, surgimento das capacidades cognitivas e emocionais. Todo esse conjunto de capacidades e habilidades podem se manifestar de formas diferentes dependendo do contexto social e cultural em que a criança está inserida. (BLACK, et al., 2017).

De acordo com Sigmund Freud (1856-1939) o desenvolvimento advém a partir das forças do inconsciente que é responsável por motivar o comportamento humano. Pensando nisso, Freud desenvolveu a teoria do desenvolvimento psicosssexual, ela se divide em 5 fases, sendo elas: Oral (nascimento aos 18 meses de idade); Anal (18 meses aos 3 anos); Fálica (3 a 6 anos); Latência (6 à puberdade); E Genital (puberdade à idade adulta).

(PAPALIA, et al., 2013). Na fase oral, a principal fonte de prazer do bebê está intimamente ligada a boca e a alimentação e é nessa fase que vamos concentrar as constatações deste estudo.

Uma nutrição apropriada é fundamental para que as crianças cresçam de maneira saudável. Durante os três primeiros anos de vida, a alimentação da criança passa por muitas mudanças, mas a sua principal fonte de nutrição advém do leite materno. O leite materno possui nutrientes essenciais para o desenvolvimento saudável da criança. Segundo a recomendação da Academia Norte-americana de Pediatria, o bebê deve ser alimentado de forma exclusiva pelo peito durante os primeiros seis meses de vida, começando a amamentação de forma imediata após o nascimento e pode durar até o primeiro ano de vida da criança ou mais, juntamente com a introdução de outros alimentos. (PAPALIA, et al., 2013).

A amamentação além de promover a saúde da criança também é responsável pela diminuição das taxas de morbimortalidade infantil. Sua influência no desenvolvimento da criança é enorme, tal como nas esferas físicas, biológicas, cognitivas e emocionais. No que diz respeito à esfera emocional, a amamentação pode promover o vínculo entre a mãe e o bebê, além de suprir as necessidades fisiológicas da criança ela pode oferecer segurança para a mesma. (PEDRO, et al., 2018)

A primeira relação da criança após o nascimento é com a figura materna, aliás essa relação nasce desde o momento da descoberta da gravidez. Conforme estudos sobre o desenvolvimento infantil, o estabelecimento do vínculo entre mãe e bebê é considerado como o primeiro alimento psíquico do sujeito, que tem por função saciar a fome e induzir o melhor contato com o ambiente, sendo assim estabelecer um vínculo de boa qualidade torna o desenvolvimento cognitivo e social da criança mais saudável. Caso ocorra algo que interfira no vínculo mãe e bebê, o tornando não saudável, a criança terá um menor controle do ego, o que está relacionado ao desenvolvimento de transtornos alimentares. (FERREIRA, 2019).

Para compreender como funciona a relação entre mãe e bebê diversos teóricos estudaram sobre o vínculo e apego materno e como isso pode influenciar no desenvolvimento da criança. Dentre esses teóricos Souza et al (2020) destaca o psiquiatra e psicanalista Edward John Mostyn Bowlby, que entre os anos 1958 e 1963 formulou a Teoria do Apego, que explica o motivo das crianças formarem vínculos com seus cuidadores, identificando as consequências que os vínculos não saudáveis e a carência de contato materno podem gerar no desenvolvimento.

De toda forma chega-se ao entendimento de que o apego é a base da qual a criança interage com o ambiente. Bowlby informa que o tipo de apego é estabelecido pela responsividade da mãe aos sinais emitidos pela criança. Em sua teoria ele identifica o apego com algumas características, como a busca de proximidade para com a mãe que está relacionada aos cuidados maternos. A mãe ao segurar a criança a ajuda na regulação

de seus processos homeostáticos; oferece uma base segura de apego, caracterizado pelo auxílio no desenvolvimento de comportamentos de exploração do ambiente e da curiosidade do bebê e protesto contra a separação, que auxilia a criança no restabelecimento do contato com o ambiente materno quando este é perdido. (SOUZA et al, 2020).

Segundo Cruz, Zanon e Bosa (2015) quando as relações de apego são disponíveis, sensíveis e responsivas às necessidades do bebê, elas promovem proximidade, suporte e senso de segurança, gerando representações mentais positivas do self e dos outros. Contudo quando a figura materna não é responsiva aos sinais do bebê, isso leva a criança a desenvolver um medo intenso de perder o contato materno, fazendo assim com que ela reduza seus comportamentos de exploração dos objetos e interações sociais, e reduz ainda a resiliência e a capacidade de *coping* em momentos estressantes, fazendo assim com que o sujeito futuramente tenha dificuldades de lidar com as crises, sendo essa uma das consequências de um vínculo e apego indisponível e não saudável. (SOUZA et al, 2020).

Através da teoria do apego de Bowlby pode-se compreender que é a partir das interações com as figuras de apego que se estabelece o contato com o mundo e quando essas interações são estáveis e proporcionam o sentimento de segurança para o bebê resultam na promoção do suporte real e simbólico, o que é muito importante para a aprendizagem de estratégias de autorregulação.

A relação mãe e bebê é considerada como um fator de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares, dando destaque para a obesidade, pois *“a capacidade de autorregulação é prejudicada e o ato de comer é utilizado como única estratégia viável para aplacar a angústia gerada pelos conflitos emocionais”*. (CRUZ, ZANON e BOSA, 2015).

A comida pode ter não apenas o objetivo nutricional, mas também de prazer, sendo assim a alimentação se mostra associada ao equilíbrio da vida mental, pois consiste em dosar o sofrimento advindo das adversidades e a fonte de satisfação e prazer. (PAIS e FERREIRA, 2016). Crianças que possuem dificuldade em manejar as próprias emoções, como a impulsividade ou o retraimento, estão associadas a distúrbios nutricionais e transtornos alimentares. (ANJOS, et al., 2020).

Um fator de proteção à depressão e ansiedade é o desenvolvimento de uma boa autoestima, e para tanto a criança necessita se sentir respeitada, amada e estimada em todos os contextos que está inserida, mas principalmente no familiar. (MENDES, et al., 2019). Para lidar com as insatisfações da realidade, o indivíduo necessitaria de um refúgio que poderia trazer equilíbrio para dar seguimento às obrigações do dia, algo que pode ser encontrado nas memórias afetivas que remetem a alimentação, que para além de satisfazer uma necessidade intrínseca, pode trazer gratificação. (BAPTISTA, 2021).

É de acordo ao que é sentido que é feita a escolha do que comer, como comer e qual será a quantidade consumida. É parte do sentir está relacionado à memória, que carrega o sentido relacional e afetivo, trabalhando com as percepções, olfativas e do paladar.

Tais memórias estão intrincadas entre ideias e emoções, que podem ser conscientes ou inconscientes. (PAIS e FERREIRA, 2016). É pelo paladar, ao sentir o gosto, que significados afetivos são atribuídos a memórias, muitas vezes construídos de acordo ao ambiente que o indivíduo está inserido. A construção afetiva alimentar mais significativa é feita na primeira infância, pois carrega os maiores simbolismos. (BAPTISTA, 2021)

## 2 | OBJETIVO

Tendo em vista que o apego e o estabelecimento do vínculo entre mãe e bebê é de extrema importância para o desenvolvimento infantil, faz-se necessário compreender como a falta de contato materno durante a alimentação da criança pode influenciar em comportamentos ansiosos e ao comer em excesso, que segundo estudos podem resultar no desenvolvimento de transtornos alimentares.

Dessa forma, a Teoria do Apego, proposta por Bowlby, os estudos sobre o desenvolvimento alimentar infantil e as relações do comer com a ansiedade oferecem um aporte teórico consistente para o entendimento da relação entre apego materno e alimentação. Nesse sentido, o conhecimento acerca da importância do apego e vínculo nas relações parentais, com ênfase na relação materna durante a infância e de como isso afeta os comportamentos alimentares da criança, pode embasar estratégias para prevenir o desenvolvimento de transtornos emocionais e alimentares. Com base no exposto, os objetivos do relato da experiência de psicodiagnóstico interventivo é descrever e compreender como a relação materna de apego está relacionada com questões de afeto, ansiedade e comportamentos alimentares.

## 3 | MÉTODO

A experiência foi realizada na modalidade de psicodiagnóstico interventivo, como uma ação pontual, sua duração foi de cinco semanas. As sessões tiveram duração de 45 minutos cada, sendo realizado atendimentos individuais com o responsável e a criança em salas separadas. Nessas sessões foram realizadas entrevistas de anamnese e investigação do histórico de vida do paciente e do responsável, enquadre, devolutivas, observações lúdicas, atividades de colagem e aplicação de testes psicológicos com a criança.

O local em que a experiência foi realizada foi em uma Policlínica Universitária, situada em um centro universitário na zona sul de São Paulo. Os recursos utilizados foram testes psicológicos disponibilizados pela policlínica, além de materiais para, desenho livre, caixa lúdica, e recursos para a realização de colagens. Os testes utilizados foram HTP (Casa-árvore-pessoa) e CAT-A (Teste de Apercepção Infantil - Animal). O referencial teórico metodológico que fundamentou as análises foram os manuais dos próprios testes, além de alguns artigos científicos.

O presente estudo foi realizado através de 5 encontros presenciais com Carlos Luiz (pseudônimo) que possuía 8 anos na época e sua mãe. Foram coletadas informações sobre o desenvolvimento, ambiente familiar e escolar. Houve também uma visita a escola onde C.L. estuda, para observação de seu comportamento.

Todos os dados presentes nesse relato foram coletados com autorização dos responsáveis pelo paciente, com assinatura de um termo disponibilizado pela policlínica, além disso o nome da instituição e dos envolvidos não foram revelados. Isso contempla a eticidade de produção de trabalhos científicos na área da psicologia e normas de sigilo estabelecidas pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) não revelando a identidade dos envolvidos nesse processo.

## **4 | RESULTADOS**

O vínculo materno é algo que pode amenizar o sentimento de separação corpórea mãe-bebê e como o paciente teve dificuldades na fase de amamentação, acabou criando uma dependência da mãe, pois não houve esse sentimento de separação, o que proporciona que eles ainda mantenham uma relação simbiótica.

Uma das quebras de expectativa que as estagiárias tiveram durante o processo deste caso, foi que ao realizar a atividade da colagem o paciente apontou que não se percebia da mesma forma que a mãe e as estagiárias o notaram, ou seja como alguém que possuía uma relação de excesso com a comida.

A percepção das estagiárias foi de que o paciente realmente demonstra seu afeto através da alimentação, isso foi confirmado pelos testes psicológicos aplicados, pelas falas trazidas pela mãe, e pelos comportamentos do paciente para com as próprias estagiárias na finalização do atendimento, quando ele trouxe doces para presenteá-las, reforçando seu vínculo afetivo através da comida.

## **5 | DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

De acordo com as informações coletadas na anamnese no atendimento com a responsável foi possível identificar aspectos relacionados ao desenvolvimento da criança, desde a gestação até o momento da fase em que ele se encontra. O período gestacional foi conturbado, devido às complicações decorrentes da gravidez de risco, o nascimento ocorreu de forma prematura, então C.L ficou na incubadora e com isso foi alimentado por sonda, o que não permitiu que a mãe realizasse o aleitamento materno exclusivo. Sabe-se que nesse período é de extrema importância o contato com a figura materna, visto que é através desse primeiro olhar que a criança estabelece seus primeiros vínculos e consequentemente inicia a descoberta do ambiente. (PEDRO, et al., 2018 e FERREIRA, 2019).

É muito importante que durante o processo de aleitamento a mãe se apresente

“estável, e que seja capaz de dar amor, compreender e atender as solicitações básicas feitas pela criança” (RAPPAPORT et al, 1981). Nesse caso clínico a mãe não se apresentou dessa forma, o que gerou conflitos relacionados à alimentação como forma de suprir o afeto que não foi atendido, resultando em comportamentos ansiosos na criança. É necessário que a criança seja tratada com respeito e amor dentro de seus contextos de vivência como a escola, no meio social e principalmente na família para que assim consiga evitar a ansiedade alimentar. (MENDES, BASTOS e MORAES, 2019).

Segundo Ferreira (2019) o vínculo mãe e bebê se estabelece desde o momento da descoberta da gravidez, talvez as dificuldades encontradas na relação entre C.L e a mãe sejam advindas desde esse momento, visto que a gravidez não era esperada e nem desejada, quando ocorreu foi considerada de risco e a mãe por não estar preparada não se adequou às exigências que uma gravidez necessita, como as mudanças alimentares, acarretando assim numa diabetes gestacional.

Toda gestação inicialmente provoca um sentimento de ambivalência na mãe, sendo o desejo de ter bebê e amá-lo e a rejeição a gravidez, resultante do medo intenso de que a gestação irá destruí-la (RAPPAPORT et al, 1981). Talvez a mãe de C.L não tenha superado essa fase característica da gestação, visto que a mesma apresenta tal comportamento nas relações com o filho, que conforme as informações apresentadas, ele demonstra carinhos em excesso que não são muito bem aceitos por ela, então ao mesmo tempo em que ela o acolhe também o rejeita, ou seja, essa mãe nunca foi responsiva aos desejos da criança, o que reflete no medo intenso da separação que C.L demonstra através do excesso alimentar e da ansiedade. (CRUZ, ZANON e BOSA, 2015).

Os comportamentos ansiosos e o excesso alimentar de C.L estão diretamente ligados a insegurança estabelecida na relação de apego entre ele e a mãe, por tal figura materna ser extremamente ambivalente e não ter correspondido às necessidades exigidas pela criança aumentou o fator de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares como a compulsão alimentar. Segundo Cruz, Zanon e Bosa (2015) e Graziano et al (2010) o comer em excesso está relacionado a uma falta de regulação emocional, que seria estabelecida através do vínculo com a mãe. Como esse vínculo não foi responsivo, a criança desenvolveu um descontrole emocional, então ele come em excesso com o intuito de reduzir e regular as emoções negativas como tristeza e a ansiedade, a comida vira um conforto em meio às situações difíceis de manejar.

Ao comer de forma excessiva, C.L apresenta sentimentos negativos ligados à ansiedade e esses sentimentos podem ser considerados como estímulos para ocorrências de episódios em que a alimentação assume o papel de regulação emocional. (Rocha, 2021)

Além dos comportamentos ansiosos, a criança apresenta distanciamento e dificuldades de comunicação com as estagiárias e segundo Ivan et al (2020) “*Crianças com distúrbios nutricionais e transtornos alimentares, demonstraram dificuldade na regulação de suas próprias emoções como impulsividade ou depressão/retraimento*”. Entende-se que

os hábitos alimentares e a cultura que envolve a alimentação são muito importantes para a construção do sentimento de pertencimento, o que influencia no desenvolvimento da identidade da criança. Por conta das dificuldades nas relações familiares, principalmente na relação com a mãe, C.L desenvolve hábitos alimentares com o intuito de compensar a insuficiência de afetividade dela, com isso ele come em excesso para sentir-se pertencente à família. (PAIS e FERREIRA, 2016).

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afetividade entre a mãe e o bebê é um marco muito importante no desenvolvimento da criança, pois é a mãe que mostra o mundo para ela e transmite segurança para as suas próximas relações, assim possibilitar que ela explore seu ambiente. Quando essa relação de afeto não se concretiza, acaba por gerar desordens emocionais na criança, o que aumenta o risco de desenvolver algum transtorno.

A alimentação possui um papel de extrema importância na vida de uma criança, sendo a amamentação a primeira fonte de nutrição do bebê e acima disso, o primeiro passo para se estabelecer o vínculo mãe e bebê. No entanto, no caso estudado, foi possível perceber que esse vínculo não foi muito bem estabelecido e implica em conflitos afetivos entre a mãe e o filho, gerando ansiedade e um comportamento alimentar de risco nele.

Tendo em vista as problemáticas identificadas no caso relatado, destaca-se a importância da experiência em psicodiagnóstico para a investigação de questões relacionadas ao sofrimento emocional em crianças e sua relação às questões alimentares, principalmente no que diz a respeito do tema estudado e analisado nesse relato de experiência. Destaca-se também que não há muitos estudos atualizados focados em compreender a relação entre o afeto materno, a alimentação e a ansiedade, por isso faz-se necessário a realização de mais pesquisas com o enfoque no tema em questão.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, I. L. P. B., MARTINS, L. C., SANTOS, S. C. M. dos. ARAGÃO, I. P. B. de. **Distúrbio alimentar, compulsivo e afetivo: uma revisão bibliográfica acerca da associação.** Revista de Saúde, v.11, n.2, p. 60 – 64, 2020.

BAPTISTA, I. D. **A construção afetiva da comida.** Universidade do Minho – Instituto de Ciências Sociais, p. 01-212, 2021.

BELLAK, L. e BELLAK, S. S. **Manual do Teste de Apercepção Infantil Figuras de Animais.** Campinas, SP: Editora de Livro Pleno, 1949.

BUCK, J. N. **HTP: casa-árvore-pessoa, técnica projetiva de desenho: manual e guia de interpretação.** São Paulo, SP: Vetor, 2003.

BLACK M. M., WALKER S. P., FERNALD L.C.H., ANDERSEN C. T., DIGIROLAMO A. M. **Early childhood development coming of age: science through the life course.** Lancet, v. 07, n. 389, p. 77-90, 2017.

COSTA, V. H. L. B.; et al. **Aspectos Éticos das Pesquisas em Psicologia: Vulnerabilidade versus Proteção.** Revista da SPAGESP, v. 18, n. 2, p.16-26, 2017.

CRUZ, S. H. DA, ZANON, R. B., e BOSA, C. A. **Relação entre Apego e Obesidade: Revisão Sistemática da Literatura.** Psico., v. 46, n.1, p. 6-15, 2015.

FERREIRA, D.C.M. **O vínculo mãe-bebê e o desenvolvimento dos transtornos alimentares sobre a óptica psicanalítica.** Revista Internacional de Apoyoa laInclusión, Sociedad y Multiculturalidad, v.5, n.2, p. 40-52, 2019.

FILHO, C. A. L. M. **O Desenho Livre na Dificuldade de Aprendizagem.** Revista Amazônica, v. xxv, n.2, p. 579-588, 2020.

GRAZIANO, P. A et al. (2010). **Toddler self-regulation skills predict risk for pediatric obesity.** International Journal of obesity, v. 34, n.4, p. 633–641, 2010.

LEITE, R. F. **Caixa Lúdica e Novas Tecnologias. Estudo de Psicanálise,** n. 45, p. 145-148, 2016.

LOPES, L. C. P. et al. **Psicodiagnóstico Interventivo: Evolução de uma Prática.** Cortez Editora, cap. VI, p. 85-100, 2014.

MENDES, J. O. H., BASTOS, R. C. e MORAES, P. M. **Características psicológicas e relações familiares na obesidade infantil: uma revisão sistemática.** Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, v. 22, nº 2, p. 228-247, 2019.

MILANI, Rute Grossi; et al. **Psicodiagnóstico Interventivo Psicanalítico.** Estudos Interdisciplinares em Psicologia, v. 5, n. 1, p. 80-95, 2014.

PAIS, S. C. e FERREIRA, P. **A redução das assimetrias sociais no acesso à alimentação e à saúde: políticas e práticas.** Editora Américo Moreira, p. 39 – 55, 2016.

PAPALIA, Diane E. et al. **Desenvolvimento humano.** Artmed,12. ed., Porto Alegre. p. 128-354, 2013.

PEDRO, C. C. L. et al., **A influência da amamentação no desenvolvimento emocional infantil: percepções maternas.** Rev. Soc. Bras. Enferm. Ped., v. 18 n. 2, p. 103-8, 2018.

RAPPAPORT, C. R. et al. **A Infância Inicial: O bebê e sua Mãe: Teorias do Desenvolvimento.** Editora Pedagógica e Universitária, 10ª edição, vol. 2, p. 10- 38, 1981.

ROCHA, C. F. **Efeito do transtorno da ansiedade sobre o comportamento alimentar: uma revisão sistemática.** Ânima Educação, 2021.

SOUZA, A. J. M. de. et al. **Revisitando a hipótese de Bowlby: teoria do apego, maturação neuroendócrina e predisposição a psicopatologias.** Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, [S. I.] , v. 9, n. 11, p. 01-19, 2020.

# EFEITO DO MÉTODO FRIENDS – FUN FRIENDS NOS PROBLEMAS EMOCIONAIS/COMPORTAMENTAIS DE CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES

*Data de aceite: 02/06/2023*

**Thaylla Carvalho Cavalcante Gomes**

### INTRODUÇÃO

Estudiosos em todo mundo tem estudado como prevenir os problemas em saúde mental, encontrando evidências científicas sobre a efetividade e eficácia de programas preventivos (ABREU; MURTA, 2016). As intervenções preventivas em saúde mental focam no fortalecimento dos fatores de proteção, sejam eles individuais ou ambientais, além de minimizar os efeitos dos fatores de risco para um retorno negativo em saúde mental (ABREU et al., 2016).

Os programas preventivos devem ser direcionados para a redução de problemas socioemocionais, ampliação das competências de crianças e adolescentes com o objetivo de diminuir a ocorrência de problemas comportamentais e promover saúde mental (ROCHA; SILVARES, 2010). Essau et al. (2012) afirma que os estudos reconhecem as práticas preventivas como

um recurso promissor para lidar com os problemas comportamentais das crianças.

Polanczyk et al. (2015), constata em uma metanálise realizada com trabalhos dirigidos em 27 países, concluiu que a prevalência mundial em transtornos mentais na infância é de 13,4%. Este número mostra que precisamos ter atenção e por esse motivo nos últimos anos a promoção em saúde mental tem sido foco de pesquisadores e profissionais, que vêm desenvolvendo programas de promoção e prevenção em saúde mental voltado aos jovens com resultados positivos em diversos países. Em um trabalho de revisão da literatura foram encontrados programas preventivos brasileiros voltados para crianças e adolescentes em idade escolar (ABREU et al., 2016). No entanto, trabalhos para a primeira infância são escassos.

O desenvolvimento de competências socioemocionais na infância, essencialmente nos anos pré-escolares é de extremo interesse. Visto que as crianças que conseguem desenvolver essas

habilidades apresentam mais confiança, ótima comunicação, relacionamento positivo e resiliência frente a atividades desafiadoras (PAHL; BARRETT, 2007). Sendo assim intervir precocemente e ensinar habilidades socioemocionais às crianças previne o surgimento de psicopatologias futuras, como depressão e ansiedade, além de proporcionar o aumento do bem-estar e resiliência (PAHL; BARRETT, 2007).

Segundo Fernandes et al. (2014), os programas de promoção e prevenção de saúde mental são escassos. Na América Latina foi encontrado somente um estudo sobre o tema. O mesmo investigou a utilização e limitações do Método Friends (Fun Friends) na prevenção de ansiedade e depressão em crianças de faixa etária pré-escolar na região nordeste do Brasil (ZEGGIO et al., 2015b).

Levando em consideração os programas de prevenção a partir do desenvolvimento de repertório de habilidades socioemocionais em pré-escolares, encontramos somente o Fun Friends com evidências científicas, programa desenvolvido por Paula Barrett na Austrália. Existem alguns programas preventivos direcionados para outras faixas etárias, como: *Emotion Detectives Prevention Program* (EHRENREICH- MAY; BILEK, 2011), *Learn Young, Learn Fair* (KRAAG et al., 2009), *The Youth Mood Project* (CALEAR et al., 2009), *Norwegian Universal Preventive Program for Social Anxiety* (AUNE; STILES, 2009), *Iowa Strengthening Families Program* (TRUDEAL et al., 2007) e *Good Behavior Game* (VUIJK et al., 2007).

Mesmo que haja evidência científica à eficácia desses programas em outros países, é importante determinar quais programas são eficazes para proporcionar impactos positivos na sociedade frente aos problemas de comportamento ao longo da vida (ZEGGIO et al., 2015a). É fundamental verificar a aplicabilidade de programas de prevenção na comunidade, em que a população apresente acesso restrito a serviços de saúde.

#### Método Friends

O Método Friends é um programa fundamentado em evidências científicas desenvolvido para prevenção e promoção em saúde mental em diferentes faixas etárias. Desenvolvido na Austrália nos anos de 1990 por Paula Barrett, tendo como foco ampliar o repertório de habilidades socioemocionais, desenvolver resiliência e “prevenir ansiedade e depressão em crianças e jovens”. É um programa recomendado pela Organização Mundial de Saúde – OMS. Foi aprovado em 2012 *pele National Regiotation of Evidence – Based Programs and Practices* – NREPP, também lembrado pelo Guide da *Collaborative for Academic, Social and Emotion Learning* – CASE, como prática efetiva no desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais. O Friends é pesquisado cientificamente desde 1990 e utilizado em mais de 20 países, como: Alemanha, Suécia, Estados Unidos, México, Portugal, África do Sul e Hong Kong, além de ser considerado uma prática interventiva em políticas públicas na Inglaterra, Austrália, Escócia e Canadá (ZEGGIO et al., 2015a).

O método é baseado em técnicas da Terapia Cognitivo-Comportamental, considerado padrão ouro na prevenção e tratamento de ansiedade e depressão, técnicas da Psicologia

Positiva e fundamentos das Neurociências (ZEGGIO, et al., 2015a). Para a aplicação do protocolo são realizados 14 encontros com duração de 90 a 120 minutos, sendo 10 encontros com atividades grupais, 2 encontros para pais/responsáveis, professores e cuidadores que ensinam estratégias que devem ser trabalhadas no ambiente natural dos participantes, com o objetivo de ampliar e criar repertório de promoção de habilidades sociais e emocionais e 2 encontros de reforçamento posterior do método.

O modelo se divide em quatro níveis, sendo eles: (1) *FunFriends* (4 a 7 anos) pré-escolares e escolares, (2) *Friends for Life* (8 a 11 anos) escolares, (3) *My Friends Youth* (12 a 17 anos) adolescentes e (4) *Strong not Tough* (a partir de 18 anos) adultos. Segundo Pahl (2009), o Fun Friends é de total interesse para profissionais que trabalham com prevenção, possui evidências científicas de que é um programa de intervenção na redução dos sintomas de ansiedade e na construção de resiliência, desenvolvendo positivamente a ampliação do repertório de habilidades socioemocionais em crianças em idade pré-escolar (SHORTT; BARRETT; FOX, 2001; FARRELL; BARRETT; CLAASSENS, 2005; PAHL; BARRETT, 2010; ZERTUCHE, 2012; DOHL, 2013; ANTICICH et al., 2013; BARRETT; FISAK; COOPER, 2015).

Mesmo que o Fun Friends tenha resultados satisfatórios nos estudos voltados a ansiedade quanto na ampliação do repertório de habilidades socioemocionais (PAHL, 2009), é necessário investigar a eficácia da intervenção na redução de problemas comportamentais, em especial os comportamentos externalizantes, já que os trabalhos realizados até o momento foram direcionados aos problemas internalizantes.

## MÉTODO

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de ética em Pesquisa da Universidade Anhanguera de São Paulo (Parecer: 2.297.416).

### Participantes

Participaram 17 crianças com idades entre 4 e 5 anos que frequentavam escolas municipais de ensino infantil de uma cidade da grande São Paulo, seus 17 pais/responsáveis e 6 professoras do ensino infantil, totalizando 40 participantes.

**Critério de inclusão:** as crianças deveriam possuir frequência mínima de 75% dos dias letivos na instituição e apresentarem problemas comportamentais em intensidade ou frequência superior ao esperado para a faixa etária e sexo.

**Critério de exclusão:** crianças com suspeita ou diagnóstico de transtornos do neurodesenvolvimento e que faltavam em mais de uma sessão da intervenção.

### Instrumentos

**Ficha de dados Sociodemográficos** – elaborada especialmente para a realização

do estudo com objetivo de obter um perfil sociodemográfico dos participantes. Nesta ficha tínhamos questões do Critério Brasil de Classificação Econômica da Associação Nacional de Empresas de Pesquisas (ABEP, 2015).

**“Child Behavior Checklist” – CBCL/1½-5** – (ACHENBACH; RESCORLA, 2000), inventário que investiga a frequência de respostas indicativas a problemas comportamentais/emocionais em crianças entre 1 ano e meio a 5 anos de idade, a partir de informações fornecidas pelos pais/responsáveis. Os itens do inventário são agrupados em escalas orientadas pelo DSM (ACHENBACH; RESCORLA, 2000): Problemas de Ansiedade, Problemas do Espectro do Autismo, Problemas Afetivos, Problemas de Déficit de Atenção/Hiperatividade e Problemas de Oposição e Desafio.

**“Caregiver-Teacher Report Form” – C-TRF** – (ACHENBACH; RESCORLA, 2000), inventário que investiga a frequência de respostas indicativas a problemas comportamentais/emocionais em crianças entre 1 ano e meio a 5 anos de idade, a partir de informações fornecidas pelos professores.

**“Preschool Anxiety Scale” – PAS** – (SPENCE; RAPEE; MCDONALD; INGRAM, 2001), escala medida com 29 itens respondida pelos pais/responsáveis das crianças com idades entre 3 e 6 anos com o objetivo de avaliar os níveis de ansiedade.

**“Preschool Anxiety Scale – Teacher Report” – PAS-TR** – (SPENCE et al., 2001), escala medida com 22 itens respondida pelos professores/cuidadores pré- escolares.

### **Procedimento para coleta de dados**

Mediante a autorização da Secretaria de Educação e da direção da escola, foi solicitado que as professoras da instituição indicassem quais crianças com idade entre 4 e 5 anos que, na visão delas, estavam em situação de risco para o desenvolvimento de problemas comportamentais. Os pais/responsáveis pelas crianças indicadas foram convidados para participar de uma palestra na qual foi apresentada a proposta da intervenção. Aqueles pais que tiveram interesse a participar do estudo assinaram TCLE, para autorizar a participação, e já preencheram os inventários da avaliação pré- intervenção (Ficha Sociodemográficas, CBCL/1½-5 e PAS). Com as professoras das crianças participantes foi realizada uma reunião para esclarecer o procedimento da intervenção e para que elas respondessem ao C-TRF E PAS-TR.

Após a autorização dos pais/responsáveis pelas crianças e preenchimento dos inventários da avaliação inicial, foi realizada a intervenção com as crianças. A proposta de intervenção foi baseada no protocolo organizado em 14 encontros com duração de 90 a 120 minutos, sendo 10 encontros grupais com atividades infantis lúdicas, 2 encontros para pais/responsáveis (sendo o primeiro encontro a apresentação da proposta de intervenção e o segundo encontro entre a 6º e 7º encontro das crianças para a apresentação das habilidades aprendidas pelas mesmas e sua manutenção), explicando como funciona o método e 2 encontros de reforço somente com as crianças para manutenção e generalização

das habilidades aprendidas nos encontros. Na estrutura original do protocolo, o Método Friends, os pais devem participar no final de cada encontro, recebendo instruções sobre o conteúdo trabalhado e sobre as tarefas que devem ser realizadas em casa. No presente estudo não foi possível a presença dos pais em função da estrutura da escola na qual o estudo foi realizado.

Os encontros foram realizados no período escolar, nas dependências da própria escola (sala cedida pela coordenação para aplicação do método). As crianças ganharam um livro de atividades que foi encaminhado para residência de modo que a família pudesse acompanhar e gerenciar as habilidades trabalhadas nos encontros.

Ao final do trabalho os mesmos inventários que haviam sido aplicados no início da intervenção foram reaplicados no último encontro de reforço. Os pais/responsáveis foram convocados a comparecerem a escola para preencher os questionários em uma reunião com a psicóloga/pesquisadora. Os pais que não compareceram após duas tentativas de encontro receberam em suas casas os questionários (*CBCL/1½-5* e *PAS*) para o preenchimento e devolução em um prazo agendado. As professoras preencheram os inventários (*C-TRF* e *PAS-TR*) após a finalização da intervenção na própria escola.

### **Procedimento para a Análise dos Dados**

Os inventários *CBCL/1½-5* e *C-TRF* foram analisados com o uso do software ADM (ACHENBACH; RESCORLA, 2000). Os outros instrumentos foram corrigidos seguindo a instrução dos manuais. Análises estatísticas descritivas foram realizadas para processar o perfil comportamental e sociodemográfico das crianças com base na percepção dos pais/responsáveis e das professoras. Análises estatísticas inferenciais também foram realizadas com o objetivo de verificar se houve diferença nas avaliações pré e pós-intervenção. Devido o tamanho da amostra, optou-se pelo uso de técnicas estatísticas não paramétricas. As comparações de média foram realizadas usando os postos sinalizados de Wilcoxon de Amostras Relacionadas, enquanto o Teste de McNemar de Amostras relacionadas foi utilizado para comparar os dados categóricos. Todas as análises foram conduzidas utilizando o software SPSS 21.0, admitindo nível de significância 0,05 para as análises inferenciais.

## **RESULTADOS**

### **Avaliação na Perspectiva dos Pais**

#### **Caracterização Sociodemográfica da Amostra**

Na Tabela 1 é apresentada a caracterização sociodemográficas dos participantes que concluíram todas as etapas do estudo.

	Amostra avaliação Pais/Responsáveis – N=10 crianças
Idade criança - Média (DP)	4,10 (0,32)
Sexo criança	
<i>Masculino</i>	N = 7 (70,0%)
<i>Feminino</i>	N = 3 (30,0%)
Nº de Serviços de Saúde Mental frequentados - Média (DP)	0,00 (0,00)
Respondente	
<i>Mãe</i>	N = 7 (70%)
<i>Pai</i>	N = 1 (10%)
<i>Outros (irmã/madrasta)</i>	N = 2 (20%)
Número de irmão - Média (DP)	1,40 (1,78)
Número de pessoas na casa - Média (DP)	3,70 (1,34)
Nível Socioeconômico (Critério Brasil)	
<i>A</i>	N = 0 (0,0%)
<i>B1 e B2</i>	N = 2 (20,0%)
<i>C1 e C2</i>	N = 7 (70,0%)
<i>D e E</i>	N = 1 (10,0%)

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica da amostra.

Legenda: DP = Desvio Padrão.

A análise da Tabela 1 evidencia a prevalência de meninos na amostra. Na avaliação realizada pelos pais/responsáveis, o informante principal foi a mãe. A maior parte dos participantes estava nas classes sociais C1 e C2 e nenhum deles foi encaminhado ou teve acesso a serviços de saúde mental nos seis meses que antecederam o início da intervenção.

### **Avaliação dos problemas emocionais/comportamentais**

A média obtida pelas crianças na escala PAS, que avalia sintomas de ansiedade, antes da intervenção (42,5 média) foi maior do que a média pós-intervenção (35,3 média), indicando redução nos sintomas de ansiedade.

Essa diferença, entretanto, não foi estatisticamente significativa ( $p = 0,139$ ).

Foi analisada a pontuação individual de cada criança na Escala Total de Problemas Emocionais/Comportamentais do CBCL/1½-5 nos momentos pré e pós- intervenção. Os resultados, em termos de Escores T, podem ser observados na Figura 1.

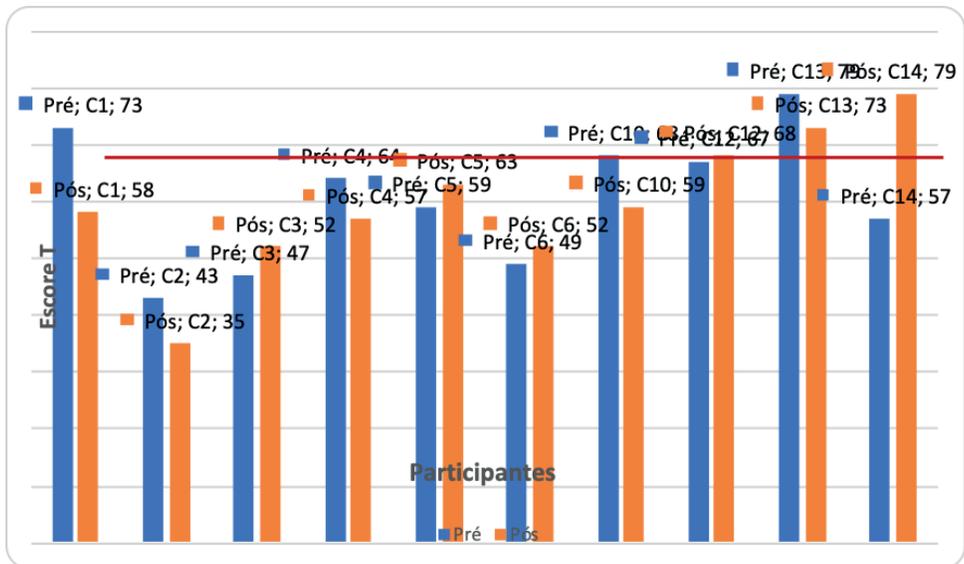


Figura 1. Pontuação individual (Escore T) na Escala Total do CBCL pré e pós- intervenção.

Houve variação na pontuação das crianças, ainda que não possa ser identificado um padrão. É importante notar que casos como C1, C4 e C10 tiveram a pontuação reduzida para valores abaixo da faixa clínica do CBCL (Escore T < 60) no pós- intervenção. Por outro lado, houve em aumento nos problemas indicados pelos pais/responsáveis do C14 na avaliação pós-intervenção. Para a maior parte dos casos, não houve diferença significativa na pontuação total do CBCL nos dois momentos (pré x pós-intervenção), confirmando os resultados obtidos na comparação das médias (Tabela 2)

Por fim, verificou-se a porcentagem de crianças com pontuação na faixa clínica do CBCL para cada uma das escalas do instrumento. Os resultados são apresentados na Figura 2.

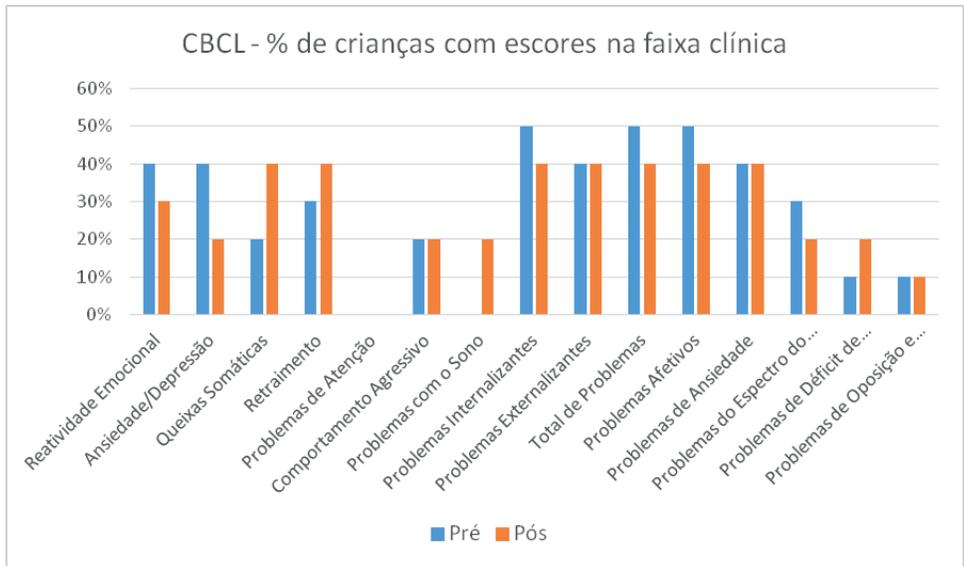


Figura 2. Distribuição das crianças com escores na faixa clínica para as escalas do CBCL pré e pós-intervenção.

Nota-se que houve uma redução na porcentagem de crianças com escores na faixa clínica para as escalas Reatividade Emocional, Ansiedade/Depressão, Problemas Internalizantes, Total de Problemas, Problemas Afetivos e Problemas do Espectro do Autismo. Não houve alteração na porcentagem de casos na faixa clínica para as escalas Problemas de Atenção, Comportamento Agressivo, Problemas Externalizantes, Problemas de Ansiedade e Problemas de Oposição e Desafio. Na avaliação, pós- intervenção, para as escalas Queixas Somáticas, Retraimento, Problemas com o Sono e Problemas de Déficit de Atenção e Hiperatividade, houve um aumento na porcentagem de crianças com escores na faixa clínica. No geral, o Teste de McNemar de Amostras relacionadas não indicou diferença estatisticamente na comparação das proporções de casos com escores na faixa clínica pré e pós-intervenção.

### **Avaliação na Perspectiva das professoras**

#### *Caracterização Sociodemográfica da Amostra*

Na Tabela 3 é apresentada a caracterização sociodemográfica dos participantes que concluíram todas as etapas do estudo – pré e pós avaliação realizadas pelas professoras.

	Amostra avaliação Professoras – N=14 crianças
Idade criança - Média (DP)	4,29 (0,47)
Sexo criança	
<i>Masculino</i>	N = 10 (71,4%)
<i>Feminino</i>	N = 4 (28,6%)
Nº de Serviços de Saúde Mental frequentados - Média (DP)	0,00 (0,00)
Número de irmão - Média (DP)	1,31 (1,55)
Número de pessoas na casa - Média (DP)	3,77 (1,24)
Nível Socioeconômico (Critério Brasil)	
A	N = 0 (0,0%)
B1 e B2	N = 2 (15,4%)
C1 e C2	N = 10 (77,0%)
D e E	N = 1 (15,4%)

Legenda: DP = Desvio Padrão.

Tabela 3. Caracterização sociodemográfica da amostra.

Na avaliação feita pelas professoras, também houve predominância de meninos na amostra, que não tiveram nenhum tipo de encaminhamento para serviços de saúde mental nos últimos 6 meses e pertenciam, prioritariamente (77%), à classe C.

### **Avaliação dos Problemas Emocionais/Comportamentais**

A pontuação média obtida pelas crianças na escala PAS-TR antes da intervenção (15,14 média) foi superior a média pós-intervenção (3,36 média), indicando redução nos sintomas ansiosos identificados pelas professoras depois da intervenção. Essa diferença foi estatisticamente significativa ( $p= 0,004$ ).

Foi analisada a pontuação individual de cada criança participante na Escala Total de Problemas Emocionais/Comportamentais do C-TRF nos momentos pré e pós- intervenção. Os resultados, em termos de escores T, podem ser observados na Figura 3.

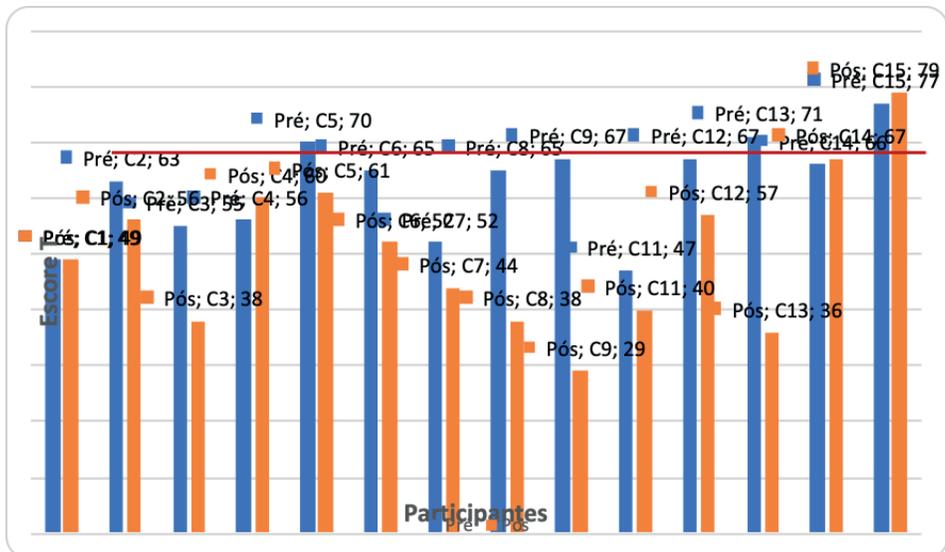


Figura 3. Pontuação individual (escore T) na Escala Total do C-TRF pré e pós- intervenção.

A análise da Figura 3 percebemos que houve variação na pontuação das crianças na comparação pré e pós-intervenção. Nos casos C2, C5, C6, C8, C9, C12 e C13 a pontuação foi reduzida para valores abaixo a faixa clínica do C-TRF (Escore T < 60) na pós-intervenção. Em compensação, as crianças C14 e C15 apresentaram um pequeno aumento nos problemas comportamentais indicados pelas professoras na avaliação pós-intervenção. Mas na maior parte dos casos, houve diferença significativa na pontuação total do C-TRF na comparação pré-intervenção e pós-intervenção, confirmando os resultados obtidos na comparação das médias da amostra.

Por fim, verificou-se a porcentagem de crianças com pontuação na faixa clínica do C-TRF para cada uma das escalas do instrumento. Os resultados são apresentados na Figura 4.

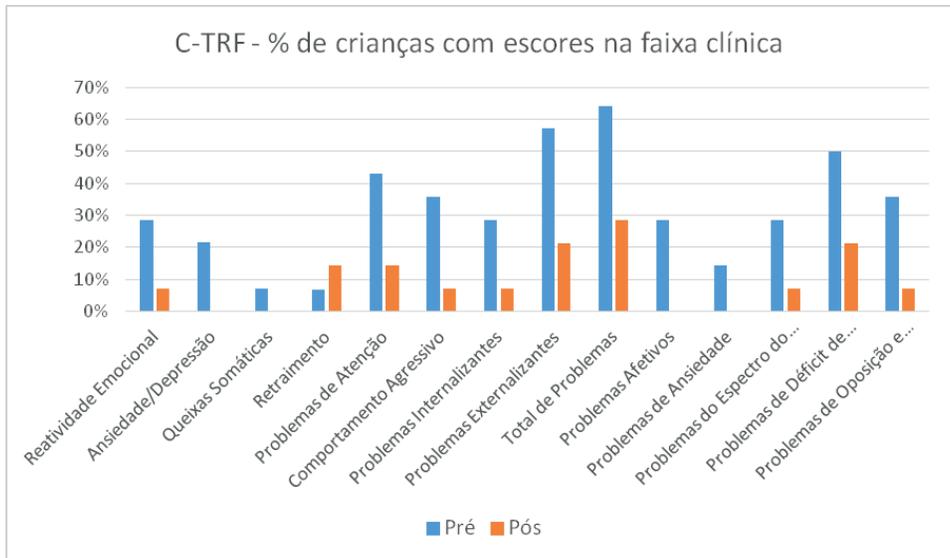


Figura 4. Distribuição das crianças com escores na faixa clínica para as escalas do C- TRF pré e pós-intervenção.

Identifica-se, na Figura 4, que houve uma redução na porcentagem de crianças com escores na faixa clínica para todas as escalas avaliadas pelo C-TRF, com exceção de Retraimento. Nota-se, ainda, que para as escalas Ansiedade/Depressão, Queixas Somáticas, Problemas Afetivos e Problemas de Ansiedade tivemos redução total, ou seja, na avaliação inicial havia crianças que estavam com pontuação na faixa clínica, enquanto que na avaliação final, não foram mais identificadas crianças com problemas em intensidade e/ou frequência equivalentes à faixa clínica do C-TRF. No geral, o Teste de McNemar de Amostras relacionadas indicou diferença estatisticamente na comparação das proporções de casos com escores na faixa clínica pré e pós-intervenção.

## DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo geral verificar o efeito do programa Método Friends – Fun Firends, método este capaz de desenvolver habilidades socioemocionais em crianças de uma comunidade carente com indicadores de problemas comportamentais do ponto de vista de suas professoras. Partimos da hipótese de que a intervenção reduziria os índices de problemas comportamentais/emocionais, em especial a ansiedade das crianças do ponto de vista das professoras, pais e responsáveis.

Correlacionando o objetivo da pesquisa com os resultados obtidos encontramos diferenças do ponto de vista das professoras e dos pais/responsáveis. Para os pais/responsáveis não tivemos diferença estatística referente aos sintomas de ansiedade avaliados pela escala PAS e na avaliação em que utilizamos o CBCL não obtivemos

diferença significativa nas escalas de problemas emocionais/comportamentais. Já na perspectiva das professoras os resultados da intervenção tiveram impactos positivos, trazendo os dados com total significância estatística tanto na PAS-TR quanto C-TRF. Os dados da pesquisa nos mostram que muitas crianças que apresentavam indicativos da faixa clínica em relação a intensidade/frequência em diversas escalas do C-TRF obtiveram diminuição significativa dos problemas emocionais/comportamentais.

A família possui a primeira referência para o desenvolvimento da criança e muitas vezes a escola torna-se a segunda referência, protegendo os estudantes que estão expostos a condições de vulnerabilidade social, promovendo o desenvolvimento emocional e social para o estudante (PETRUCI et al., 2016). Considerando os autores podemos compreender que o trabalho desenvolvido no contexto escolar contribuiu positivamente para as crianças participantes mesmo que os resultados não tenham sido generalizados no contexto familiar.

Esperávamos encontrar altos índices de problemas de comportamento infantil na amostra estudada levando-se em conta o nível de vulnerabilidade social, confirmada pelo seu nível sociodemográfico (BANDEIRA et al., 2011). Considerando Borsa e Nunes (2011) as questões sociodemográficas como baixo nível escolar dos pais, baixa renda e dificuldades intrafamiliares favorecem o surgimento de problemas comportamentais. Crianças que se desenvolvem em ambientes conflituosos e hostis, tendo recursos escassos, possuem maior dificuldade de adaptação as exigências de novos ambientes (HOPSON; LEE, 2011). Portanto a escola tem papel fundamental no desenvolvimento socioemocional dos alunos. Segundo Petrucci et al. (2016) os professores muitas vezes atuam como preditores no desenvolvimento das competências emocionais e sociais infantis.

Analisando os dados obtidos e suas divergências, devemos considerar que a participação dos pais/responsáveis durante as sessões de intervenção, como proposto no Método Friends, seria excepcional para que os ganhos fossem atingidos e ampliados aos novos ambientes. Além que os pais poderiam identificar e reforçar as habilidades desenvolvidas durante a intervenção que levariam a uma redução nos problemas comportamentais. O trabalho unificado entre criança, pais e escola tem total sucesso no alcance das habilidades desenvolvidas nas intervenções (INGBERMAN, 2001).

O repertório social das práticas educativas dos pais é um fator de total importância para o desenvolvimento adequado no repertório dos filhos (BOLSONI- SILVA et al., 2003). Quando temos pais com repertório favorável em relação a essas habilidades os filhos possuem maiores chances de apresentarem comportamentos adequados (PINHEIRO et al., 2006). Sendo assim sugerimos que trabalhos futuros incluam os pais na intervenção com o objetivo de conquistarem resultados mais abrangentes e efetivos.

Segundo Fernandes et al. (2014) os programas interventivos preventivos são direcionados a populações em situação de vulnerabilidade social que possuem pré-disposição a desenvolver sinais de dificuldades e até mesmo problemas comportamentais. O presente

estudo trabalhou na perspectiva da prevenção seletiva, pois as crianças selecionadas a participar da pesquisa apresentavam algum tipo de problema comportamental. Um dos grandes diferenciais do estudo é a utilização do Método Friends – Fun Friends – já que poucos autores utilizaram tal método.

O trabalho interventivo preventivo é de total importância para o público pré-escolar. As intervenções com objetivo preventivo devem ocorrer precocemente, antes que a criança venha apresentar qualquer problema comportamental, o impacto é positivo para o desenvolvimento infantil além do aumento da capacidade de resiliência (IIZUKA; BARRETT, 2011). Portanto o presente trabalho possui alta relevância social ao conseguir levar a uma população de alta vulnerabilidade social um programa preventivo com reconhecimento mundial e com foco no desenvolvimento de habilidades socioemocionais para a redução dos problemas comportamentais, especificamente relacionados a ansiedade (PAHL, 2009).

Os resultados alcançados revelam que o programa de intervenção Método Friends - Fun Friends obteve resultados positivos na diminuição dos problemas comportamentais das crianças participantes no ponto de vista das professoras.

Sugerimos que novos estudos sejam realizados com o Fun Friends para redução de problemas de comportamento e ampliação do repertório de habilidades socioemocionais em crianças na faixa etária pré-escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhos futuros interventivos preventivos devem ser desenvolvidos com crianças em faixa etária pré-escolar envolvendo pais e responsáveis com o objetivo de ampliar o repertório das habilidades aprendidas pelas crianças, tendo múltiplos informantes, grupo controle e aplicação individualizada.

## REFERÊNCIAS

ABEP (2015). Associação Nacional de Empresas e Pesquisas: *Critério de classificação econômica do Brasil*. São Paulo: ABEP. <http://www.abep.org>.

ABREU, S.; MURTA, S. G. O Estado da Arte da Pesquisa em Prevenção em Saúde Mental no Brasil: uma Revisão Sistemática. **Interação Psicol.** Curitiba, v.20, n.1, p. 101-111, jan./abr. 2016.

ABREU, S.; MIRANDA, A. A. V. MURTA, S. G. Programas Preventivos Brasileiros: Quem Faz e como É Feita a Prevenção em Saúde Mental? **Psico - USF**, v. 21, n. 1, p. 163-177, 2016.

ACHENBACH, T. M.; RESCORLA, L. A. (2000). Manual for the ASEBA Preschool- Age Forms & Profiles. Burlington, VT: University of Vermont, **Research Center for Children, Youth, & Families**.

ANTICICH, S. A.; BARRETT, P. M.; SILVERMAN, W.; LACHEREZ, P.; GILLIES, R. The prevention of childhood anxiety and promotion of resilience among preschool- aged children: A universal school based trial. **Advances in school mental health promotion**, v. 6, n. 2, p. 93-121, 2013.

AUNE, T.; STILES, T. C. (2009). Universal-based prevention of syndromal and subsyndromal social anxiety: a randomized controlled study. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 77, n. 5, p. 867-879, 2009.

BANDEIRA, D. R.; BORSA, J. C.; SOUZA, D. S. Prevalência dos problemas de comportamento em uma amostra de crianças do Rio Grande do Sul. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 13, n.2, p.15-29, 2011.

BARRETT, P.; FISAK, B.; COOPER, M. The Treatment of Anxiety in Young Children: Results of an Open Trial of the Fun FRIENDS Program. **Behaviour Change**, v. 32, n. 4, p. 231-242, 2015.

BOLSONI-SILVA, A. T.; DEL PRETTE, A.; OISHI, J. Habilidades sociais de pais e problemas de comportamento dos filhos. **Psicologia: Argumento**, v. 9, p.11-29, 2003.

BORSA, J. C.; NUNES, M. L. T. Prevalência de problemas de comportamento em uma amostra de crianças em idade escolar da cidade de Porto Alegre. **Aletheia**, v. 34, p. 32- 46, 2011.

CALEAR, A. L., CHRISTENSEN, H., MACKINNON, A., GRIFFITHS, K. M., & O'KEARNEY, R. (2009). The Youth Mood Project: a cluster randomized controlled trial of an online cognitive behavioral program with adolescents. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 77, n.6, p. 1021-1032, 2009.

DOHL, A. H. Managing anxiety through childhood social-emotional development. Dissertação de Mestrado. The University of British Columbia, Canada, 2013.

EHRENREICH-MAY, J.; BILEK, E. L. Universal prevention of anxiety and depression in a recreational camp setting: an initial open trial. **Child Youth Care Forum**, v. 40, p. 435-455, 2011.

FARRELL, L. J., BARRETT, P. M., CLAASSENS, S. Community trial of an evidence- based anxiety intervention for children and adolescents (the FRIENDS program): A pilot study. **Behaviour Change**, v. 22, n. 4, p. 236-248, 2005.

FERNANDES, L. F. B.; ALCKIMIN-CARVALHO, F.; IZBICKI, S.; MELO, M. H. S. Prevenção universal de ansiedade na infância e adolescência: uma revisão sistemática. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v.16, n.3, p. 83-99, 2014.

HOPSON, L. M., LEE, E. Mitigating the effect of family poverty on academic and behavioral outcomes: The role of school climate in middle and high school. **Children and Youth Services Review**, v. 33, p. 2221-2229, 2011.

IIZUKA, C. A.; BARRETT, P. M. Programa Friends para o tratamento e prevenção de transtornos de ansiedade em crianças e adolescentes. In: Circe Salcides Petersen and Ricardo Wainer (Ed.), **Terapias cognitivo-comportamentais para crianças e adolescentes**, 2011, p. 264-285 São Paulo, Brasil: Artmed.

INGBERMAN, Y. K. O estudo de padroes de interação entre pais e filho; prevenção da aquisição de comportamentos desadaptativos, embasamento para prática clínica. In: Guilhardi, H.n J. **Sobre comportamento e cognição**, v. 8. Santo André – São Paulo. Esetec; p. 226-233, 2001

KRAAG, G., VAN BREUKELEN, G. J., KOK, G., & HOSMAN, C. "Learn Young, Learn Fair", a stress management program for fifth and sixth graders: longitudinal results from an experimental study. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 50, n. 9, p. 1185-1195, 2009.

PAHL, K. M. Preventing anxiety and promoting social and emotional strength in early childhood: An investigation of aetiological risk factors. – **Tese de Doutorado**, University of Queensland in February, 2009.

PAHL, K. M.; BARRETT, P. The Development of Social–Emotional Competence in Preschool-Aged Children: An Introduction to the Fun FRIENDS Program. **Australian Journal of Guidance and Counselling**, v.17, n. 1, p. 81-90, 2007.

PAHL, K. M.; BARRETT, P. M. Preventing anxiety and promoting social and emotional strength in preschool children: A universal evaluation of the Fun FRIENDS program. **Advances in School Mental Health Promotion**, v. 3, n. 3, p. 14-25, 2010.

PETRUCCI, G. W.; BORSA, J. C.; KOLLER, S. H. A Família e a Escola no Desenvolvimento Socioemocional na Infância. **Temas em Psicologia**, 2016, v. 24, n.2, p.391-402, 2016.

POLANCZYK, G. V.; SALUM, G. A.; SUGAYA, L.S.; CAYE, A.; ROHDE, L. A. Annual Research Review: A meta-analysis of the worldwide prevalence of mental disorders in children and adolescents. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 56, p. 345-365, 2015.

ROCHA, M. M.; SILVARES, E. F. M. Competências de jovens brasileiros: Fatores de proteção para problemas comportamentais. **Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia**. Universidade do Minho, Portugal, 2010.

SHORTT, A. L., BARRETT, P. M., FOX, T. L. Evaluating the FRIENDS program: A cognitive-behavioral group treatment for anxious children and their parents. **Journal of clinical child psychology**, v. 30, n. 4, p. 525-535, 2001.

SPENCE, S. H.; RAPEE, R.; MCDONALD, C.; INGRAM, M. The structure of anxiety symptoms among preschoolers. **Behaviour Research and Therapy**, v. 39, p. 1293- 1316, 2001.

TRUDEAU, L., SPOTH, R., RANDALL, G. K., & AZEVEDO, K. Longitudinal effects of a universal family-focused intervention on growth patterns of adolescent internalizing symptoms and polysubstance use: gender comparisons. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 36, n. 6, p. 725-740, 2007.

VUIJK, P., LIER, P. A. VAN, CRIJNEN, A. A., & HUIZINK, A. C. Testing sex- specific pathways from peer victimization to anxiety and depression in early adolescents through a randomized intervention trial. **Journal of Affective Disorders** v. 100, p. 221- 226, 2007.

ZEGGIO, L.; NICO, Y.; LEONARDI, J. A experiência do Método FRIENDS: Uma possibilidade de prevenção e de promoção de "saúde mental" em larga escala no Brasil? **Boletim Paradigma**, v. 10, p. 20-24, 2015.

ZEGGIO, L.; NICO, Y.; LIMA, T.; CAMBOIM, R. Método Friends como estratégia de políticas públicas para prevenção em saúde mental e aproximações entre as abordagens cognitiva e analítico-comportamental. X Congresso Brasileiro de Terapias Cognitivas, Porto de Galinhas, abril 2015.

ZERTUCHE, C. P. Efectividad del programa “Amistad y Diversion” en el desarrollo de la resiliencia en niños de edad preescolar (**Teses de maestrado**). Universidad de Monterrey, Mexico, 2012.

# A EROTIZAÇÃO, A INFÂNCIA E OS DESENHOS ANIMADOS: PROBLEMAS E SOLUÇÕES

*Data de submissão: 04/04/2023*

*Data de aceite: 02/06/2023*

**Sandonaity Monteiro Amorim Júnior**

Faculdade Católica do Rio Grande do  
Norte

Mossoró – Rio Grande do Norte

<http://lattes.cnpq.br/0716972993589289>

que estão assistindo. Para a realização deste trabalho é utilizado como método de pesquisa a revisão bibliográfica.

**PALAVRAS-CHAVE:** infância, desenvolvimento humano, erotização, desenhos animados.

**RESUMO:** Os desenhos animados são detentores de um grande poder de atração, principalmente, para com as crianças, por possuírem esta habilidade eles são responsáveis por influenciarem direta ou indiretamente na formação desses pequeninos. O problema é que é até comum encontrar em alguns desenhos traços de erotização. Neste sentido, este trabalho pretende analisar o porquê estes desenhos possuem tais traços e como isto prejudica o desenvolvimento infantil. Será possível perceber que a ingressão do mundo mercadológico neste cenário é um dos maiores agravantes para que ocorra a inseminação de conteúdos eróticos nas animações. No fim será realçado que não se pretende fazer com que as crianças deixem de assistir seus preciosos desenhos, todavia ao assistirem é necessário que elas tenham o apoio dos educadores para poderem internalizar da melhor maneira aquilo

## EROTIZATION, CHILDHOOD AND CARTOON: PROBLEMS AND SOLUTIONS

**ABSTRACT:** Cartoons have a great power of attraction, especially for children, and because they have this ability they are responsible for directly or indirectly influencing the formation of these little ones. The problem is that it is even common to find in some cartoons traces of eroticization. In this sense, this work intends to analyze why these cartoons have such traces and how this harms child development. It will be possible to realize that the entrance of the marketing world in this scenario is one of the biggest aggravating factors for the insemination of erotic content in cartoons. In the end, it will be emphasized that we do not intend to make children stop watching their precious cartoons, but when they do, it is necessary that they have the support of educators to be able to internalize what they

are watching in the best way possible. To carry out this work, the research method used is a literature review.

**KEYWORDS:** childhood, human development, eroticization, cartoon.

## 1 | INTRODUÇÃO

É muito comum encontrar adultos consumindo conteúdos eróticos, mas pode gerar estranheza acreditar que as crianças também consomem esses mesmos conteúdos, o problema é que isto ocorre, em alguns casos, com o consentimento dos educadores, que não percebem o poder informacional presente nos desenhos animados, que podem estar carregados de eroticidade velada pela ludicidade (BARBOSA; GOMES, 2013, p.330).

Tendo em vista este contexto, o presente estudo pretende, primeiramente, analisar de maneira detalhada o que é a infância e como as crianças se prendem ao mundo lúdico dos desenhos animados, depois o estudo se dirigirá à análise da relação entre a erotização e os desenhos animados, a partir destes dois pontos será apresentado os prejuízos para a infância e para o desenvolvimento humano de uma relação entre eroticidade e desenhos animados. Por fim, objetivo final aqui é mostrar como os educadores podem ajudar as crianças a viverem seus momentos lúdicos com os desenhos animados da melhor forma possível.

Dois dos principais autores referenciados neste estudo são Erik Erikson e Max Scheler (2003), deste virá: o conceito de valor, como algo que emana da essência das coisas, ou, neste caso, como algo que emana da própria infância. Já Erikson ajudará a entender a importância de desenvolver na criança um pensamento crítico. Além de Erikson e Scheler o presente texto buscará apoio no pensamento de Lemes e Cifuentes, para melhor compreender o que é a experiência de uma boa infância e como se pode ajudar as crianças a vivê-la. Em sumo o texto se fundamenta nas referências bibliográficas como método de pesquisa.

## 2 | OS DESENHOS ANIMADOS COMO GRANDES PORTADORES DE INFORMAÇÃO

É nítido que os desenhos animados marcam presença em quase toda infância das crianças, este contato constante com estas animações deixa estes pequeninos sobre forte influência dos desenhos animados e por isso é preciso expor quais as possíveis consequências deste contato. Todavia antes de iniciar tal debate é sábio compreender primeiro o que é a infância e o que são os desenhos animados.

O estudo acerca de tal fase do desenvolvimento humano começou a não muito tempo, pois “foi Freud, que a pouco menos de um século, começou a estudar e problematizar a infância como um estágio distinto da vida” (BREI; GARCIA; STREHLAU, 2008, p. 1). Mas é Erik Erikson (1976, p. 91) que apresenta um dos mais importantes conceitos sobre a

infância, segundo ele esta etapa é marcada pela falta de uma personalidade que consiga dominar ativamente o seu meio, ou seja, a criança não é completamente “capaz de perceber corretamente o mundo e a ela própria”.

É partindo desta perspectiva que se analisa a influência da mídia televisiva, que tenta oferecer os mais diversos tipos de entretenimento para poder agradar os mais diversos estilos; há programas voltados para os adultos, para os jovens e, sem dúvida, há programas focados em agradar o público infantil. Muitos desses programas de entretenimento infantil são, principalmente, desenhos animados, já que estes, de algum modo, conseguem prender a atenção das crianças por várias horas (BARBOSA; GOMES, 2013, p.330). Esta realidade se apresenta de forma tão viva ao longo de toda a infância que o autor Meyrowitz (1985, apud PEREIRA, 1996, p. 70) diz que: “a televisão hoje auxilia as crianças a conhecer o mundo muito antes de serem capazes de andar pela rua”<sup>1</sup>.

Pereira (1996) apresenta uma possível resposta para o porquê os desenhos animados fascinam tanto este público. Segundo ela, as animações são um grande instrumento de satisfação, pois faz nascer nestes pequeninos novas perguntas e interesses. Entretanto, atualmente, a mídia televisiva não é a única a proporcionar formas de entretenimento ao público infantil, pois a mídia digital já faz parte da vida das crianças. Muitas crianças aprendem a se relacionar com um smartphone muito antes de aprender a ler e escrever, às vezes, até mesmo antes de aprender a falar. Deste modo o contato com os desenhos animados não está mais restrito apenas a televisão.

Muitas empresas inclusive se utilizam do entretenimento infantil e do comodismo dos educadores para manipularem socioeconomicamente as crianças, e um dos artifícios utilizados pelo marketing empresarial para atrair a atenção das crianças é a presença de conteúdos eróticos nos desenhos animados (BREI; GARCIA; STREHLAU, 2008). A pergunta que fica é: porque os conteúdos eróticos atraem a atenção das crianças? O autor Philippe Aries (1986, p. 119) apresenta uma possível resposta ao dizer que, provavelmente, coisas que despertam “alguma aproximação com o universo dos adultos” chamam mais a atenção das crianças.

Essa relação entre o mundo mercadológico e as animações denota um interessante fato exposto pela autora Mesomo (2008, p. 2): “não se consome apenas os objetos, mas tudo aquilo que eles podem representar: ‘as crianças consomem as imagens e as materializam em si mesmas [...]’”. Deste modo, se as crianças têm contato com muitos desenhos animados erotizados elas correm o risco de se autodisciplinarem de forma a inclinar seus desejos para um mundo hedonista, que vive em busca de um prazer inalcançável e frívolo. Deve-se ter em mente que a criança ainda é um ser muito frágil criticamente falando, pois ainda está no início de sua formação humana, sendo assim, ela é muito susceptível a se deixar ser levada por influências do meio em que vive.

---

1 (Nossa tradução). “La televisión hoy acompaña a los niños a conocer el mundo mucho antes de ser capaces de pasear solos por la calle”.

Sendo assim, o público infantil é um público fácil de ser manipulado, já que não há a necessidade de muitos esforços para atrair a atenção das crianças, logo este público acaba sendo um alvo fácil e atrativo para as empresas. A questão é que tais empresas costumam visar a lucratividade. Para mostrar o quão preocupante é este cenário a escritora Pereira (2008) realizou uma série de entrevistas com pessoas que trabalham com o entretenimento infantil. A partir dos dados obtidos observou-se que alguns programas de TV pouco se interessam em expor desenhos animados com conteúdo educativo, pois estão mais focados em transformar a programação em uma espécie de momento lucrativo. Neste sentido, é plausível concluir que há um descaso para com a infância e o seu valor, pois quando se deixa de lado a preocupação com a educação infantil também se desvaloriza a infância.

Quando aqui se fala em valorizar ou desvalorizar a infância se deve ter em mente o que Max Scheler fala sobre valor, para ele o valor não é sustentado por concepções hedonistas, mas é uma qualidade do ser (SOBRINHO, 2017). Scheler (1994) ainda afirma que o valor é objetivo, isto é, independe do desejo ou da rejeição humana, em outras palavras, o valor é eterno e não está submisso aos caprichos do ser humano. Nesta perspectiva, essa imersão das animações no mundo mercadológico, que fora citado anteriormente, se desemboca em um deixar de zelar pelo valor que está contido na criança, valor este que não pode ser considerado desprezível ou insignificante, já que para que possa existir pessoas adultas que, segundo Erikson (1976), tenham desenvolvido uma personalidade bem estruturada é necessário que primeiramente se tenha um apreço para com a criança, pois são nas fases iniciais da vida onde o homem passa por crises importantíssimas para a formação da sua personalidade.

Por não entender ou não respeitar o valor da infância, algumas empresas ou mesmo os próprios educadores começam a expor as crianças desde a mais tenra idade ao contato com uma mídia que, as vezes, pode trazer conteúdos erotizados, de forma direta ou indireta. As consequências disto está exposto pelos autores Slatter e Tiggemann (2016 apud BÄCHTOLD, 2018, p. 37) que realizam uma pesquisa e chegam a concluir que as crianças quando em contato contínuo com conteúdo potencialmente erotizados costumam manifestar “suas preferências pelo uso de vestuário sensual”, que desemboca em uma insatisfação com a sua imagem corporal.

Quando a criança começa a se vestir e agir de forma sensual há a possibilidade dela se tornar objeto de desejo, o que pode ser considerado uma afronta à dignidade da criança (BÄCHTOLD, 2018), Além de terem sua dignidade afetada, esses pequeninos, se forem estimulados a vestirem roupas inadequadas para sua idade, podem não aprender a lidar positivamente com seu corpo “[...] e nem a conhecê-lo e, uma vez não mantendo relação positiva com seu corpo, pode está fadada a permitir que outras pessoas ajam de forma abusiva para com sua intimidade” (CITRÂNGULO, 2009, p. 11).

Neste sentido, a autora Flores (2011 epud PISCINATO; SILVA, 2018) relata que quando uma criança é tratada como se fosse adulta, deixando ela fazer o que quiser, estar-

se-á estabelecendo um processo de pedofilização na sociedade. Isto, além de desprezar o valor da infância, pode, segundo Silva (2018, p. 55), prejudicar a “qualidade de uma vida futura com a possibilidade de surgimento de diferentes distúrbios e insucessos em diferentes áreas que abrangem a acadêmica, a pessoal e a profissional”.

Todavia muitos educadores não conseguem compreender esta realidade e acabam privando a criança de seus conselhos e, o principal, de sua presença (BACHTOLD, 2018). A causa dessa desatenção perante a relação entre infância e desenhos animados está no fato de que as pessoas não se preocupam com o conteúdo das animações pelo simples fato de serem desenhos animados (PISCINATO; SILVA 2018). Ora, muitos educadores ainda se perguntam: o que poderia haver de mau em um simples desenho animado?

### **3 | O ENCURTAMENTO DA INFÂNCIA E OS PREJUÍZOS PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO**

Não é de hoje que a infância tenta conquistar o reconhecimento de sua singularidade e importância entre as etapas do desenvolvimento humano. Segundo o historiador Philippe Aries (1986) não faz muitos séculos que as crianças eram retratadas em pinturas como se fossem adultos em miniaturas, com vestes e expressões físicas de adultos, mostrando assim a inexistência da infância como um período diferente da vida adulta. O autor relata, neste sentido, que até mesmo as histórias de ninar continham muitas vezes conteúdos eróticos. Aries (1986, p. 128) ainda explana que: o respeito para com as crianças “era então [...] algo totalmente ignorado. Os adultos se permitiam tudo diante delas: linguagem grosseira, ações e situações escabrosas, elas ouviam e viam tudo”. A mentalidade que se tinha acerca da infância, segundo Aries, era de que não existia a inocência infantil, e se existisse não poderia ser maculada.

Alguns resquícios dessa realidade apresentada por Aries (1986) ainda persistem nos dias atuais, a persistência de tais resquícios históricos faz com que a infância continue sendo atropelada. Neste sentido, a autora Bächtold (2018, p. 34) faz um alerta muito importante a respeito desse processo de adultização da criança, ao dizer que não é necessário ter pressa e é preciso respeitar cada fase do desenvolvimento humano.

Ainda segundo tal autora, o ser humano necessita de um bom tempo para poder se desenvolver ao ponto de estar preparado psicologicamente para adentrar em um mundo adulto e para poder lidar com a erotização. Além disso, “pular” a infância pode afetar diretamente na capacidade de desenvolver laços afetivos. Neste sentido, Erikson (1976, p. 136) acrescenta que quando não se instiga o desenvolvimento de tais laços afetivos ainda durante a infância e na juventude, provavelmente quando se chegar à vida adulta as relações interpessoais serão sumamente estereotipadas. Em suma, está falta de apreso para com a infância pode gera um adulto infantil, que não tem o controle da própria vida (CIFUENTES, 2003, p. 94-95).

Erikson (1976, p. 139) por sua vez apresenta o significado de integridade, que se mostra bem relevante quando se debate sobre este assunto, para este escritor um ser humano íntegro é aquela pessoa que: “[...] em progressivo amadurecimento com a idade, [...] zelou pelas coisas e pessoas e se adaptou aos triunfos e desapontamentos de ser, necessariamente, a originadora de outras e a geradora de coisas e ideias [...]”. Sendo assim, como é possível que o contato com conteúdos eróticos possa auxiliar no desenvolvimento de uma pessoa íntegra? Se as animações com conotações eróticas instigam na criança a busca pelo prazer momentâneo e influenciam na estereotipação das relações interpessoais, então é cabível dizer que as crianças que assistem desenhos animados com algum tipo de eroticidade podem ter mais dificuldade de atingirem a integridade pessoal, pois não são estimuladas a zelar pelas coisas, nem pelas pessoas e além disso dificilmente conseguirão se perceber como seres únicos e singulares.

Assim sendo, se não se percebem como seres singulares, também não agiram com originalidade. Essa falta de originalidade é visível, segundo Erik Erikson (1976, p. 140), quando se observa um ser humano que não defende “a dignidade do seu próprio estilo de vida contra todas as ameaças”. Pois ele não “sabe que uma vida individual é a coincidência acidental de um único ciclo vital”. Deste modo, uma criança que é constantemente influenciada a desejar se parecer com uma personagem de desenho animado tende a também ser condicionada a não ser autêntica e, portanto, é mais difícil para essa criança desenvolver um sentimento de valor para consigo mesma.

#### **4 | FORMAS DE PROPORCIONAR UM BOM DESENVOLVIMENTO HUMANO DURANTE A INFÂNCIA**

Não se pode esperar que as crianças deixem de assistir os desenhos animados e isto também não se faz necessário, pois o problema não está simplesmente só no que elas assistem, mas também como elas assistem. Nesta perspectiva, é interessante que os educadores estejam com as crianças no momento que elas estiverem assistindo às animações captando suas impressões e ajudando-as a fazerem interpretações que enriqueçam o aprendizado desses pequeninos. Tentar fazer com que ainda na infância haja os fundamentos de um pensamento crítico é essencial, pois ensinar a uma pessoa a ter uma reflexão crítica acerca do mundo é ensiná-la a ser essencialmente humana (SCHELER, 2003).

Com relação a essa vigilância por parte dos educadores Philippe Aries (1986, p. 146) alega ser fundamental a presença dos educadores na vida das crianças, mas “é preciso que essa vigilância [...] seja feita com doçura e com uma certa confiança, que faça a criança pensar que é amada, e que os adultos só estão ao seu lado pelo prazer de sua companhia”, isto fará com que a criança não tema essa companhia, mas a ame. É importante entender também que “as crianças são plantas jovens que é preciso cultivar e regar com frequência: alguns conselhos dados na hora certa, algumas demonstrações de ternura e amizade feitas

de tempos em tempos comovem e conquistam” (ARIES, 1986, p. 163).

Outro ponto crucial apresentado pela autora Pereira (1996) sobre o modo como as crianças devem assistir as animações é que elas precisam colocar sentido no que estão assistindo, e os principais responsáveis por ajuda-las a fazerem isto são geralmente os familiares, pois estes são os que normalmente estão mais presentes na vida da criança. Erikson (1976, p. 104) acrescenta que os pais e os educadores de um modo geral também devem colocar sentido nas suas atitudes, sejam atitudes de permissão ou de proibição. Para este mesmo autor os educadores “[...] devem não só ter certos métodos de orientação por proibição e permissão; eles devem também estar aptos a representar para a criança uma convicção profunda, quase somática, de que existe um significado no que estão fazendo”.

A autora Bächtold (2018) ratifica a necessidade da explicação por parte dos educadores às crianças do porque eles, às vezes, não consideram adequado que elas assistam certos desenhos animados, ao invés de dizer simplesmente e imperativamente para as crianças: “não veja”. Ainda, nesta mesma perspectiva, a autora Arent (2013 apud PLATT; OLIVEIRA, 2018, p. 22), explana que os educadores devem “conduzir as crianças pelo caminho que elas desconhecem”, pois ainda são novos e não apreenderam o suficiente para poderem caminhar sozinhos, isto implica também em impor limites às crianças, todavia tal imposição deve não se resumir a uma coerção moral ou ética, mas acima de tudo deve mostrar para as crianças a beleza do valor da infância, que é única e insubstituível. Tal imposição de limites implica, algumas vezes, em ser seletivo na hora de assistir aos desenhos animados.

Ir desvendando com a criança esse mundo de valores e significados é também apresentar para ela o amor, o amor por si mesmo e pelo outro, o amor pelo próprio corpo e pelo corpo do outro, o amor pela própria subjetividade e pela subjetividade das outras pessoas e assim por diante. Neste sentido, o termo amor ganha aqui um vínculo com a responsabilidade, já que saber amar o outro é saber ser responsável por ele, igualmente, quando se fala em amar o próprio corpo está se dizendo que ele possui valores que precisam ser respeitados. Aqui, respeito, responsabilidade e valor estão conceitualmente vinculados e devem ser vistos como atitudes de um ser que encontrou o sentido de ser naquilo que se ama. Assim sendo, o puro prazer sexual não pode ser tido como a única expressão do amor, assim como relata o autor Cifuentes (2003, p. 92-93), que considera o amor de mãe como o modelo a ser seguido, pois é um amor de doação, um amor que se esquece no outro. Desenvolver tal amor é ainda entender que o outro não é um meio para um fim.

Continuando tal discursão em relação ao amor a escritora Lemes (2015, p. 81) assegura que esse sentimento “é um fenômeno originário, é um ato que caracteriza a existência humana no que ela tem de humano, é um ato existencial, mas também é coexistencial, porque é relação pessoa-pessoa”, isto pode ser apreendido pelas crianças aos poucos com o auxílio dos educadores.

Prezar pela dignidade e pelo valor do próprio corpo é ter a capacidade de exprimir o amor através dele, e um dos modos como a criança pode compreender isso é mostrando que mesmo que algumas personagens dos desenhos animados hajam com despudor isto não deve ser imitado, além disso, se faz necessário também explicar que o pudor não se restringe a cobrir uma parte do corpo, mas é, acima de tudo, uma preservação do uso “indiscriminado, desrespeitoso, manipulador e possessivo de suas forças criativas” (LEMES, 2015, p. 140), em outras palavras, o pudor protege a pessoa de torna-se um objeto, principalmente sexual. Em suma, é importante que a criança entenda que a ênfase na beleza corporal nem sempre permite capitar o Tu e amá-lo como é” (LEMES, 2015, p. 134).

Lemes (2015, p. 99) afirma que não é fácil trabalhar com as crianças esses assuntos, todavia é necessário. Sobre esse mesmo assunto a autora Thais Santiago (2018, p. 158) ratifica com base no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que mesmo não sendo fácil educar as crianças para um mundo de valor “[...] a humanidade deve à criança o melhor de seus esforços”. No fim, o que deve ser deixado claro é que a criança deve ser educada para poder tomar suas próprias decisões, decisões livres, responsáveis e coerentes, deve ser educada ainda para ser uma pessoa autêntica e íntegra.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

De início este estudo buscou analisar a relação entre a erotização e os desenhos animados e como isso influencia na vida das crianças. Deste modo, foi possível constatar que as crianças têm seu valor desrespeitado quando são colocadas para assistir animações que contêm conteúdos eróticos ou com conotações eróticas. Analisou-se ainda que muitos programas de TV pouco se interessam em transmitir desenhos animados que sejam mais educativos. Viu-se que o fato do mundo mercadológico adentrar neste cenário acaba por agravar o problema da erotização infantil por meio dos desenhos animados, pois este utiliza-se de tal cenário para fomentar o consumismo.

Tudo isso faz com que a criança perca aos poucos a sua infância para ingressar em um mundo “adultilizado”. Além disso, muitas crianças começam a apresentarem uma estereotipação dos laços afetivos, que acaba desembocando na falta de autenticidade, começa-se a surgir, então, uma personalidade fragmentada e sem autoconhecimento.

Por fim, há algumas atitudes dos educadores que podem ajudar as crianças a enfrentarem a erotização, a princípio se mostra essencial a presença daqueles perante estes, ser um educador presente na vida da criança deve ser muito mais que uma vigilância, é necessário que seja uma presença perscrutada por docilidade, uma docilidade que auxilia a criança a compreender os sentidos e os valores contidos em cada coisa e ação, uma docilidade que auxilia a criança a ter um senso crítico perante as informações que lhes são repassadas, e mais ainda, uma docilidade que ajuda a criança a ser autêntica e a

desenvolver uma integridade psíquica e espiritual.

## REFERÊNCIAS

ARIES, Philippe. **História Social da criança e da Família**. Trad.: FLAKSMAN, Dona. 2º Ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986, 279p.

BÄCHTOLD, Angela Beatriz V. Família. Agente Protetor Diante da Erotização Infantojuvenil Promovida pela Mídia. In: GOMES, Juarez (Org.). **Combate à Erotização e ao Abuso Sexual Infantil**: Novas Propostas. Curitiba: Editora CVR, 2018, p. 33-48.

BARBOSA, Raquel F. M.; GOMES, Cleomar, F. Os Super-heróis em Ação – Podem os Desenhos Animados Sugerirem uma Orientação Estética Lúdico-Agressiva? **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, v. 7, n. 1, p. 326-346, mai. 2013. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/437>> Acesso em: 06 de mai de 2022.

BREI, Vinicius A., GARCIA, Luciana B., STREHLAU, Suzane. A influência do Marketing na Erotização Precoce Infantil. In: **XXXII Encontro da ANPAD**. Rio de Janeiro, 10 set. 2008. Disponível em: <[http://www.anpad.org.br/diversos/down\\_zips/38/MKT-A1766.pdf](http://www.anpad.org.br/diversos/down_zips/38/MKT-A1766.pdf)>. Acesso em: 05 mar. 2020.

CIFUENTES, Rafael Lhano. **A maturidade**. São Paulo: Quadrante, 2003, 119p.

CITRÂNGULO, Larissa P. **Infância, Sexualidade e Educação Através dos Desenhos Animados**. 2009. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Curitiba.

ERIKSON, Erik. **Identidade: Juventude e crise**. 2º Ed. Trad.: CABRAL, A. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, 322p.

LEMES, Mariana. **Educação integradora da sexualidade humana**: resgate do sentido do amor. Ribeirão Preto: IECVF, 2015, 234p.

MESOMO, Aliandra Cristina L. Mídia: implicância na produção e divulgação de brinquedos. **Revista Acta Scientiarum Human and Social Sciences**, Maringá, v. 30, n. 2, p. 197-202, 19 dez. 2008. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/768/768>>. Acesso em: 27 fev. 2020.

PEREIRA, Sara. Bastidores de TV para niños: criterios en la construcción de la programación. **Revista Comunicar**, Huelva, v. 26, n 31, p.57-63, 1 octubre 2008. Disponível em: <<https://www.revistacomunicar.com/index.php?contenido=detalles&numero=31&articulo=31-2008-08>>. Acesso em: 05 de mar de 2020.

\_\_\_\_\_, Sara. Educar para un uso crítico de la televisión en Educación Infantil. **Revista Comunicar**, Huelva, v. 4, n 6, p.69-72, 1 mar. 1996. Disponível em: <<https://www.revistacomunicar.com/index.php?contenido=detalles&numero=6&articulo=06-1996-14>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2020.

PISCINATO, Milton Tadeu; SILVA, Maria Cristiane Contente da. Desenho Animado Erotizado e sua Influência no Comportamento Infantil. **Revista de Pós-graduação Multidisciplinar**, Campos Sales, v. 1, n. 5, p. 85-98, dec. 2018. Disponível em: <<https://www.fics.edu.br/index.php/rpgm/article/view/799>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

PLATT, Adreana Dulcina; OLIVEIRA Marta R. Furlan de. Erotização de Crianças e Adolescentes na Escola: Relato de Duas Educadoras. In: GOMES, Juarez (Org.). **Combate à Erotização e ao Abuso Sexual Infantil**: Novas Propostas. Curitiba: CVR, 2018, p.13-31.

SCHELER, Max. **A Posição do Homem do Cosmos**. Trad.: CASANOVA, Marcos Antônio dos S. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, 124p.

SILVA, Joanilson Rodrigues da. Construção do Modelo Mental para Erotização Infantojuvenil. In.: GOMES, Juarez (org.). **Combate à Erotização e ao Abuso Sexual Infantil**: Novas Propostas. Curitiba: CVR, 2018, p.49-65

# A INFLUÊNCIA DAS EMOÇÕES NA SOBRECARGA DO CUIDADOR INFORMAL

*Data de aceite: 02/06/2023*

### **Ana Isabel Mateus Silva**

Universidade Aberta, Departamento de Ciências Sociais e Gestão, Portugal  
<http://lattes.cnpq.br/1000506759150876>

### **Cláudia Catela Paixão**

Universidade Aberta, Departamento de Ciências Sociais e Gestão, Portugal  
<http://lattes.cnpq.br/8900369882135321>

**RESUMO:** O cuidador informal tem nos últimos anos ganho visibilidade em inúmeras investigações. Têm sido desenvolvidos estudos no sentido de analisar as variáveis que influenciam o ato de cuidar, com o objetivo de identificar formas e estratégias para proteger os indivíduos de situações traumáticas. De entre os vários fatores que influenciam o cuidado prestado destacamos neste artigo a importância das emoções e a forma como estas influenciam a sobrecarga no cuidador informal. O estudo realizado teve como metodologia avaliar de forma exploratória o efeito das emoções mal geridas na sobrecarga do cuidador informal, optando-se por uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. Foram utilizados diversos instrumentos, nomeadamente, um questionário sociodemográfico, entrevistas

exploratórias e Questionário de Avaliação da Sobrecarga do Cuidador Informal-QASCI. O programa de intervenção desenvolveu-se em oito sessões com a duração de 60/90 minutos cada uma. Com o desenvolvimento dos instrumentos e do reforço constante dado ao longo das sessões, os cuidadores desenvolveram mais consciência emocional, passando de uma forma mais clara a saber aquilo que sentem, aquilo que os outros sentem, descobrir as causas das emoções e sentimentos e a compreender comportamentos que têm no seu quotidiano e a assumir uma atitude perante as circunstâncias mais adequada e responsabilizada. O desenvolvimento de sessões em torno das competências emocionais contribuiu para a diminuição da sobrecarga no cuidador informal, verificando-se esta situação nos dados obtidos, onde os cuidadores de uma forma geral diminuíram a sobrecarga, nomeadamente a sobrecarga emocional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Envelhecimento, Cuidador Informal, Emoções, Estratégias, sobrecarga

## THE INFLUENCE OF EMOTIONS ON THE OVERLOAD OF THE INFORMAL CAREGIVER

**ABSTRACT:** The informal caregiver has in recent years gained visibility in numerous investigations. Studies have been developed to analyze the variables that influence the act of caring, with the objective of identifying ways and strategies to protect individuals from traumatic situations. Among the various factors that influence the care provided, we highlight in this article the importance of emotions and the way in which they influence the burden on the informal caregiver. The methodology used in this study was to assess in an exploratory manner the effect of poorly managed emotions on the overload of informal caregivers, opting for a qualitative, exploratory and descriptive approach. Several instruments were used, namely a sociodemographic questionnaire, exploratory interviews and the Informal Caregiver Burden Assessment Questionnaire-QASCI. The intervention program was developed in eight sessions lasting 60/90 minutes each. With the development of instruments and the constant reinforcement given throughout the sessions, caregivers developed more emotional awareness, becoming more clearly aware of what they feel, what others feel, discovering the causes of emotions and feelings and understanding behaviors they have in their daily lives and to assume a more appropriate and responsible attitude towards the circumstances. The development of sessions around emotional competences contributed to the reduction of overload on the informal caregiver, verifying this situation in the obtained data, where caregivers in general reduced the overload, namely the emotional overload.

**KEYWORDS:** Aging, Informal Caregiver, Emotions, Strategies, Overload

### CUIDADORES INFORMAIS E SOBRECARGA

Historicamente, o cuidado informal é assegurado pela família, não sendo baseado em nenhum contrato formal, ou em serviços específicos, mas, na existência de laços entre os sujeitos (SANTOS, 1993 *et al*, *apud* ALVES, 2011).

A família de acordo com FIGUEIREDO, 2007 tem sido considerada a principal prestadora de cuidados e de apoio ao idoso dependente, tal situação deve-se ao fato de culturalmente a família ser considerada "(...) o centro da tradição da responsabilidade coletiva pela prestação de cuidados (...). Os cuidados prestados no início e no fim de vida, são essencialmente prestados pelas famílias, sendo estas uma unidade reconhecida como a promotora e a responsável pela manutenção da independência e da saúde dos seus membros.

Apesar dos cuidadores informais considerarem gratificante cuidar do familiar dependente, a tarefa de cuidar tem consequências negativas. A literatura gerontológica utiliza o termo sobrecarga proveniente "Burden" para se referir aos efeitos negativos inerentes ao ato de cuidar. O conceito de sobrecarga é multifacetado sendo de acordo com VITALINO, ECANLAN e ZHANG, 2003 uma resposta psicossocial associada à prestação de cuidados. PERALIN, 1990 *apud* FIGUEIREDO, 2007 definem sobrecarga como consequência do decréscimo dos sentimentos de bem-estar e do aumento de problemas

de saúde.

No entanto, a sua definição não é consensual. De acordo com Braithwaite, referida por MARTINS, RIBEIRO e GARRETT, 2003 apud MESTRE 2010:34 a sobrecarga do cuidador informal “é uma perturbação que resulta do facto de se lidar com dependência física e incapacidade mental do indivíduo a quem se presta cuidados”. Para a autora, cuidar de um idoso dependente “é um processo irreversível que contém cinco situações de crise: consciência da degeneração, imprevisibilidade, limitações do tempo, relação afetiva entre cuidador e sujeito alvo de cuidados e a falta de alternativas de escolha.” (MESTRE, 2010:34).

Para BORGERMANS, NOLAN e PHILIP, 2001 apud FIGUEIREDO, 2007 sobrecarga está relacionada com os constantes problemas que existem numa situação de prestação de cuidados. Por outro lado, para o autor LAGE, 2005:210 apud MESTRE, 2010 a sobrecarga pode ser definida como “as consequências físicas, psicológicas e sociais inerentes ao ato de cuidar de outra pessoa.”

Existem dois tipos de repercussões do cuidar: as objetivas (resultante da prática do cuidar) e as subjetivas (percecionam as primeiras). A sobrecarga objetiva está relacionada com a doença/dependência, tipo de cuidados e as consequências e modificações de toda essa “situação na vida familiar, social, económica e profissional de quem cuida” (MESTRE, 2010:34). A sobrecarga subjetiva está relacionada com a percepção do cuidador relativamente as repercussões emocionais das exigências ou problemas inerentes ao ato de cuidar (MARTINS, RIBEIRO e GARRET, 2003 apud MESTRE 2010).

A sobrecarga subjetiva constitui um fator importante no bem-estar do cuidador, pois as avaliações cognitivas que o cuidador faz acerca das suas tarefas da prestação de cuidados influenciam o seu bem-estar. Desta forma, é possível compreender como diferentes cuidadores, em contextos semelhantes, podem percecionam uma mesma situação de forma diferente. A percepção determina assim um papel mediador cognitivo das respostas do cuidador a um determinado momento e situação (BRITO, 2001 apud MESTRE, 2010).

Quando existe sobrecarga emocional excessiva os cuidadores informais de idosos com demência, os sentimentos mais frequentes são: hostilidade, raiva, culpa, medo, revolta, solidão e pessimismo (SILVEIRA, CALDAS & CARNEIRO, 2006 apud. in LOUREIRO, 2009). Por outro lado, de acordo com Schultz, O’Brien, Bookwala e Fleissner, 1995 . apud LOUREIRO, 2009 cerca de 50% dos cuidadores informais de doentes com demência desenvolvem sintomatologia psiquiátrica como resultado do longo processo de cuidar e ansiedade.

Quando o cuidador informal apresenta perturbações de saúde, o ato de “cuidar” fica comprometido, não conseguindo suprimir com eficácia as necessidades de quem é cuidado. Também os cuidadores necessitam de ser cuidados, ouvidos e entendidos. Só sabendo que tipos de cuidadores e que perfis existem é que se torna possível realizar e

trabalhar os problemas descritos anteriormente (GRELHA, 2009).

## **EMOÇÕES NO CUIDADOR INFORMAL**

Os cuidadores informais experienciam sentimentos e emoções de motivação como amor, retribuição, prazer e satisfação. De acordo com o estudo realizado por SOUZA & RUA, 2013 as emoções básicas referidas pelos cuidadores informais são interesse, alegria, surpresa, cólera, nojo, desprezo, medo, agustia, vergonha e tristeza.

A dificuldade inerente ao ato de cuidar, resultam em sentimentos que os desmotivam, experimentando um desgaste muito grande, afetando a sua autoestima e o seu estado de saúde. Tendo em conta a diversidade de emoções e sentimentos vividos pelos cuidadores, é essencial oferecer um maior conhecimento para ajudar a lidar da melhor forma com as experiências vivenciadas. Temos assim como desafio ao abordar este tema, avaliar as forças necessárias para intervir em emoções e sentimentos com potencial lesivo para o cuidador informal, tais como o medo, o mau humor e/ou a ansiedade (LAGE, 2007). É urgente, treinar, educar e mobilizar estratégias de treino de emoções que permitam gerir de uma forma eficaz as emoções. O autoconhecimento das emoções e o seu treinamento permite ao prestador de cuidados sentir-se mais equilibrado e ter a força necessária para se envolver de forma significativa na prestação dos cuidados (MOREIRA, 2012).

### **Método**

Tendo em conta o objetivo delineado, avaliar de forma exploratória o efeito das emoções mal geridas na sobrecarga do cuidador informal, optou-se por uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva.

### **Participantes**

A nossa amostra foi não probabilística de conveniência, de 6 cuidadores informais sinalizados pela ULSNA (Unidade Local de Saúde do Norte Alentejano), nomeadamente a equipa de ECCI (Equipa de Cuidados Continuados Integrados). Desta forma, os e as participantes no estudo são oriundos do distrito de Portalegre.

### **Instrumentos**

Foram utilizados diversos instrumentos, nomeadamente, um questionário sociodemográfico, entrevistas exploratórias e Questionário de Avaliação da Sobrecarga do Cuidador Informal-QASCI.

O Questionário sociodemográfico para caracterizar o perfil dos Cuidadores Informais. Neste questionário foram colocadas 5 questões de carácter demográfico, que caracterizam a população quanto ao género, idade, estado civil, escolaridade e profissão e 9 questões de carácter social, que facultam informações quanto à situação social, tipo de família, causa da dependência do familiar, relação do cuidador com a pessoa a quem presta cuidados, há

quanto tempo presta cuidados, média de horas por semana a prestar cuidados, existência ou não de apoio de terceiros, doenças dos cuidadores informais e a distância do cuidador à pessoa a quem presta cuidados

Foram realizadas entrevistas tem como objetivo estabelecer uma relação mais próxima com o cuidador informal e conseguir informações mais ricas, tal como afirmam PINTO & CARVALHO, 2015:101 a entrevista “requer profundidade e acompanhamento (...) é uma das técnicas que se utilizam para realizar um processo de ajuda (...) pretende auxiliar o entrevistado/utente; capacita o entrevistado para o levar a reconhecer, sentir, saber, decidir, escolher se deve mudar (...)” Os dados recolhidos nas entrevistas foram tratados com recurso à análise de conteúdo.

Por último, foi ainda utilizado o Questionário de Avaliação da Sobrecarga do Cuidador Informal-QASCI. Este instrumento desenvolvido para estudar a sobrecarga dos cuidadores informais de pessoas dependentes após sofrerem um Acidente Vascular Cerebral. No entanto, este questionário pode ser replicado para outros estudos e investigações com cuidadores informais. Este questionário permite avaliar a sobrecarga no cuidador informal em diferentes vertentes, sendo reconhecido como um instrumento com critérios de validade e fidelidade (MARTINS, PEIXOTO, ARAÚJO, RODRIGUES, & PIRES, 2014).

No instrumento QASCI será utilizada a metodologia de tratamento proposta pela autora. O questionário QASCI integra 32 questões, avaliadas através de uma escala ordinal que varia de 1 a 5 ordinal (Likert). A escala encontra-se dividida em 7 dimensões de estudo nomeadamente SE (Sobrecarga emocional), IVP (Implicações na vida pessoal), SF (Sobrecarga financeira), RE (Reações às exigências), MEC (Mecanismo de eficácia e de controlo) e SupF (Suporte familiar), SPF (Satisfação com o papel e com o familiar) (MARTINS, RIBEIRO & GARRETT, 2004).

## **Procedimento**

As sessões realizadas no domicílio dos cuidadores foram desenvolvidas com temas específicos e adaptadas de acordo com as informações recolhidas e dificuldades dos cuidadores.

As respostas às entrevistas foram agrupadas por temas ou categorias, segundo o procedimento de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), o que permitiu a construção de tabelas descritivas. Esses agrupamentos permitiram buscar as semelhanças e as diferenças observadas nas categorias antes e após as sessões.

O programa de intervenção desenvolveu-se em oito sessões com a duração de 60/90 minutos cada uma. Em cada um dos cuidadores, como já foi referido foi desenvolvido um plano individual de intervenção. O desenvolvimento de competências com os cuidadores informais ocorreu em quatro sessões.

Foi desenvolvido com os cuidadores um jogo interativo denominado de “Jogo das Emoções”, de elaboração própria, onde era refletido (com recurso à estratégia de role-

playing) o significado de emoções e sentimentos, identificadas com recurso a imagens de emoções positivas e negativas (pedindo ao cuidador para explicar em que momentos sentiram as emoções em causa) e para imaginarem uma situação em que tinham sentido dificuldade em gerir emoções e sentimentos. Com o desenvolvimento do jogo em questão, os cuidadores verbalizaram e refletiram muitas emoções e sentimentos tanto positivos como negativos que advêm do ato de cuidar, passando a identificar e a gerir melhor as emoções (PAIXÃO, 2016). De forma a desenvolver da melhor forma o jogo pretendia-se expor os cuidadores a imagens com emoções positivas e negativas iniciando uma reflexão sobre descrição do problema/emoção, estabelecer relação entre eventos, operacionalizar sequências comportamentais, dar dicas de comportamentos a ter, inverter papéis, reavaliar situações e/ou imaginá-las e avaliar o desempenho em situações futuras. Os passos enunciados foram seguidos no jogo desenvolvido.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os Quadros 1, 2 a seguir, apresentam uma caracterização geral sociodemográfica dos 6 participantes nesta pesquisa, através dos questionários realizados.

<i>Participantes</i>	<i>Idade</i>	<i>Género</i>	<i>Estado Civil</i>
<i>E1</i>	68	Feminino	Casado
<i>E2</i>	58	Feminino	Casado
<i>E3</i>	65	Feminino	Casado
<i>E4</i>	77	Masculino	Casado
<i>E5</i>	65	Feminino	Casado
<i>E6</i>	71	Feminino	Casado

Quadro 1: Caracterização dos participantes quanto à idade, género e estado civil (Fonte: Questionário do Perfil dos Cuidadores Informais, 2015)

<i>Participantes</i>	<i>Grau de escolaridade</i>	<i>Condição perante o trabalho</i>	<i>Profissão (atual ou última)</i>
<i>E1</i>	1º CEB (4ª classe)	Doméstica	Empregada doméstica
<i>E2</i>	1º CEB (4ª classe)	Empregado a tempo inteiro	Empregada de limpeza
<i>E3</i>	1º CEB (4ª classe)	Reformado/pensionista	Empregada doméstica
<i>E4</i>	Ensino Secundário	Reformado/pensionista	Bancário
<i>E5</i>	1º CEB (4ª classe)	Reformado/pensionista	Cozinheira
<i>E6</i>	1º CEB (4ª classe)	Reformado/pensionista	Auxiliar de Vigilância

Quadro 2: Caracterização dos participantes quanto ao grau de escolaridade, condição perante o trabalho e profissão (Fonte: Questionário do Perfil dos Cuidadores Informais, 2015)

Seguidamente vamos apresentar a análise das entrevistas antes e após a exposição ao jogo das emoções, através de categorias que foram criadas:

## Sentimento ao cuidar do seu familiar

Os cuidadores quando questionados sobre como se sentiam ao cuidar do seu familiar, referiram um conjunto de emoções e sentimentos. Verificamos, tal como defende Figueiredo, 2007 a existência de discursos característicos da diminuição de bem-estar com os cuidados prestados, característica comum em cuidadores com sobrecarga tais como o desejo de morrer.

- Desejo de morrer

Vejamos:

**E1-** *Às vezes penso em coisas que não devia pensar...até já pensei na morte para mim.... É naquele momento depois arrependo-me de ter pensado aquilo não é?*

Não se verificando estes pensamentos em mais nenhum cuidador.

- Sentimento de fuga

Estiveram presentes no discurso de E1 “Às vezes da vontade de sair desta situação de caminhar, caminhar, caminhar...” e E3 “Às vezes também gostava de estar sozinha, não é que ele me faça mal mas...”, António demonstrou tristeza afirmando que “Parece que me sinto assim triste, às vezes tenho vontade de...também esta vida...”. Sentimentos como aflição e revolta também estão presentes no discurso “Às vezes fico tão aflita, tão aflita quando ele está aflito às tantas da noite” - (Lurdes), “Revolto-me, revoltado-me porque a minha mãe não merecia isto. Só o que eu lhe digo é isto” - (Mariana).

Todos os cuidadores demonstraram que sentiam obrigação, sentido de responsabilidade e compaixão ao cuidar do seu familiar:

**E6-** *“Sinto uma obrigação, ou seja, um dever...dever não uma obrigação, uma obrigação de prontos... (...)”*

**E4-** *“Penso que uma pessoa que viveu tantos anos comigo parece que tenho o dever de cuidar dela”*

**E3-** *“Preocupa-me as vezes não saber o que fazer quando tem dores, aflige-me muito ela não falar coitadinha. Dá-me pena isso.”*

Apesar das emoções e sentimentos descritos anteriormente terem características negativas, foi possível encontrar no discurso de três cuidadores felicidade, nomeadamente:

**E2-** *“Sinto-me bem, porque acho que ainda consigo dar o apoio; E3-* *“Gosto de tratar deles (pais), pois.”; E1-* *“E então sinto-me felizada porque faço aquilo que gosto que é cuidar do meu marido.”*

Na terceira questão os cuidadores eram questionados sobre as suas preocupações “Quais as suas principais preocupações? De que forma reage a elas?”. Nesta questão os cuidadores demonstraram que se preocupam na sua maioria com situações imprevisíveis tais como adoecer, receio do futuro e de perder competências para continuar a cuidar:

**E1-** *“Olhe, preocupa-me se eu adoço o que vai ser do meu marido? Que ele só me quer a mim... eu não estou livre de me dar uma coisa qualquer de ir para um hospital e*

assim, não é?"; **E5-** *O que preocupa é se um dia eu adoço e não posso cuidar da minha mãe. Isso é que me preocupa.*"; **E4-** *" (...) vivemos numa época em que o dia de manhã nunca se sabe. Uma pessoa está bem hoje e daqui a amanhã já não sabemos como é!" e* **E6-** *"Tenho medo de perder esta força."*

E1 E E3 demonstraram desconfiar dos cuidados prestados por outra pessoa, sendo esta também uma situação que as preocupa *"(...) pensava que elas não faziam conforme eu faço, porque não fazem! (as filhas). Isso preocupa-me muito porque elas se forem a arranjar, ele mesmo diz as tuas filhas não me arranjam como tu arranjias... está habituado a ser eu. "e ". Eu as vezes também tenho a mania que eles não fazem como eu faço... mas não sei. Nem lhes digo isso, porque senão" - E3*

De acordo com os autores FERNANDES et al., 2002; PINQUADR & SORENSEN, 2006 apud CARDOSO, 2011 existem emoções e sentimentos característicos e comuns nos cuidadores informais, tendo alguns deles sido encontrados nas entrevistas realizadas, nomeadamente amor, tristeza, dúvida quanto aos cuidados, medo de ficar doente e medo de o paciente estar a sofrer.

Foi possível verificar que o cuidador sente muitas vezes dependência do ato de cuidar, dificultado o seu quotidiano:

**E1-** *"Quando estava no hospital sentia falta de fazer as coisas (cuidar) (...); "(...) á noite eu pensava como é que ela estará? Estará para lá muito mal?... Às vezes nem o meu pai sabia que eu ca vinha (a casa dos pais), porque quando ele vinha debaixo já eu cá estava na minha casa outra vez. Era só para vir ver, só para ter a certeza que ela estava bem." - E3. E4 sobre este tema chega mesmo a referir que "Tenho alguma dependência dela."*

Ao longo do discurso foi possível identificar uma categoria capaz de justificar grande parte das preocupações anteriormente descritas, ou seja, a falta de conhecimento, onde é possível encontrar como exemplo as seguintes afirmações

**E1-** *"As vezes também digo assim (ao cuidar do marido) não sei se estou a fazer bem ou a fazer mal" e "Se me sucedesse (acidente) uma coisa dessas tinha que pedir ajuda para me orientarem ... Se fosse um caso muito grave tinha de pedir ajuda a alguém para me socorrer!... Ficava um bocadinho perdida, depende da situação que fosse!" - E2*

Naturalmente é possível ainda verificar que os cuidadores têm como preocupação promover a qualidade de vida ao idoso dependente *"Ora, as minhas principais preocupações é...pronto...que ela esteja bem (...)"- E2 e "Estou sempre preocupada se tem sede, como tem as mãozinhas, se precisa de alguma coisa."- E3*

Foi perceptível que sentem tristeza e sentimentos de aflição *"Sinto-me triste..." E3 - "Às vezes não consigo perceber nada (do que a esposa diz) é das coisas que mais uma pessoa, para um cuidador que mais fica uma pessoa de mãos e pés atados não é? ..." - E4* continuaram a aparecer no discurso dos cuidadores. A tristeza aparece também novamente no discurso, como é possível verificar no discurso de **E3** *"Sinto-me triste..."*.

A revolta mantém-se no discurso, diminuindo a referência a esta emoção nos cuidadores informais, estando apenas presente no discurso de E1 “ (...) *ele as vezes até diz falta-me oxigénio para a cabeça, até me custa respirar, e houve um médico que eu não vou dizer o nome dele que disse que ele era maluco (silêncio) disse que o meu marido era maluco ... Fico revoltada tenho essa noção.*” e de E3 “ (...) *e revoltada porque acho que a minha mãe não merecia é o que às vezes digo (...)*”.

O sentido de responsabilidade e obrigação mantém-se no discurso dos cuidadores, “*Mas sinto-me bem talvez porque acho que quase como aquele pai, os filhos sob a régia dele, não é? Em vez de ser os filhos debaixo da galinha parece que sinto debaixo da asa, não é? Parece que anda sim ao pé de mim, não é? - E4 “É por obrigação e é por amor! A obrigação, temos obrigação de tratar dos pais, não é? Como eles tratam de nós também depois temos de tratar deles (...)*” – E2

A compaixão deixou de ser verbalizada pelos cuidadores, aparecendo como nova subcategoria o orgulho “*Orgulho, gosto de a ter aqui em casa, gosto de a ter aqui em casa, se ela não estivesse aqui em casa, mais o meu pai, mesmo as pessoas têm dito que ela já tinha morrido há muito tempo.*” – E3

As preocupações com situações imprevisíveis mantém-se no discurso dos cuidadores após as sessões, podendo extrair do diálogo os seguintes excertos “As minhas principais preocupações é ele nunca estar doente... que doente é ele não é?” – E1, “ (...) Tenho medo por exemplo de morrer primeiro...o que é que será dele. Mas também não queria sentir a falta dele (...)” - E1, preocupações com as dificuldades económicas “Só tenho a reforma do meu marido ... mas também não consigo dizer que não (à filha que se encontra desempregada). Eu muitas vezes digo-lhe assim olha filha tu de sopa não passas fome nem tu nem o teu filho...gasto muito dinheiro com o meu marido a comprar pomadas, é... há medicamentos que não tem comparticipação (...)” - E1 desconfiança com os cuidados prestados por outrem “A minha mãe precisa de muitos cuidados e também sei que se fosse um sítio bom onde fosse, não podia porque estão a tratar de muitos e não podiam fazer aquilo que agente faz!” – E3 dependência do ato de cuidar “ (...) tenho sempre aquela preocupação vá no caso agora vim da casa da minha filha fui logo ali ver como é que ele estava e se já tinha lanchado se isto se aquilo o outro.”- E2 e promover a qualidade de vida ao doente dependente “Sempre preocupada se às vezes o urinol está bem se não está, porque não dá tempo quando ele diz que quer fazer xixi. De vez em quando vou ver se tem muito se tem pouco.” – E1

No discurso dos cuidadores relativamente às suas preocupações verificamos que apareceram novas subcategorias nomeadamente preocupação em institucionalizar a pessoa dependente em respostas sociais “Mas uma pessoa parece que tem um certo desejo de a ter sempre comigo sei que vai ser difícil te la sempre comigo em certos estados, não sei como é que é, logo se verá a solução.”- E4 e o estado de saúde do cuidador “E eu cada vez me vejo também mais em baixo, porque eu já fui operada duas vezes... depois também

das dores, começa a avançar a idade e começa também a vir também os problemas dos ossos não é?” – E3

As dúvidas e faltas de conhecimentos deixaram de ser verbalizadas pelos cuidadores informais.

As consequências físicas provenientes da sobrecarga, assim como os estados de ansiedade e depressivos foram verbalizadas pelos cuidadores, sendo estas afirmações, algo que fundamenta a sobrecarga encontrada com recurso ao QASCI. Neste sentido, os cuidadores referiram “(...) às vezes sinto-me cansada (...)”- E3 “(...) a minha cabeça começa a trabalhar mais mal (quando a mãe piora)” - E3. De salientar que os cuidadores também manifestaram grandes níveis de ansiedade (...) naqueles dias que eu estou mesmo com ansiedade de estar em casa, tenho de ter qualquer coisa para fazer.”- E6 “Muitas vezes tenho um estado de ansiedade, começo a respirar fundo. É estado de nervos também!” – E5

De acordo com Figueiredo, 2007 os cuidadores informais, também sentem dificuldades económicas, sendo este um aspeto que dificulta a prestação dos cuidados aumentando as preocupações e a sobrecarga económica nos cuidadores informais (de relembrar que a nível da sobrecarga financeira, os cuidadores encontravam-se com sobrecarga elevada). Sobre as dificuldades económicas os cuidadores informais referem que “Também tenho preocupações a nível de dinheiro, sinto-me preocupada porque isto dantes quando nos recebíamos o subsídio de férias, dava para ir compensando, para ir ponde um bocadinho de parte, para pagar o seguro do carro ...”- E1 e “Se eu tivesse uma pessoa que tivesse sempre aqui com ela não é? mas isso sai caro. À noite para cá dormirem, levam muito para cá ficarem à noite.” – E4

Desta forma, as entrevistas permitiram recolher informação que vai ao encontro da definição de sobrecarga, nas quais destacamos a definição de George & GWYTHER, 1986 apud de LAGE, 2005 que referem que a sobrecarga do cuidador informal se revela a nível dos problemas físicos, psicológicos ou emocionais, sociais e financeiros. A sobrecarga também surge após a realização das sessões no discurso dos cuidadores, afirmando que sentem cansaço, que experienciam vivências difíceis e dificuldade em interagir com outras pessoas, falta de paciência, ansiedade e stress. Verificámos ainda, após a realização das sessões que os cuidadores sentiram maior facilidade em abordar o tema da sobrecarga, podendo enumerar os seguintes exemplos “Às vezes (como contou em sessões anteriores) choro lavo a cara, vou para dentro para ele não ver que eu tive a chorar. Não mostro que choro a frente dele.” – E1 “(...) às vezes também me sinto assim um bocadinho cansada mas pronto tenho de tratar dela e organizar as coisas para que ela se sinta bem e eu fazer o melhor que posso.”- E2 “(...) Ouve assim uma altura que ela estava assim muito mal, eu fiquei... o meu corpo tremia por todo o lado, até parecia que me havia de dar alguma coisa ... ai mãe isto vai-me dar alguma coisa (...)” -E3 e “Falo para comigo, calma Paula, calma Paula não há de acontecer deus há de te ajudar é sempre o que eu penso. Calma! Um dia

de cada vez. Fico nervosa, e depois “mas eu estou-me a chatear para quê? Já estou a sofrer antecipadamente”. Já consigo aí separar as coisas.” -E5. A sobrecarga diminuiu após as sessões, como é possível verificar no gráfico 1, sendo possível encontrar também no discurso dos cuidadores esta evidência “(...) penso que sim que tou um bocadinho melhor (quando questionada sobre o seu estado psicológico) parece-me que sinto a minha cabeça melhor, pelo menos acho que sim, acho-me assim mais tranquila, mais calma... noto uma diferença, acho que sim. Devia ter sido disso pois (das sessões)”- E5.

Ao relacionarmos os dados obtidos, é possível sistematizar os níveis médios de sobrecarga dos cuidadores informais no geral para cada uma das subescalas. Ao analisarmos os dados, verificámos que, de uma forma geral, a sobrecarga diminuiu, passando a pontuação global de 43,31 para 38,3 mantendo-se no nível de sobrecarga moderada. Ao analisamos as subescalas, verificámos que onde ocorreram maiores alterações foi a nível da sobrecarga emocional e menores nas subescalas de Reações às exigências e Satisfação com o papel e com o familiar. (PAIXÃO, 2017:102).

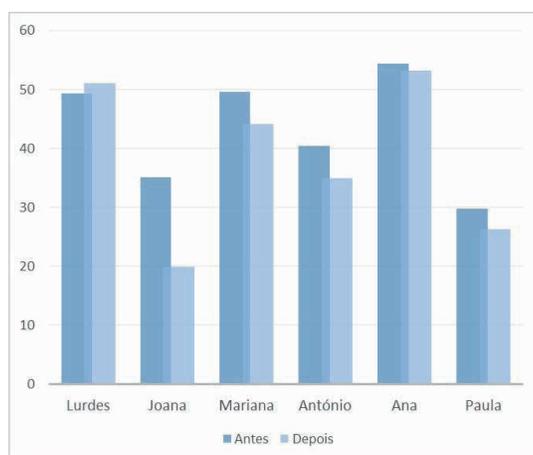


Gráfico 1: Resultados do QASCI antes e depois da exposição ao programa de informação. Paixão, 2017

## CONCLUSÕES

De acordo com alguns autores, entre os quais destacamos Martins & Melo, 2008 os aspetos emocionais podem ser treinados ou educados, tal como ocorreu no nosso estudo, através do desenvolvimento de cinco aptidões emocionais básicas: capacidade de reconhecer os próprios sentimentos, capacidade de controlar as próprias emoções, capacidade de reparar danos emocionais e capacidade de integração emocional e interatividade. Ao intervir nestas áreas junto do cuidador informal, permitimos a este lidar com situações emocionais difíceis (situações estas bastante frequentes em quem desempenha o papel de cuidar). Com o desenvolvimento do instrumento e do reforço

constante dado ao longo das sessões, os cuidadores desenvolveram mais consciência emocional, passando de acordo com STEINER & PERRY, 2000 de uma forma mais clara a saber aquilo que sentem, aquilo que os outros sentem, descobrir as causas das emoções e sentimentos e a compreender comportamentos que têm no seu quotidiano e a assumir uma atitude perante as circunstâncias mais adequada e responsabilizada (PAIXÃO, 2016).

Ao analisar os resultados obtidos foi possível verificar que as seguintes categorias se mantêm: Desejo de morrer, Tristeza, Aflição, Revolta, Sobrecarga, Sentido de Responsabilidade e Obrigação. Durante as sessões foi perceptível que compreenderam com maior facilidade as motivações e algumas das emoções referidas, normalizando e compreendendo o porquê de algumas delas surgirem.

Verifica-se ainda o aparecimento de uma nova categoria no discurso dos cuidadores: Orgulho.

Assim verificámos que após a compreensão das emoções que sentem e dos desafios inerentes às mesmas, os cuidadores identificaram como emoção positiva o orgulho em cuidarem dos seus familiares, valorizando o facto de manterem os mesmos no domicílio e de terem competências e capacidade para o cuidado.

Através do plano desenvolvido com os cuidadores foi perceptível que os cuidadores que identificam as emoções e as gerem têm menor sobrecarga (PAIXÃO, 2016).

O desenvolvimento de sessões em torno das competências emocionais contribuiu para a diminuição da sobrecarga no cuidador informal, verificando-se esta situação nos dados obtidos, onde os cuidadores de uma forma geral diminuíram a sobrecarga, nomeadamente a sobrecarga emocional.

## REFERÊNCIAS

Alves, J. (2011). **Vidas de Cuidado (s): Uma análise sociológica do papel dos cuidadores informais**. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Coimbra, Coimbra

Figueiredo, D. (2007). **Cuidados Familiares ao Idoso Dependente**. Lisboa: Climepsi

Lage, M. (2007). **Avaliação dos cuidados informais aos idosos: estudo do impacto do cuidado no cuidador informal**. Tese de Doutoramento não publicada, Universidade do Porto, Porto

Martins, M. & Melo, J. (2008). **Emoções...Emoções...Que implicações para a saúde e qualidade de vida?...** Revista do IVP, *Millenium*, 34, 125-148. Acedido a 6 de agosto de 2015 em <http://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/365>

Moreira, I. (2012). **Competências do cuidador da pessoa com doença oncológica em quimioterapia**. Tese de Doutoramento não publicada, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa

Paixão, C. (2017) - "**Desenvolvimento de Competências Sociais no Cuidador Informal**", Cáritas Diocesana de Portalegre e Castelo Branco, Editorial Cáritas Portuguesa portuguesa caregivers. *Journal of Clinical Nursing*, 22, 491–500.

# TRABALHO E SOFRIMENTO CRIATIVO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES, NUM MUNDO PÓS-PANDEMIA

*Data de submissão: 09/05/2023*

*Data de aceite: 02/06/2023*

### **Kélbia Najara Teles Silva**

Universidade de Caxias do Sul - PPGPSI  
Caxias do Sul - RS  
<http://lattes.cnpq.br/0313840544782588>

### **Rejane Comim**

Universidade de Caxias do Sul - PPGPSI  
Caxias do Sul - RS  
<http://lattes.cnpq.br/8225150618532356>

### **Renata Maranhão Bressan Rêgo**

Universidade de Caxias do Sul - PPGPSI  
Caxias do Sul – RS  
<http://lattes.cnpq.br/3389067014839991>

**RESUMO:** A pandemia do COVID-19, atingiu de modo distinto trabalhadores em todo o mundo. Isso provocou a urgência de uma nova interpretação sobre a relação com o trabalho e teceu novas discussões acerca da centralidade do trabalho no mundo contemporâneo. O trabalho desempenha um papel fundamental na vida dos indivíduos, considerado também como matriz da integração social, pois ultrapassa a ação laboral e fonte de renda. Ele é capaz de oferecer sentido e significado à vida do trabalhador, além de promover o desenvolvimento pessoal e fortalecer a identidade social do indivíduo,

já que possui uma função psíquica e de apoio à constituição da identidade e da subjetividade do indivíduo. Todavia, o labor pode interferir na saúde física e emocional do trabalhador, quando ocupa uma posição negativa, provocando sofrimento e adoecimento. Diante disso, destaca-se a assimetria latente entre trabalhadores que conseguiram adaptar-se ao novo modelo de trabalho e outra parcela que não conseguiu elaborar os desafios impostos pela pandemia. Dessa forma, essas mudanças repercutiram na vida cotidiana e também no ambiente laboral de todos os trabalhadores. O tema sofrimento é estudado nos mais diversos contextos, sendo que esse recorte se apoia no campo da psicodinâmica que se ocupa no estudo das relações construídas no espaço laboral. Assim, o sofrimento torna-se criativo quando atua como propulsor das mudanças neste ambiente. Ao buscar discutir essas questões sobre as transformações advindas da relação do sujeito com o trabalho, constata-se o advento de reflexões a respeito do sentido e implicações nos modos de pensar e elaborar o sofrimento no trabalho. Para tanto, observa-se que a experiência da autonomia e criatividade são fatores relevantes nas organizações, pois cumprem uma função

essencial na vida do trabalhador. Essas, quando ativas neste cenário, conseguem remeter os trabalhadores à estabilidade psíquica, constituindo-se um fator determinante do prazer no ambiente laboral e, conseqüentemente, atuar na evitação do sofrimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sofrimento criativo. psicodinâmica do trabalho. pandemia COVID-19.

## WORK AND CREATIVE SUFFERING: CHALLENGES AND POSSIBILITIES IN A POST-PANDEMIC WORLD

**ABSTRACT:** The COVID-19 pandemic has hit workers around the world differently. This provoked the urgency of a new interpretation of the relationship with work and wove new discussions about the centrality of work in the contemporary world. Work plays a fundamental role in the lives of individuals, also considered a matrix of social integration, as it goes beyond work and a source of income. It can offer sense and meaning to the worker's life, in addition to promoting personal development and strengthening the individual's social identity, since it has a psychic and support function for the constitution of the individual's identity and subjectivity. However, work can interfere with the worker's physical and emotional health, when it occupies a negative position, causing suffering and illness. Given this, there is a latent asymmetry between workers who managed to adapt to the new work model and another group that was unable to deal with the challenges imposed by the pandemic. Thus, these changes had repercussions in everyday life and also in the work environment of all workers. The theme of suffering is studied in the most diverse contexts, and this cut is based on the field of psychodynamics that deals with the study of relationships built in the workplace. Thus, suffering becomes creative when it acts as a driver of changes in this environment. When seeking to discuss these questions about the transformations arising from the subject's relationship with work, one observes the advent of reflections regarding the sense and implications in the ways of thinking and elaborating on suffering at work. Therefore, it is observed that the experience of autonomy and creativity are relevant factors in organizations, as they play an essential role in the worker's life. When active in this scenario, these factors manage to send workers to psychic stability, constituting a determining factor of pleasure in the work environment and, consequently, acting to avoid suffering.

**KEYWORDS:** Creative suffering, Work psychodynamics, COVID-19 pandemic.

## 1 | INTRODUÇÃO

O mundo do trabalho costuma passar, com frequência, por transformações. Historicamente são muitos os momentos que trouxeram avanços, mas também não é incomum que retrocessos aconteçam. No que diz respeito ao processo de trabalho, é notória a melhoria nas condições materiais e objetivas, como também o aumento da participação direta do trabalhador, com especial destaque ao cuidado com os riscos de acidentes (SENNET, 2006). A introdução da tecnologia que, embora tenha trazido consigo certa insegurança, também colaborou com os trabalhadores, facilitando métodos de trabalho e auxiliando nos resultados. O espaço para a criatividade, o livre pensar, o debate e a tomada de decisões, contemporaneamente, também foram ganhando maior importância, fazendo

parte do contexto laboral.

Com relação ao Brasil, nos últimos anos o que se presenciou foi um cenário de consideráveis mudanças nas políticas sociais, que fizeram com que o número de trabalhadores na informalidade aumentasse e, conseqüentemente, a exigência de novas formas de oferta de mão-de-obra se fez necessária. Com isso, o que se viu foram cargas horárias ultrapassando a jornada ideal de trabalho, um acréscimo de trabalhadores em atividades temporárias e terceirizadas, sem contar com o desmonte de políticas públicas que, somada às demais mudanças, trouxeram indícios de exploração e subjugação daqueles que tiveram que se submeter para garantir a renda de suas famílias (SILVA, 2020).

Se não bastasse isso, recentemente, a pandemia de Covid-19 trouxe grandes impactos ao contexto do trabalho e na vida dos trabalhadores no mundo todo. Por um lado, adaptações foram feitas para que as atividades profissionais fossem possíveis, com enquadres num formato para o qual os protocolos de saúde obrigaram a todos se adequarem e com regras definidas para que a população estivesse em isolamento social, dentro de suas casas, fazendo dos lares seus espaços de home office. Por outro lado, o que parecia desafiador foi se ajustando, tornando-se aplicável essa modalidade de trabalho a grande maioria, permitindo a manutenção dos empregos, o desenvolvimento das tarefas e a proteção de si e dos familiares, já que poderiam trabalhar (no conforto) de suas casas e proporcionar o vínculo empregatício e a segurança financeira.

Porém, nem todos tiveram a possibilidade de ter sua segurança garantida. Observou-se essa assimetria entre boa parte dos profissionais que conseguiram adaptar-se ao trabalho remoto, e outra parcela de trabalhadores que se colocaram em risco e precisaram se submeter. Os que se expuseram e saíram de casa para trabalhar, foram, especialmente, aqueles que atuavam em atividades essenciais, como também os que estavam à mercê dos medos e inseguranças impostos pelo contexto vivenciado (ROCHA; BIGRUGLIO, 2021). Passado o período mais crítico e rigoroso do isolamento social, a realidade econômica forçou empresas a reduzir custos, o que elevou o número de desempregados e, como não poderia ser diferente, a identificação de altos níveis de tensão diante das incertezas e frente ao cenário instável que se configurava. Todavia, qualquer que tenha sido a conjuntura vivenciada, o trabalho passou a se constituir numa fonte de sofrimento.

O campo da psicodinâmica se ocupa no estudo das relações construídas no espaço laboral e ao buscar discutir essas questões sobre as transformações advindas da relação do sujeito com o trabalho, pode-se constatar o advento de reflexões a respeito do sentido e implicações nos modos de pensar e elaborar o sofrimento no ambiente laboral. Nessa abordagem, é possível considerar que a forma que o sujeito se relaciona com a organização do trabalho pode implicar diretamente sobre as dinâmicas de prazer e de sofrimento, à medida em que a subjetividade do trabalhador confere uma relação de sentido às suas vivências laborais (AMARAL; BORGES; JUIZ, 2017).

Diante do contexto até aqui apresentado, foi realizada uma revisão integrativa com o objetivo de refletir sobre as ressonâncias, desafios e possibilidades advindas dessa relação entre o trabalho e o trabalhador e seus possíveis espaços de mobilização do sofrimento criativo no atual cenário do mundo pós-pandemia.

## **2 | PERCURSO METODOLÓGICO**

Para o presente estudo, foi realizada uma revisão de literatura, de abordagem qualitativa e de caráter exploratório, através de busca avançada nos periódicos CAPES, utilizando-se os descritores “trabalho” e “sofrimento criativo”. A pesquisa foi refinada com a seleção de artigos publicados nos últimos 05 (cinco) anos, em qualquer idioma e foram encontrados 13 (treze) estudos. Outra busca avançada foi realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), com os mesmos descritores, selecionando artigos de qualquer idioma, publicados nos últimos 10 anos. Foram encontrados 23 (vinte e três) estudos que, ao serem somados à primeira busca, totalizam o número de 36 (trinta e seis) artigos.

Desse total, 10 (dez) estudos foram descartados, pois eram repetidos e 17 (dezessete) não tratavam da temática ou não eram de interesse desta revisão. Assim, foram selecionados somente 09 (nove) artigos, pois foram os identificados pelas autoras com características que convergem com o assunto de interesse deste estudo.

## **3 | RESULTADOS**

O objetivo deste estudo foi refletir sobre as ressonâncias, desafios e possibilidades advindas da relação entre o trabalho e o trabalhador e seus possíveis espaços de mobilização do sofrimento criativo no atual cenário do mundo pós-pandemia. A última busca realizada nos periódicos CAPES e BVS, que foi base para esse estudo, se deu em 10 de setembro de 2022 e foram selecionados 09 estudos para a presente discussão, que serão descritos a seguir (Tabela 1).

Estudo	Autores	Sobre o Estudo
Clínica do trabalho aplicada a trabalhadores de ensino superior federal. (2019)	Gerusa Menezes de Carvalho, Ana Cláudia Leal Vasconcelos	Apresentar a prática de uma clínica do trabalho, fundamentada na Psicodinâmica do Trabalho, em uma instituição pública federal no estado do Amazonas.
As transformações produtivas na pós-graduação: o prazer no trabalho docente está suspenso? (2017)	Fábio Machado Ruza, Eduardo Pinto e Silva	Analisar as relações entre o trabalho e a subjetividade do professor de pós-graduação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)
Organização do trabalho, prazer e sofrimento de docentes públicos federais. (2017)	Grazielle Alves Amaral, Amanda Leal Borges, Ana Paula de Melo Juiz	Compreender a relação entre organização do trabalho e as vivências de prazer e sofrimento de docentes de um campus de interior de uma universidade federal a partir da análise psicodinâmica do trabalho.
Clínica Psicodinâmica do Trabalho: o coletivo no real da pesquisa. (2019)	Cláudia de Negreiros Magnus, Álvaro Roberto Crespo Merlo	A riqueza do estudo esteve no acompanhamento da mobilização do coletivo que vivencia sofrimento criativo, não patogênico, podendo vir a ser potência de transformação no trabalho.
Autonomia e criatividade no trabalho de equipes de saúde da família no sul do Brasil. (2017)	Cecília Helena Glanzner, Agnes Olschowsky e Deisi Angélica Hoffmann.	Analisar a autonomia e criatividade no trabalho dos profissionais de saúde da família do sul do Brasil.
O que aconteceu com os que ensinam? O impacto da COVID-19 sobre a rotina e a saúde dos professores universitários. (2021)	Anelise Rebelato Mozzato, Maira Sgarbossa e Fernanda Rebelato Mozzato	Debater e alçar reflexões sobre o impacto da pandemia da COVID-19 na rotina e na saúde do professor universitário.
Sofrimento e Precarização no Trabalho em Enfermagem (2015)	Marilei de Melo Tavares e Souza, Joanir Pereira Passos, Cláudia Mara Melo Tavares	Analisar o trabalho de enfermagem em sua dupla face: a que produz prazer, porque permite criar e transformar a realidade, e, nas sociedades capitalistas, a que produz sofrimento, porque limita as possibilidades humanas de escolha, criação e prazer.
Sofrimento psíquico e estratégias defensivas utilizadas por desempregados: contribuições da psicodinâmica do trabalho (2014)	Juliana Nunes de Oliveira, Ana Magnólia Mendes	Investigar as principais vivências de sofrimento experienciadas por desempregados e as formas utilizadas para minimizá-la.
Prazer no trabalho: o lugar da autonomia (2012)	Rosângela Dutra de Moraes; Ana Cláudia Leal Vasconcelos; Stephane Caroline de Paula da Cunha	Compreender os mobilizadores de prazer e o processo de transformação do sofrimento no trabalho, partindo da análise da organização do trabalho.

Tabela 1 - Resumo das características dos artigos selecionados

Dos artigos selecionados: 44,4% dos estudos referem-se à atividade de docência. 11,1% a atividade de magistrado, 22,2% a atividades exercidas por profissionais de saúde,

11,1% a atividade operária e de camelô e 11,1% tem como público-alvo desempregados. Em relação às temáticas abordadas, 22,2% estudos trouxeram a relação de autonomia e criatividade como mobilizadores da subjetividade no ambiente de trabalho. A importância do coletivo para o enfrentamento de situações adversas foi retratada em 22,2% dos estudos. O impacto gerado pela pandemia de Covid-19 foi retratado em 11,1% dos artigos. Todos os artigos selecionados retrataram o trabalho como fonte de prazer e sofrimento, com possibilidade de ressignificação da organização do trabalho através da criatividade.

## 4 | DISCUSSÃO

De acordo com os resultados encontrados desta pesquisa e em consonância com as temáticas encontradas, a discussão seguirá a partir da perspectiva científica da psicologia do trabalho, as vivências de sofrimento podem promover uma espécie de ressonância com efeitos múltiplos, com repercussões de impacto de graus diferenciados sobre a saúde mental. Tal estrutura é entendida por Dejours e Abdoucheli (2009), enquanto parte da formulação psíquica constituída no bojo das estratégias de defesa, que podem se apresentar como individuais e/ou coletiva, o que atesta a existência de patologias sociais relacionadas ao trabalho.

Neste percurso de elaboração de mecanismos de proteção, observa-se que o trabalhador começa a adotar comportamentos em níveis consciente e inconsciente, com o objetivo de proteger-se e evitar doenças ao buscar resguardar o equilíbrio psíquico. Destaca-se aqui que a organização do trabalho se relaciona diretamente com a promoção de saúde ou intensificação do sofrimento (CARVALHO; VASCONCELOS, 2019). Com isso, verifica-se que a mobilização também pode ser interpretada como sofrimento, ao fazer referência a um conjunto de mecanismos de regulação do psiquismo, ou seja, uma dinâmica interna de duelo entre o sujeito trabalhador e um elemento adoeedor que estariam associados à organização do trabalho (AMARAL; BORGES; JUIZ, 2017).

Dejours (1996) apresenta a distinção entre o sofrimento criativo e sofrimento patogênico, no qual o primeiro é constituído da elaboração de estratégias criativas que, em geral, beneficiam à saúde do sujeito e a produtividade. Embora esse sofrimento seja transformado, não deve ser desconsiderado o sofrimento do sujeito, sendo quase inevitável. O sofrimento criativo permite a alteração dessa condição pela criatividade, colaborando para a resistência do sujeito à redução da estabilidade psíquica e beneficiando sua saúde mental. Portanto, conceitua o sofrimento patogênico enquanto sofrimento que gera alguma resposta desfavorável à saúde, no sentido de que o sujeito pode já apresentar indícios de adoecimento ou já estar adoecido. Logo, esse sofrimento é desencadeado quando o trabalhador já esgotou seus recursos defensivos, provocando dessa forma, o adoecimento.

Nesse sentido, as relações de prazer e sofrimento advindas da dinâmica entre o processo de subjetivação do sujeito e a organização do trabalho, nem sempre implicam

em um sofrimento patológico. Logo, o sofrimento criativo é o que traz a impossibilidade do sujeito lidar com os efeitos negativos, não descartando a possibilidade de gerar o adoecimento, pois permite a resistência do sujeito através da criatividade, favorecendo a ressignificação do trabalho (DEJOURS; ABDOUCHELI, 2009).

Dessa forma, a cooperação é identificada enquanto elemento de elaboração para construir uma ação que pode ser representada por um serviço, produto ou ideia que é enredada por sentimentos de confiança e solidariedade entre os participantes dessa ação. Isso posto, as vivências de sofrimento podem ser transformadas em ações que caracterizem o sofrimento criativo. Diante desse contexto, podemos compreender a mobilização da inteligência como uma forma de desligar-se aos elementos adoecedores e buscar soluções criativas para as situações que acontecem na rotina do trabalho. Eles podem ser revelados por meio de espaços públicos que eles conseguem se posicionar e serem ouvidos pela equipe. Neste espaço de elaboração, o trabalhador consegue dividir suas vivências de trabalho na organização, que conseguem tecer neste espaço pontes de reconhecimento (AMARAL *et al.*, 2017).

Para Dejours (2004) o trabalho não pode ser considerado uma simples execução da atividade, mas um movimento de reinvenção daquilo que já existe em sua rotina de trabalho. Logo, afirma que o sujeito trabalhador ao longo da vida, desenvolve uma forma inteligente e prática de lidar com as adversidades, chamada “inteligência astuciosa”. Tornando-se um fator que compõe a mobilização subjetiva dos trabalhadores em busca do prazer no ambiente laboral, pois é ativada pela autonomia e criatividade. Para Dejours (2008), um dos importantes fatores de sofrimento no trabalho é o impedimento ao uso dessa inteligência. Na qual é possível verificar que uma provável fonte de prazer seria o contrário, a utilização dessa inteligência de maneira livre, onde é comum a exploração da autonomia como maneira de colaborar com a organização do trabalho

Outra característica de grande notoriedade da psicodinâmica do trabalho é que essa abordagem se dispõe à coletividade no ambiente laboral e não aos trabalhadores de maneira isolada. Portanto, ao diagnosticar o sofrimento psíquico em situações laborais, as intervenções são planejadas e direcionadas à organização do trabalho na qual os trabalhadores estejam submetidos, dessa forma, fortalecendo a dimensão coletiva e minimizando intervenções e atos terapêuticos isolados (MERLO, 2011).

Embora este estado interposto e reconhecido pela teoria enquanto sofrimento popularmente assuma uma caracterização simbólica negativa, estudos demonstram que há, também, a possibilidade de um desfecho criativo na relação deste sujeito trabalhador com o processo de trabalho (CAMPOS; VEIGAS, 2022). Logo, é possível considerar que um dos maiores achados dos estudos de Dejours, refere-se a possibilidade em articular as dimensões psíquicas (personalidade, comportamento, pensamento, entre outros) que envolvem essa busca de prazer e evitação do sofrimento e a dimensão coletiva do trabalhar (DEJOURS; ABDOUCHELI, 2009).

Estudos como de Amaral *et al.* (2017, p.18) corroboram com o conceito de que “sofrimento e prazer não são propriedades mutuamente excludentes. Na relação do sujeito com o trabalho observa-se a coexistência desses pólos, na medida em que um pode se transformar no outro ou ambos podem existir ao mesmo tempo”. Assim, o sujeito, através de estratégias reguladoras, pode responder criativamente ao sofrimento provocado pelo trabalho na medida que se dedica a transformar a realidade.

Portanto, compreender o sofrimento criativo como mobilização coletiva para transformação do trabalho, possibilitada por meio da cooperação gerada pela construção de vínculos afetivos maduros, permite que as relações e o senso de pertencimento sejam legitimados pelos próprios trabalhadores (MAGNUS; MERLO, 2019). Atividades caracterizadas por interações sociais e profissionais, como a atividade da docência, foram impactadas pelo isolamento ocasionado pela pandemia de Covid-19 refletindo negativamente na saúde física e mental do indivíduo (MOZZATO *et al.*, 2021). Assim, o sofrimento que faz parte da organização do trabalho foi acentuado em seu aspecto patogênico impossibilitando a transformação da realidade através do apoio coletivo descrito no estudo de Magnus e Merlo (2019).

Diante da realidade apresentada, faz-se necessária a construção de espaços de escuta qualificada no ambiente laboral para a manifestação de possíveis situações de sofrimento deste sujeito. Assim, oportunizando ao trabalhador, um espaço seguro para que ele possa falar sobre o que sente, sem sentir-se ameaçado, ao contrário, que seja formatado neste local uma experiência de acolhimento. Conseqüentemente, este processo promoverá um encontro com a dificuldade enfrentada, na qual descortina o encontro com o próprio sofrimento para uma possível mudança. A partir daí, inúmeros benefícios podem também ser revelados e elaborados para a sua saúde e bem-estar, implicando também na maior participação e cooperação do sujeito no ambiente de trabalho (AMORIN *et al.*, 2022).

## 5 | CONCLUSÃO

Para a compreensão teórica do fator sofrimento do trabalhador, optou-se nesta revisão pela abordagem científica e multidisciplinar da Psicodinâmica do Trabalho, desenvolvida por Christophe Dejours. A Psicodinâmica do trabalho é aplicada em vários estudos e pesquisas desde a década de 80, e têm contribuído de maneira relevante na discussão dos estudos sobre a saúde e adoecimento de trabalhadores. Embora o tema sofrimento do trabalhador não seja novo no contexto laboral, tornou-se aplicável aos múltiplos desafios encontrados na gestão de pessoas, devido às mudanças nas políticas sociais e formas de oferta de mão-de-obra.

Os resultados obtidos com esta amostra apresentam a necessidade de maior número de pesquisas empíricas que permitam compreender o fenômeno do sofrimento criativo em níveis individuais e coletivos. Estes resultados quando alinhados aos estudos sobre a

saúde do trabalhador, o isolamento e a forma como a pandemia impactou os mobilizadores de prazer também são importantes, principalmente para o desenvolvimento de estratégias reguladoras do sofrimento.

Os achados deste estudo demonstraram que as organizações do trabalho, parecem estar menos direcionadas para a prevenção e intervenção precoce nos aspectos associados ao processo de saúde/doença do trabalhador e mais voltados à reparação das assimetrias dos efeitos trazidos por esta pandemia. É sabido que existe uma demanda de transformações, readaptações e reinvenções que precisam ainda acontecer nessa dinâmica de criar e recriar espaços de mobilização para o bem-estar do trabalhador.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, G. A.; BORGES, A. L.; JUIZ, A. P. M. Organização do trabalho, prazer e sofrimento de docentes públicos federais. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 20, n. 1, p. 15-28, 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172017000100002&lng=es&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172017000100002&lng=es&tlng=pt).

AMORIM, W. L.; CARVALHO, A. F. M.; LEÃO, R. V. Estratégias defensivas contra o sofrimento psíquico entre trabalhadores. **Fractal: Revista De Psicologia**, v. 33, n. 3, p. 199-204. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v33i3/5899>

CARDOSO, M. R. *et al.* Sofrimento e trabalho em tempos de pandemia: uma intervenção clínica com educadores. **Estilos da Clínica**, v. 26, n. 1, p. 44-57, 2021. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v26i1p44-57>

DEJOURS, C. Entre Sofrimento e Reapropriação: o sentido do trabalho. *In*: LANCMAN, S.; SZNELZAR, L. I (orgs). **Christophe Dejours: Da Psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, Brasília, Ed. Paralelo 15, 2008.

DEJOURS, C. **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

DEJOURS, C. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. *In*: CHANLAT, J. **O indivíduo na organização**. São Paulo, SP: Atlas, 1996, p.149-173.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI. Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. *In*: BETIOL, M. I. S. (Coord.). **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 2019, p. 119-145.

MAGNUS, C. N.; MERLO, A. R. C. Clínica Psicodinâmica do Trabalho: a construção de um coletivo no real da pesquisa. **Revista Polis e Psique**, v. 5, n. 3, p. 179-197, 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-152X2015000200011&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2015000200011&lng=pt&tlng=pt).

MERLO, A. R. C. O Trabalho e a Saúde Mental no Brasil: caminhos para novos conhecimentos e novos instrumentos de intervenção. *In*: GOMEZ, C.M.; MACHADO, J.M.H.; PENA, P.G.L., comps. **Saúde do trabalhador na sociedade brasileira contemporânea** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, pp. 329-383. ISBN 978-85-7541-365-4. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575413654.0019>.

MOZZATO, A.; SGARBOSSA, M.; MOZZATO, F. O que aconteceu com os que ensinam? O impacto da COVID-19 sobre a rotina e a saúde dos professores universitários. **Revista Sustinere**, v. 9, p. 487 - 508, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/sustinere.2021.57959>

ROCHA, P. L.; BIGRUGLIO, B. Essenciais ou descartáveis? Trabalhadores(as) em supermercados “descobertos” durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. **Política e Sociedade: Florianópolis**, v. 20, n.48, 2021.

SENNET, R. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro, Record, 2006.

SILVA, M. A. Aporte histórico sobre os direitos trabalhistas no Brasil. **SER Social**, Brasília, v. 22, n. 46, 2020.

# ESTRESSE E AGENTES ESTRESSORES: RESSONÂNCIAS E POSSIBILIDADES NO AMBIENTE DE TRABALHO

*Data de submissão: 09/05/2023*

*Data de aceite: 02/06/2023*

### **Kéllbia Najara Teles Silva**

Universidade de Caxias do Sul - PPGPSI  
Caxias do Sul - RS  
<http://lattes.cnpq.br/0313840544782588>

### **Rejane Comim**

Universidade de Caxias do Sul - PPGPSI  
Caxias do Sul - RS  
<http://lattes.cnpq.br/8225150618532356>

### **Tania Maria Cemim**

Universidade de Caxias do Sul - PPGPSI  
Caxias do Sul – RS  
<http://lattes.cnpq.br/2957090276238330>  
<https://orcid.org/0000-0003-1778-0026>

**RESUMO:** O fenômeno do estresse é um tema de relevância na atualidade. Isso provocou a urgência de uma nova interpretação sobre a relação com o trabalho e teceu novas discussões acerca da centralidade do trabalho no mundo contemporâneo. O trabalho desempenha um papel fundamental na vida dos indivíduos, considerado também como matriz da integração social, pois ultrapassa a ação laboral e fonte de renda. Ele é capaz de oferecer sentido e significado à vida do trabalhador, além de promover o desenvolvimento pessoal e

fortalecer a identidade social do indivíduo, já que possui uma função psíquica e de apoio à constituição da identidade e da subjetividade do indivíduo. Todavia, o labor pode interferir na saúde física e emocional do trabalhador, quando ocupa uma posição negativa, provocando sofrimento e adoecimento. Diante disso, destaca-se a assimetria latente entre trabalhadores que conseguiram adaptar-se ao novo modelo de trabalho e outra parcela que não conseguiu elaborar os desafios impostos pela pandemia. Dessa forma, essas mudanças repercutiram na vida cotidiana e também no ambiente laboral de todos os trabalhadores. O tema sofrimento é estudado nos mais diversos contextos, sendo que esse recorte se apoia no campo da psicodinâmica que se ocupa no estudo das relações construídas no espaço laboral. Assim, o sofrimento torna-se criativo quando atua como propulsor das mudanças neste ambiente. Ao buscar discutir essas questões sobre as transformações advindas da relação do sujeito com o trabalho, constata-se o advento de reflexões a respeito do sentido e implicações nos modos de pensar e elaborar o sofrimento no trabalho. Para tanto, observa-se que a experiência da autonomia e criatividade são fatores relevantes

nas organizações, pois cumprem uma função essencial na vida do trabalhador. Essas, quando ativas neste cenário, conseguem remeter os trabalhadores à estabilidade psíquica, constituindo-se um fator determinante do prazer no ambiente laboral e, conseqüentemente, atuar na evitação do sofrimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Situações traumáticas. Situações estressoras. Tensão emocional.

## STRESS AND STRESSING AGENTS: RESONANCES AND POSSIBILITIES IN THE WORK ENVIRONMENT

**ABSTRACT:** The phenomenon of stress is a topic of relevance today. This provoked the urgency of a new interpretation of the relationship with work and wove new discussions about the centrality of work in the contemporary world. Work plays a fundamental role in the lives of individuals, also considered a matrix of social integration, as it goes beyond work and a source of income. It can offer sense and meaning to the worker's life, in addition to promoting personal development and strengthening the individual's social identity, since it has a psychic and support function for the constitution of the individual's identity and subjectivity. However, work can interfere with the worker's physical and emotional health, when it occupies a negative position, causing suffering and illness. Given this, there is a latent asymmetry between workers who managed to adapt to the new work model and another group that was unable to deal with the challenges imposed by the pandemic. Thus, these changes had repercussions in everyday life and also in the work environment of all workers. The theme of suffering is studied in the most diverse contexts, and this cut is based on the field of psychodynamics that deals with the study of relationships built in the workplace. Thus, suffering becomes creative when it acts as a driver of changes in this environment. When seeking to discuss these questions about the transformations arising from the subject's relationship with work, one observes the advent of reflections regarding the sense and implications in the ways of thinking and elaborating on suffering at work. Therefore, it is observed that the experience of autonomy and creativity are relevant factors in organizations, as they play an essential role in the worker's life. When active in this scenario, these factors manage to send workers to psychic stability, constituting a determining factor of pleasure in the work environment and, consequently, acting to avoid suffering.

**KEYWORDS:** Traumatic situations, stressing situations, emotional tension

## 1 | INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), saúde mental é caracterizado como “um estado de bem-estar no qual o indivíduo é capaz de usar suas próprias habilidades, recuperar-se do estresse rotineiro, ser produtivo e contribuir com a comunidade” e, assim, não deve ser interpretado apenas como ausência de doença ou de enfermidade (OMS, 2017). Esse conceito ofereceu ampliação de compreensão, ao incluir aspectos físicos, mentais e sociais (ALMEIDA-FILHO, 2011; FRENK, 2014).

Ser produtivo, nessa perspectiva, é saber elaborar e apresentar um bom desempenho diante das responsabilidades inerentes à vida adulta, por meio de uma resposta positiva

e produtiva aos vários papéis que o indivíduo precisa assumir na vida: o de pai/mãe, esposo(a), filho(a), namorado(a), amigo(a), trabalhador(a), entre outros (HUNTER, *et al.*, 2013).

Desta forma, adotou-se enquanto referência nesta revisão a vivência de situações no ambiente laboral, como sendo fonte de tensão e estresse. Apresentando, como questão norteadora, os fatores agravantes do estresse relacionado ao trabalho e quais sintomas os trabalhadores atribuem ao estresse no ambiente de trabalho.

Atualmente pode-se considerar que o contexto da vida contemporânea experimenta uma multiplicidade de situações promotoras de estresse na rotina diária. Essas situações parecem estar sempre apresentadas em uma perspectiva desafiadora e que não podem ser evitadas em sua totalidade, pois, de certo modo, esses eventos estressores são geradores de novas habilidades no indivíduo e podem despertar novos saberes, pois auxiliam a capacidade adaptativa (LIMONGI-FRANÇA; RODRIGUES, 2014). A capacidade adaptativa, advinda do enfrentamento dos desafios inerentes à própria vida, pode ser interpretada enquanto um processo funcional, de natureza positiva. Essa, por sua vez, contribui para o fortalecimento dos aspectos emocionais e intelectuais do indivíduo (LIMONGI-FRANÇA; RODRIGUES, 2014).

Na literatura científica é possível encontrar a temática do estresse presente em diversas profissões, mas é possível destacar uma quantidade relevante de estudos sobre a dinâmica laboral do profissional da saúde. Esse grupo se realça por ser uma das áreas mais atingidas pelo adoecimento gerado por essa condição de estresse. A dinâmica de trabalho reflete a existência de vários aspectos estressores, que fazem parte de um conjunto de situações e comportamentos (PUERTO *et al.*, 2017). O conceito de estressor pode ser caracterizado enquanto estímulo capaz de ser definido como um dispositivo das reações de estresse, ou seja, é tudo o que provoca o estresse (SELYE, 1965).

Frente a isso, situações que são consideradas estressoras no ambiente laboral e comuns aos profissionais de saúde tendem a ser a sobrecarga de trabalho, interrupções frequentes, realização de tarefas simultâneas, entre outros (PUERTO *et al.*, 2017). Nessa perspectiva, o ambiente hospitalar impõe aos trabalhadores da saúde a responsabilidade pelo atendimento de múltiplas demandas do público. Essa dinâmica de trabalho pode descortinar as repercussões aos agentes estressores inerentes às suas atribuições. Observam-se que os estressores que são experimentados são aspectos relevantes, destacando as condições de trabalho, como também o fato de ser uma atuação de alta responsabilidade, o sofrimento típico de um ambiente hospitalar e também às multiplicidades das demandas de natureza assistencial (GUIDO *et al.*, 2011).

Diante disso, é possível verificar pela literatura científica que, de fato e de modo geral, existem fatores estressores associados às profissões. De forma reiterada, se percebe que esses fatores podem estar relacionados à carga de trabalho, à pressão emocional, ao reconhecimento profissional, ao relacionamento interpessoal, entre outros, a

dependem do ambiente que o trabalhador é exposto (UENO *et al.*, 2017). Assim, podemos considerar que podem existir agravantes para o estresse no ambiente de trabalho. Logo, algumas ocupações podem se apresentar com maiores situações estressantes que outras, mas é importante considerar a influência da subjetividade de cada trabalhador quando exposto aos fatores estressores (MAIA *et al.*, 2012). A subjetividade do indivíduo implica diretamente na relação entre a percepção do estresse e processo de enfrentamento aos agentes estressores, e, assim, surge a resposta do trabalhador ao nível de capacidade que ele consegue se adaptar, que acontece em nível individual (GUIDO *et al.*, 2018).

Diante do contexto até aqui apresentado, foi realizada uma revisão integrativa com o objetivo de refletir sobre as ressonâncias e possibilidades entre estresse, agentes estressores e o ambiente de trabalho.

## 2 | PERCURSO METODOLÓGICO

O presente estudo consiste em uma revisão integrativa da literatura. O objetivo desta metodologia é obter um conhecimento aprofundado do determinado fenômeno, orientando-se em estudos anteriores sobre o tema. A partir desse método é possível que pesquisas já publicadas sejam sintetizadas em um artigo, o que promove maior acesso aos resultados do tema pesquisado (BHEMER, 2018).

Nesta etapa, foi realizada uma revisão integrativa de literatura, de abordagem qualitativa e de caráter exploratório, por meio de busca avançada nos periódicos CAPES, utilizando-se os descritores “estresse” e “situações estressoras”. A pesquisa foi refinada com a seleção de artigos publicados nos últimos 05 (cinco) anos, no idioma português e foram encontrados 05 (cinco) estudos, portanto foram selecionados para esta análise artigos de 2017 a 2022. Outra busca avançada foi realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), com os mesmos descritores, selecionando artigos no idioma português, publicados nos últimos 05 anos. Foram encontrados 08 (oito) estudos que, ao serem somados à primeira busca, totalizam o número de 13 (treze) artigos.

Desse total, 3 (três) estudos foram descartados, pois abordavam questões voltadas para eventos estressores de testes físico de atletas e 6 (seis) não tratavam da temática ou não eram de interesse desta revisão. Foram excluídos do estudo: monografias; artigos de revisão; anais de eventos; dissertações; teses; livros; além de artigos fora do período estabelecido no estudo. Assim, foram selecionados 04 (quatro) artigos, os quais foram os identificados pelas autoras com características que convergem com o assunto de interesse deste estudo.

<b>Estudo</b>	<b>Autores</b>	<b>Objetivo</b>
Situações estressoras e estratégias de enfrentamento adotadas por enfermeiras líderes.	Reis, C. D.; Amestoy, S. C.; Silva, G. T. R.; Santos, S. D.; Varanda, P. A. G.; Santos, I. A. R.; Silva, N. S. B. (2020)	Analisar o enfrentamento do estresse vivenciado por enfermeiras-líderes no ambiente de trabalho, bem como identificar situações estressoras e estratégias de enfrentamento.
Transtornos relacionados a traumas e a estressores.	Martins-Monteverde, C. M. S.; Padovan, T.; Juruena, M.F. (2017)	Introduzir o debate sobre a conceituação clínica e as diretrizes terapêuticas dos Transtornos Relacionados a Traumas e a Estressores, direcionando a escolha do profissional pelas práticas terapêuticas adequadas relacionadas a tais categorias diagnósticas.
Qualidade de vida profissional e fatores associados em profissionais da saúde.	Torres, J.; Barbosa, H.; Pereira, S. (2017)	O estudo parte da análise da qualidade de vida profissional e suas dimensões, em profissionais da saúde da região norte de Minas Gerais - Brasil, que trabalham com pacientes críticos/ crônicos.
Estresse ocupacional da equipe de enfermagem de um serviço de atendimento móvel de urgência.	Meireles, A.R.; Machado, M.G.; Silva, R. M.; Santos, O. P.; Moraes-Filho, I. M.; Ribeiro, F. M. S. S. (2018)	Analisar o nível de estresse ocupacional dos profissionais de Enfermagem do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência.

Tabela 1 - Resumo das características dos artigos selecionados

### 3 | RESULTADOS

Dos artigos selecionados, 75% dos estudos referem-se a situações de estresse em ambiente de trabalho com profissionais de saúde e 25% trata da discussão acerca da conceituação clínica dos transtornos relacionados a traumas e estresse. Dos artigos que se ocuparam em pesquisar os profissionais de saúde, 66,66% foram realizados com profissionais da Enfermagem e 33,33% tem como participantes trabalhadores de outras áreas que atuam com cuidados de saúde. Todos os artigos selecionados e que avaliam os profissionais da saúde reconhecem que os trabalhadores são expostos a situações estressoras, havendo a necessidade de adotar estratégias que produzam alternativas para os problemas enfrentados no contexto laboral.

### 4 | DISCUSSÃO

O fenômeno do estresse é um tema de relevância na atualidade. A compreensão dos sintomas e os fatores agravantes do estresse na dinâmica laboral, podem auxiliar na compreensão dos sintomas que os trabalhadores atribuem ao melhor desenvolvimento de suas atividades. Descortinar as decorrências do estresse é essencial para o alcance do equilíbrio biopsicossocial do trabalhador e, por conseguinte, promove o fortalecimento das

organizações do trabalho. A construção de espaços de discussão no cenário laboral deve ser mais frequente e ativa, sobretudo em relação aos colaboradores que atuam em cargos de liderança (MARÇAL; ROSSO, 2018). Isso porque o que se observa é que as pressões por produtividade e a instabilidade impostas pela vida moderna, se apresentam cada dia mais exigentes em relação às necessidades de atendimento e às demandas da organização do trabalho. Diante disso, entende-se que “são necessárias diversas adaptações às situações do cotidiano, resultando em transformações que podem levar o indivíduo ao estresse” (HIRSCH *et al.* 2015, p. 225).

Isso posto, é importante buscar reconhecer o significado do fenômeno estresse. Na literatura científica encontram-se definições que auxiliam na conceituação dessa palavra. Em suma, conceituam estresse enquanto qualquer estímulo que exija do ambiente externo ou interno um confronto que ultrapasse a capacidade adaptativa de um indivíduo ou as suas inter-relações já padronizadas existentes entre os indivíduos, grupos e instituições, como um fator determinante da severidade do estressor (LAZARUS; FOLKMAN, 1988).

Portanto, ao analisar os artigos selecionados é possível observar que o estresse enfrentado pelos trabalhadores da saúde, devido à sua dinâmica laboral intensa e quase automatizada nas ações de cuidado, gera sobrecarga de tensão. Esses profissionais são expostos a rotinas e apreensões em seu cotidiano no cuidado assistencial que poderão interferir no comportamento profissional, nas relações interpessoais, como também na eficácia e resultados do seu trabalho (CARVALHO, 2020; FONSECA, 2014).

Os trabalhadores que atuam no serviço de saúde, vivenciam uma dinâmica desafiadora e complexa que ultrapassa a assistência ao paciente, mas é composta de múltiplas atribuições como gerenciar pessoas, tomar decisões, cumprimento de protocolos rígidos além de outras atividades administrativas que também fazem parte de suas atribuições. Logo, o trabalhador necessita direcionar condutas e ações, com intuito de alcançar objetivos, sem ignorar que aqueles que ocupam equipes de liderança, possuem ainda a função de supervisão e responsabilidade legal acerca de atividades (REIS, 2020).

Outrossim, foi observado que os profissionais de saúde demonstram ter pouca ou nenhuma consciência do estresse experienciado. Dessa forma, oferecer espaços de elaboração e consciência das tensões advindas da prática laboral, torna-se imprescindível para seu adequado enfrentamento, caso contrário, não haverá o desenlace, o que levará o trabalhador ao desgaste físico e emocional (ROSSO, 2016).

Para Resende, Sousa e Silva (2010, p. 4) “o modo como cada trabalhador irá enfrentar o estresse dependerá do seu grau de elaboração em relação ao mesmo”. Diante disso, é possível considerar que em algumas situações, o estresse servirá como encorajamento para enfrentar a realidade. Esse enfrentamento será sempre de natureza subjetiva, para alguns indivíduos o ajudará a seguir em frente, em outras vezes, essa situação surtirá efeitos desgastantes.

## 5 | CONCLUSÃO

Esse estudo apresentou como limitação o fato de que nem todos os estudos avaliados abordam os fatores causadores, sintomas e estratégias de combate ao estresse. Diante disso, podem ser realizados mais estudos que busquem a efetividade de práticas para o alívio do estresse no ambiente de trabalho, o que auxiliará também os gestores no planejamento de ações.

Os efeitos do estresse não afetam somente a saúde do indivíduo, mas sua evolução provoca impactos na área emocional, física, social, entre outras. As organizações do trabalho devem prover neste tempo pós-pandemia, a construção de espaços de discussão sobre a temática, e, com isso tornar possível a elaboração dos efeitos deste fenômeno na vida do trabalhador da área de saúde.

Ao criar espaços de cuidado e escuta qualificada para o trabalhador poderá inaugurar uma nova dinâmica relacional acerca das estratégias de enfrentamento dos sintomas e ressonâncias do estresse.

No decorrer do desenvolvimento da pesquisa, observou-se a necessidade de discutir o tema do estresse e situações estressoras no ambiente laboral, não se esgotando apenas aos fatores negativos. Assim, sendo possível também considerar na dinâmica laboral o estresse enquanto fator de encorajamento para enfrentar a realidade.

Portanto, o modo como cada situação estressora afetará o trabalhador depende de sua resposta e interpretação deste evento estressante. Ao considerar a subjetividade deste trabalhador e suas experiências de vida, tais vivências influenciam o desenlace das situações. Para isso, identificar os fatores que causam estresse e respectivamente as situações estressoras de uma organização, talvez auxilie descortinar técnicas e estratégias de enfrentamento utilizadas pelos trabalhadores da saúde.

Por fim, vale ressaltar que o estudo é centrado em fenômenos sociais, ligados à vida dos indivíduos em sociedade e suas práticas laborais. Logo, eles se apresentam de forma complexa e dinâmica. Logo, pode-se considerar que diversos aspectos ainda carecem de aprofundamento destes fenômenos ligados ao estresse.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA-FILHO, N. **O que é saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011.

BIENTZLE, M.; CRESS, U.; KIMMERLE, J. Epistemological beliefs and therapeutic health concepts of physiotherapy students and professionals. **BMC Med Educ**. [Internet]. v. 14, 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4190478/>.

BREHMER, L. C. F. *et al*. Revisão integrativa da literatura sobre a Influenza AH1N1. **Texto Contexto Enferm**. v. 11, p. 272-277, 2018.

CARVALHO, A. E. L. *et al.* Stress of nursing professionals working in pre-hospital care. **Rev Bras Enferm.** 2020. v. 73, n. 2:e20180660. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0660>.

FONSECA, J. R. F. DA; LOPES NETO, D. Níveis de estresse ocupacional e atividades estressoras em enfermeiros de unidades de emergência. **Rev Rene**, v. 15, n. 5, 21 Oct. 2014. doi: 10.15253/2175-6783.2014000500002

GUIDO, L. *et al.* Estresse e coping entre enfermeiros de unidade cirúrgica de hospital universitário. **Rev Rene**, v. 13, n. 2, 16 Apr. 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/3949>.

HIRSCH, C. D. *et al.* Preditores do estresse e estratégias de coping utilizadas por estudantes de Enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 28, n. 3, p. 224–229, maio 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v28n3/1982-0194-ape-28-03-0224.pdf>. Acesso em: 24 set. 2022.

HUNTER, J. *et al.* A positive concept of health - interviews with patients and practitioners in an integrative medicine clinic. **Complement Ther Clin Pract.** [Internet], v. 18, n. 4, p. 197-203, 2013. doi: 10.1016/j.ctcp.2013.07.001

LAZARUS, R. S.; FOLKMAN, S. **Stress, appraisal, and coping.** New York: Springer; 1984

MAIA, E. C. *et al.* Avaliação do nível de estresse de equipe de enfermagem de serviço de atendimento móvel de urgência. **Rev de Pesq: Cuid e Fund Online** [Internet], v. 4, n. 4, p. 3060-68, 2012.

Organização Mundial da Saúde. **Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO)** – 1946. 2017 [cited Mar 21 2017].

Organização Mundial da Saúde. **Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO)** – 1946. 2017 [cited Mar 21 2017]. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-daSa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundialda-saude-omswho.html>.

PUERTO, J. C. *et al.* A new contribution mês to the classification of stressors affecting nursing professionals. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. v. 25, p. e2895, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.1240.2895>.

REIS, C. D. *et al.* Situações estressoras e estratégias de enfrentamento adotadas por enfermeiras líderes. **Acta Paul Enferm**, v. 33, eAPE20190099, May. 2020. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2020ao0099>.

RESENDE, P. T. V. de; SOUSA, P. R. DE; SILVA, J. V. R. **Fontes de tensão e estresse nos caminhoneiros brasileiros:** uma análise a partir do modelo occupational stress indicator. 2010. Disponível em: [http://www.simpoi.fgvsp.br/arquivo/2010/artigos/E2010\\_T00251\\_PCN73977.pdf](http://www.simpoi.fgvsp.br/arquivo/2010/artigos/E2010_T00251_PCN73977.pdf). Acesso em: 25 set. 2022.

ROCHA, P. R. da .; DAVID, H. M. S. L. Determination or determinants? A debate based on the Theory on the Social Production of Health. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 49, n. 1, p. 129–135, fev. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v49n1/pt\\_0080-6234reeusp-49-01-0129.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v49n1/pt_0080-6234reeusp-49-01-0129.pdf).

ROSSO, E. *et al.* Avaliação do nível de estresse entre os profissionais de enfermagem atuantes no SAMU de Guarapuava-PR. **Braz J Surg Clin Res** [Internet], v. 7, n. 1, p. 13-17, 2014. Disponível em: [https://www.mastereditora.com.br/periodico/20140602\\_103709.pdf](https://www.mastereditora.com.br/periodico/20140602_103709.pdf).

SCHESTATSKY, S. *et al.* A evolução histórica do conceito de estresse pós-traumático. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 25, p. 8–11, jun. 2003.

UENO, L. G. S. *et al.* Occupational stress: stressors referred by the nursing team. **J Nurs UFPE On Line**, v.11, n. 4, p. 1632-8, 2017. doi: 10.5205/1981-8963-v11i4a15232p1632-1638-2017

# INTERVENÇÃO EM MEDITAÇÃO COM FOCO NA PROMOÇÃO DE SAÚDE E BEM-ESTAR DO TRABALHADOR

*Data de aceite: 02/06/2023*

**Giulia Sturmer de Souza**

**Fabiana Maluf Rabacow**

**RESUMO:** A prática meditativa Mindfulness é baseada em uma forma específica de atenção plena, atualmente vem se mostrando bastante positiva para a promoção de saúde. Esta pesquisa teve como objetivo testar o efeito de intervenção baseada na prática regular do Mindfulness na redução da depressão e ansiedade. Os resultados do estudo mostraram alterações no nível de ansiedade dos participantes. O estudo apresenta limitações como a pequena amostra e o questionário ser uma medida indireta.

**PALAVRAS-CHAVE:** meditação;bem-estar;trabalhador.

## INTRODUÇÃO

O mundo do trabalho, cada vez mais vem exigindo do trabalhador, que muitas vezes sofre de uma exagerada carga de trabalho mental, uma urgência de tempo, excesso de responsabilidade, falta de apoio, cobranças internas,

entre outros. Toda essa situação tem o levado ao estresse, sendo este um possível fator para o desenvolvimento de transtornos como depressão, ansiedades patológicas, pânico, fobias, doenças psicossomáticas e a síndrome de burnout (SÉPE,2011). Este estresse ocupacional, além de prejudicar a saúde do trabalhador, causa efeitos negativos para a organização, pois o colaborador doente pode trazer consequências como: licenças médicas e absenteísmo, queda de produtividade, desmotivação, irritação, impaciência, dificuldades interpessoais, falta de envolvimento com o trabalho e a organização e farmacodependência (SILVA, 2019). Devido a esse fator, as empresas procuram cada vez mais desenvolver técnicas para gerar qualidade de vida no trabalho (SÉPE,2011).

Uma intervenção de diminuição do estresse que vem sendo bastante difundida é a prática meditativa Mindfulness. Esta prática se baseia em uma forma específica de atenção plena, no qual o indivíduo se concentra no agora, de modo intencional e

sem julgamento (KABAT-ZINN,1990). Neste exercício, o corpo é observado, sendo notado todas as sensações, podendo ser realizado em qualquer lugar, posição e ação, como por exemplo no ato de subir a escada, trabalhar, fazer atividades em casa, estar junto com amigos, ou qualquer outra atividade. O objetivo do mindfulness consiste em vivenciar situações do cotidiano de maneira plenamente consciente, com a atenção focada no que está acontecendo, sem julgar ou racionalizar (VANDENBERGHE, SOUZA,2006).

Pesquisas indicam que essa prática está positivamente relacionada à vitalidade, satisfação com a vida, qualidade de relacionamento interpessoal e com redução de depressão, ansiedade e estresse. A meditação Mindfulness pode ser estratégia positiva para as empresas e instituições, pois esta atividade promove uma melhora na saúde dos indivíduos. Além disso, estudos recentes mostraram que os efeitos da atenção plena contribuem com a satisfação no trabalho, desempenho, engajamento nas atividades, redução de estresse e exaustão emocional, relacionamento interpessoal, melhor capacidade de avaliação, entre outros (MARKUS; LISBOA, 2015). O objetivo desta pesquisa é testar e analisar o efeito de intervenção baseada na prática regular de meditação sobre a redução da depressão e ansiedade.

## **METODOLOGIA**

O projeto foi submetido ao comitê de ética e aprovado, dessa forma foi realizado um estudo de intervenção de cinco dias consecutivos de prática regular de meditação, com aplicação antes e depois de um instrumento para medir ansiedade e depressão. Os participantes deste trabalho foram colaboradores, não terceirizados, de uma instituição de ensino superior, todos do setor administrativo.

Inicialmente, foi enviado um questionário baseado na avaliação Hospital Anxiety and Depression Scale” (HAD) (ZIGMOND; SNAITH,1983) sendo este um bom medidor para a avaliação de sintomas de ansiedade e depressão, possui 14 itens, sendo sete para ansiedade e sete para depressão e apresenta como ponto de corte 8 para ansiedade e 9 para depressão, ele é bastante utilizado em pacientes hospitalizados (CASTRO *et al.*2006).

Os participantes marcaram a alternativa que melhor descrevia sua resposta para estas questões: 1. “Eu me sinto tensa (o) ou contraída (o)”, 2. “Eu ainda sinto que gosto das mesmas coisas de antes”, 3. “Eu sinto uma espécie de medo, como se alguma coisa ruim fosse acontecer”, 4. “Dou risada e me divirto quando vejo coisas engraçadas”, 5. “Estou com a cabeça cheia de preocupações”, 6. “Eu me sinto alegre”, 7. “Consigo ficar sentado à vontade e me sentir relaxado”, 8. “Eu estou lenta (o) para pensar e fazer coisas”, 9. “Eu tenho uma sensação ruim de medo, como um frio na barriga ou um aperto no estômago”, 10. “Eu perdi o interesse em cuidar da minha aparência”, 11. “Eu me sinto inquieta (o), como se eu não pudesse ficar parada (o) em lugar nenhum”, 12. “Fico animada (o) esperando animado as coisas boas que estão por vir”, 13. “De repente, tenho a sensação de entrar em pânico”

e 14. “Consigo sentir prazer quando assisto a um bom programa de televisão, de rádio ou quando leio alguma coisa”, cada resposta apresentava uma pontuação de 0 a 3.

O teste da escala de HAD direciona perguntas específicas para ansiedade e para depressão, a primeira é representada pelas questões: 1,3,5,7,9,11,13. O segundo são direcionadas as perguntas: 2,4,6,8,10,12 e 14, dessa forma foi possível com base no escore a verificação de sintomas de ansiedade e depressão nos participantes da pesquisa.

Logo após, foi realizado intervenções por uma semana de meditações mindfulness mediadas pela equipe da pesquisa, no qual teve duração de 10 minutos por dia. A sessão foi composta por exercícios de respiração consciente e consciência corporal. Quando houve o encerramento da ação, foi enviado um novo questionário com os mesmos questionamentos anteriores e uma pergunta adicional: “Você sentiu algum benefício com a prática de meditação? Quais?”. Os dados foram tabulados e analisados no pacote Excel.

## RESULTADOS

Inicialmente, 22 participantes responderam ao inicial questionário. Já no segundo, 16 colaboradores responderam, sendo está amostra final do estudo.No questionário enviado antes da intervenção , a soma das respostas dos participantes comparado com escore da avaliação da escala de HAD, demonstraram que a maioria apresentou sintomas de ansiedade e depressão. A tabela I mostra as porcentagens de respostas das questões da escala HAD divididas pelos pontos 0,01, 02 e 03, o resultado é apresentado pela soma desses pontos, sendo dividido pelo escore: 0 – 7 pontos: improvável, 8 – 11 pontos: possível – (questionável ou duvidosa) e 12 – 21 pontos: provável.

Questões	Porcentagem das respostas de ponto 0	Porcentagem das respostas de ponto 01	Porcentagem das respostas de ponto 02	Porcentagem das respostas de ponto 03
1.	26%	0%	52%	21%
2.	26%	57%	9%	9%
3.	0%	96%	4%	0%
4.	61%	13%	26%	0%
5.	4%	22%	44%	30%
6.	13%	48%	40%	0%
7.	13%	30%	57%	0%
8.	4%	22%	65%	9%
9.	9%	4%	57%	30%
10.	26%	44%	30%	0%
11.	35%	44%	13%	9%
12.	4%	35%	39%	22%

13.	57%	30%	9%	4%
14.	26%	30%	6%	4%

**\*Resultado do escore de ansiedade(soma das maiores porcentagens das questões1,3,5,7,9,11,13):**  $2+1+2+2+2+1+0=10$ - Possível ansiedade.

**\*Resultado do escore de depressão(soma das maiores porcentagens das questões 2,4,6,8,10,12 e14):** $1+0+1+2+1+2+1=8$ - Possível depressão.

**Tabela 1-** Questionário Antes da Intervenção

No questionário aplicado após a intervenção de meditação, percebe-se que comparando com a soma do anterior que houve uma possível diminuição na apresentação dos sintomas de ansiedade, porém na questão 9, os resultados foram divididos em 50% nas respostas de ponto 2 e 50% nas respostas de ponto, dessa forma o escore fica dividido em possível ansiedade e improvável ansiedade. Os resultados para os sintomas de depressão permaneceram o mesmo.

Questões	Porcentagem das respostas de ponto 0	Porcentagem das respostas de ponto 01	Porcentagem das respostas de ponto 02	Porcentagem das respostas de ponto 03
1.	0,00%	87,50%	6,30%	6,30%
2.	31,30%	43,80%	25%	0,00%
3.	50%	43,80%	6,30%	0,00%
4.	56,30%	37,50%	6,30%	0,00%
5.	0,00%	68,80%	18,80%	12,50%
6.	37,50%	43,80%	18,80%	0,00%
7.	25,00%	25%	37,50%	0,00%
8.	0,00%	6,30%	93,80%	0,00%
9.	0,00%	0,00%	50%	50%
10.	25%	50%	25%	0,00%
11.	31,50%	56,30%	6,30%	6,30%
12.	6,30%	37,50%	6,30%	50%
13.	68,80%	31,30%	0,00%	0,00%
14.	25%	62,30%	6,30%	6,30%

**\*Resultado do escore de ansiedade (soma das maiores porcentagens das questões1,3,5,7,9,11,13):**  $1+0+1+2+3+1+0=8$ - Possível ansiedade/  $1+0+1+2+2+1+0=7$ - improvável ansiedade.

**\*Resultado do escore de depressão(soma das maiores porcentagens das questões 2,4,6,8,10,12 e14):** $1+0+1+2+1+2+1=10$ - Possível depressão.

**Tabela 2-** Questionário Pós Intervenção

Além desses dois resultados, foi possível perceber com base nas respostas descritivas da pergunta “Você sentiu algum benefício com a prática de meditação?”

Quais?”, benefícios da prática de meditação. Quinze dos participantes relataram sensações e aprendizados semelhantes, como: “Consegui me sentir relaxada e me conectar mais comigo mesmo”(sic), “Me senti mais calma e aprendi a respirar melhor” (sic), “Leveza e aprender a sentir o momento presente”(sic), “Sim, minha concentração melhorou bastante, aprendi a respirar melhor, ao fazer a prática de meditação me senti tranquila e plena”(sic), “Paz e relaxamento”(sic). Percebe-se uma melhora no autoconhecimento, da sensação de relaxamento e o aprendizado da respiração.

## DISCUSSÃO

Diante do exposto é possível perceber uma provável alteração no nível dos sintomas ansiosos nos participantes, no primeiro questionário, a maioria dos colaboradores apresentavam os sintomas, desta forma, tiveram como resultado uma possível ansiedade. Já no segundo questionário, a maioria dos colaboradores apresentavam improvável/provável ansiedade. Os níveis de depressão permaneceram os mesmos nos dois questionários, sendo o resultado possível depressão, isso pode ter ocorrido pela diminuição de resposta entre o primeiro questionário e o segundo.

Mindfulness é um estado emocional e cognitivo caracterizado pela atenção plena no momento presente, com abertura, curiosidade e aceitação. As práticas de ativação desta condição envolvem uma orientação da atenção para a experiência como se apresenta no momento presente, dessa forma podendo proporcionar uma maior consciência das vivências externas e internas. Além disso, podem desenvolver uma maior flexibilidade cognitiva, comportamental e de tolerância (RAZZERA *et al*,2022).

A meditação é uma prática oriental que engloba um conjunto de técnicas que buscam treinar a focalização da atenção do indivíduo (SHAPIRO, 1981). O exercício de meditação mindfulness se diferencia em dois: Os formais, estes incluem varredura mental do corpo e a meditação em posição sentada, com concentração na respiração e práticas de alongamento. O alvo é vivenciar a respiração, os pensamentos, e os outros conteúdos sem querer mudá-los ou controlá-los, ou seja, permitir-se conscientemente observar o que está acontecendo no presente, e os informais, consistem em vivenciar situações do cotidiano de maneira plenamente consciente, com a atenção focada no que está acontecendo, sem julgar ou racionalizar (VANDENBERGHE, SOUZA,2006).

Na literatura sobre a prática de mindfulness, percebe-se o desenvolvimento do autoconhecimento, com atividades que promovam o relaxamento com técnicas de concentração e respiração. Este fator fica evidente nos relatos dos pacientes após a intervenção promovida pelo estudo, a maioria dos participantes descrevem que se sentiram relaxados, aprenderam a como respirar melhor e desenvolveram autoconsciência sobre suas ações e pensamentos.

A ansiedade é uma emoção característica da população mundial e, atualmente, seu

excesso está presente em vários transtornos psicológicos (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Este sentimento é uma resposta humana natural, ela ocorre quando o indivíduo confronta algum tipo de ameaça ou perigo imediato, porém seu excesso, se torna um estado mais constante de ameaça que inclui outros fatores cognitivos como o medo, a vulnerabilidade, apreensão e a incerteza. (VIZEU; FERRAZ,2019). Indivíduos ansiosos tendem a acreditar que são as situações pelas quais passam é que desencadeiam a ansiedade e não sua cognição (avaliações sobre eventos), assim não percebem que sua forma de pensar pode afetar diretamente seu humor(VIZEU;FERRAZ,2019).

A depressão é classificada como um transtorno de humor, ela orienta as atitudes dos sujeitos modificando a percepção de si mesmos, passando a enxergar suas problemáticas como grandes catástrofes. Os sintomas mais recorrentes são apatia, irritabilidade, perda de interesse, tristeza, atraso motor ou agitação, ideias agressivas, desolação e múltiplas queixas somáticas (insônia, fadiga, anorexia) ( ESTEVES;GALAN,2006).

O uso da prática meditativa mindfulness vem sendo usada como alternativa para a diminuição de sintomas depressivos e ansiosos, esta possibilita o indivíduo a aprimorar as habilidades no sentido de vivenciar seus conteúdos como realmente são, sem categorizá-los em termos de bons ou ruins, aprendendo a respeitar os pensamentos e sentimentos, sejam eles positivos ou não, aprendendo a vivenciá-los sem racionalizá-los. (REIS, 2014 ). Dessa forma, as pessoas se tornam mais conscientes dos estados mentais e se relacionarem com eles em uma perspectiva mais ampla, reconhecendo-os como eventos mentais apenas e não se identificando com eles ou reconhecendo-os como necessariamente reais(ALMEIDA;DERMAZO;NEULFED,2020).

Foi encontrado poucos estudo semelhantes a esta pesquisa, como qualquer pesquisa, esta está sujeita a limitações como o questionário ser uma medita indireta e o limitação da pequena amostra, apesar disso , a estratégia de meditação se mostrou positiva com base nos resultados e pode ser uma ótima promoção de saúde no ambiente do trabalho. É necessário que este estudo seja repetido em um período maior e com uma amostra maior de participantes para uma análise mais ampla dos resultados.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A prática meditativa mindfulness tem sido reconhecida como uma estratégia de saúde que promove benefícios para a saúde mental do indivíduo. Diante do que foi exposto e analisado no presente estudo, percebe-se que os participantes se sentiram relaxados e desenvolveram um autoconhecimento.

Os benefícios dessa prática para o mundo do trabalho podem ser positivos, pois um indivíduo relaxado e que tem autoconsciência podem apresentar uma maior satisfação no trabalho, desempenho, engajamento nas atividades, redução de sentimentos ansiosos e exaustão emocional, relacionamento interpessoal e melhor capacidade de avaliação.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. O; DEMARZO, M.; NEUFELD, C. B. Terapia cognitiva baseada em mindfulness no atendimento clínico individual de depressão. **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)**, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 55-63, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/165509>. Acesso em: 31 ago. 2022.

BISHOP, S.R. Mindfulness- a proposed operational definition. **Clinical Psychology: Science and Practice**. Autumn. v.11, n.3, p. 230-241. 2004. Disponível em: [https://www.qigonginstitute.org/upload/tinymce-editor/docs/mindfulness-\\_a\\_proposed\\_operational\\_definition.pdf](https://www.qigonginstitute.org/upload/tinymce-editor/docs/mindfulness-_a_proposed_operational_definition.pdf). Acesso em: 31 ago 2022.

Castro, M.C et al. Validade da escala hospitalar de ansiedade e depressão em pacientes com dor crônica. **Revista Brasileira de Anestesiologia [online]**. Campinas, v. 56, n. 5, p. 470-477. set.2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-70942006000500005>>. Acesso em : 12 ago. 2022

DSM V. Manual de diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais. Tradução: Maria Inês Corrêa et al. Revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli et al. 5. ed. Porto Alegre, Artmed, 2013.

ESTEVES, F. C; GALVAN, A. L. Depressão numa contextualização contemporânea. **Aletheia**, Canoas, n. 24, p. 127-135, dez. 2006 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942006000300012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942006000300012&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em: 31 ago. 2022

MARKUS.M, N; LISBOA, M.C. Mindfulness e seus benefícios nas atividades de trabalho e no ambiente organizacional. **Revista da Graduação**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p.1-15.18 mai 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/20733/0#:~:text=Os%20resultados%20das%20pesquisas%20evidenciam,e%20melhora%20nos%20v%C3%ADnculos%20pessoais..> Acesso em: 12 ago. 2022.

MEDRI, W. **Análise de exploratória de dados**. 2011. Curso de Especialização “Lato Sensu” em Estatística-Especialização em estatística, Londrina, 2011. Disponível em: [https://fbc88de9-a-62cb3a1a-s-sites.googlegroups.com/site/estatisticabasicacc/conteudo/referencias2/medri/2011%20-%20Curso%20de%20Especializa%C3%A7%C3%A3o%20%E2%80%9CLato%20Sensu%E2%80%9D%20em%20Estat%C3%ADstica.pdf?attachauth=ANoY7co0Quozde7MDdo9jZVOudyFI\\_UVqzf4Zv1sqKUbJICapXUz6mjzUAb1luUCJ3iHTRIIn\\_2KNDg3oOX5q\\_LU9EFEo1RSBsSTqe4He6VuFa-agJVpclYXB\\_NTEaMRnuUZrmE7cuxgtMzZBuCDXmQF3sWx2H2VB YIWh1ne-iBZmQmuG2vLxVEfwwm5meeJ9ASNwsdmSlxndrk8drjQgkra5yJDKQGfK8p9oB4Z2rX2tHGbp tbgzC1PwdiW0dS8-4i0aBlg5e40LL0DfCA2Sy2En7Sga7O9-5zzqcdhXzvacyYWXlcBnBA8CDSdE860dq Pp2Ppm45Bt9QSAypV6oUrQbBjYWOtoq7mrGfTOZlucprYZRS6VD\\_4aFHLmVCo3Mo1PS76Si&attredirects=1](https://fbc88de9-a-62cb3a1a-s-sites.googlegroups.com/site/estatisticabasicacc/conteudo/referencias2/medri/2011%20-%20Curso%20de%20Especializa%C3%A7%C3%A3o%20%E2%80%9CLato%20Sensu%E2%80%9D%20em%20Estat%C3%ADstica.pdf?attachauth=ANoY7co0Quozde7MDdo9jZVOudyFI_UVqzf4Zv1sqKUbJICapXUz6mjzUAb1luUCJ3iHTRIIn_2KNDg3oOX5q_LU9EFEo1RSBsSTqe4He6VuFa-agJVpclYXB_NTEaMRnuUZrmE7cuxgtMzZBuCDXmQF3sWx2H2VB YIWh1ne-iBZmQmuG2vLxVEfwwm5meeJ9ASNwsdmSlxndrk8drjQgkra5yJDKQGfK8p9oB4Z2rX2tHGbp tbgzC1PwdiW0dS8-4i0aBlg5e40LL0DfCA2Sy2En7Sga7O9-5zzqcdhXzvacyYWXlcBnBA8CDSdE860dq Pp2Ppm45Bt9QSAypV6oUrQbBjYWOtoq7mrGfTOZlucprYZRS6VD_4aFHLmVCo3Mo1PS76Si&attredirects=1). Acesso em: 12 ago. 2022

Razzera, B.N et al. Impacts of mindfulness-based interventions in people undergoing hemodialysis: a systematic review. **Brazilian Journal of Nephrology [online]**. São Paulo , v. 44, n. 1, p. 84-96. 2022 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-8239-JBN-2021-0116> . Acesso: 31 ago.2022

REIS, W.G. **Evidências do papel de mindfulness no aprimoramento das funções executivas**. 2014. Programa de Pós-graduação em Neurociências da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2014. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VRNS9N4FVQ/1/monografia\\_\\_webster\\_pimenta\\_\\_completa.docx.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VRNS9N4FVQ/1/monografia__webster_pimenta__completa.docx.pdf)

SÉPE, A.C. **ESTRESSE X TRABALHO: Qualidade de vida nas organizações**. 2021. Curso de Especialização em RH - Gestão de Pessoas e Competências-Especialização em RH, Londrina, 2021. Disponível em : <https://web.unifil.br/pergamum/vinculos/000006/00000697.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2022

SILVA, G.N. (Re)conhecendo o estresse no trabalho: uma visão crítica. **Rev. Interinst. Psicol.** Belo Horizonte , v. 12, n. 1, p. 51-61, jun. 2019 . Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202019000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202019000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em : 12 ago. 2022.

VIZEU,M.T;FERRZ,T.C. Mindfulness e sua contribuição para a clínica da ansiedade. Caderno de psicologia(CESJF), [S. l.], n.1, p.186-202. Disponível em:<http://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/1983>. Acesso em: 31 ago. 2022

# AS AÇÕES DA PSICOLOGIA DIANTE DAS SITUAÇÕES DE DESASTRES SOCIOAMBIENTAIS

*Data de submissão: 06/04/2023*

*Data de aceite: 02/06/2023*

### **Nayara Rita Cardoso Campos**

Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Alagoas.  
Maceió – AL  
<http://lattes.cnpq.br/1636721828213903>

**RESUMO:** A psicologia tem se aproximado cada vez mais das discussões sobre a área de riscos e desastres. O motivo de tal interesse são, além dos eventos cada vez mais frequentes, os diversos seminários, congressos e encontros do campo da psicologia que discutem o tema. O objetivo desta produção é mapear as ações da psicologia no contexto dos desastres socioambientais no Brasil, nos quais mineradoras estão envolvidas. Essa atividade tão presente na construção econômica do país, tem sido evidenciada nos últimos anos pelos desastres provocados, envolvendo rompimento de barragens e subsidência do solo. Os casos dos desastres ocorridos em Mariana e Brumadinho são o foco deste estudo. Caracteriza-se por um delineamento exploratório. A pesquisa norteou-se pelos pressupostos do movimento construcionista,

no qual o conhecimento é compreendido como o resultado de construções coletivas, produzidas por interações dialógicas e interativas das quais participamos cotidianamente. As práticas da psicologia encontradas no contexto dos desastres pesquisados estão associadas às várias políticas e instituições, aos Conselhos Regionais, o Conselho Federal de Psicologia, a Rede de Atenção Psicossocial, Secretarias Municipais de Saúde, Secretarias Municipais de Assistência Social e Universidades. A maioria das ações são norteadas pela perspectiva psicossocial, há também aquelas centradas na psicologia clínica individual. Não foram encontradas ações realizadas no contexto das políticas públicas de educação voltadas para as comunidades. Conclui-se que a Psicologia tem se inserido no contexto de desastres de maneira ativa e é convocada constantemente para se fazer presente.

**PALAVRAS-CHAVE:** psicologia, desastres, mineradoras

## THE ACTIONS OF PSYCHOLOGY DURING SOCIAL AND ENVIRONMENTAL DISASTER SITUATIONS

**ABSTRACT:** Psychology has been getting closer and closer to discussions in the area of risks and disasters. The reason for such interest are, in addition to the increasingly frequent events, the various seminars, congresses and meetings in the field of psychology that discuss the topic. The objective of this production is to map the actions of psychology in the context of socio-environmental disasters in Brazil, in which mining companies are involved. This activity, so present in the economic construction of the country, has been evidenced in recent years by the disasters caused, involving dam bursting and soil subsidence. The cases of the disasters that occurred in Mariana and Brumadinho are the focus of this study. It is characterized by an exploratory design. The research was guided by the assumptions of the constructionist movement, in which knowledge is understood as the result of collective constructions, produced by dialogical and interactive interactions in which we participate daily. The psychology practices found in the context of the disasters surveyed are associated with various policies and institutions, the Regional Councils, the Federal Council of Psychology, the Psychosocial Care Network, Municipal Health Secretariats, Municipal Social Assistance Secretariats, and Universities. Most of the actions are guided by the psychosocial perspective, but there are also those focused on individual clinical psychology. No actions carried out in the context of public education policies aimed at the communities were found. We conclude that Psychology has been actively inserted in the context of disasters and is constantly summoned to be present.

**KEYWORDS:** psychology, disasters, mining

### INTRODUÇÃO

Discussões sobre a áreas de risco e redução dos desastres acontecem nas Organizações Unidas (ONU), desde 1994, ano do primeiro plano para a criação de políticas de redução de desastres. Em 2002, na conferência Rio+10, em Joanesburgo, a assembleia presente identificou a necessidade de uma ação integrada que desse prioridade às vulnerabilidades, à avaliação de riscos e à gestão dos desastres. Essa avaliação ajudou a criação de um quadro de ações e da Declaração/Marco de Hyogo (RODRIGUES, 2010).

Esse marco formulou um quadro de ações, que deveriam ser realizadas entre os anos de 2005 e 2015 e foi adotado por 168 países membros das Nações Unidas. Nesse quadro de ações, é afirmada a responsabilidade dos Estados em proteger as populações dos desastres, assim como é apresentada uma estratégia internacional para promover uma cultura de prevenção, focalizada na redução de vulnerabilidades socioambientais (RODRIGUES, 2010).

Em 2015, ano limite para as ações promulgadas no marco de Hyogo, houve novamente a Assembleia do Escritório de Redução de Riscos de Desastres da ONU, realizada na cidade de Sendai, no Japão. Nessa assembleia foram observados os avanços e entraves do marco de Hyogo, um levantamento foi construído, durante os 10 anos do

marco, relacionado ao impacto dos desastres.

[...] Os desastres continuaram a produzir grandes custos e, como resultado, o bem-estar e segurança de pessoas, comunidades e países como um todo foi afetado. Mais de 700 mil pessoas perderam a vida, mais de 1,4 milhão de pessoas ficaram feridas e cerca de 23 milhões ficaram desabrigadas em consequência de desastres. No total, mais de 1,5 bilhões de pessoas foram afetadas por desastres de várias maneiras. Mulheres, crianças e pessoas em situação de vulnerabilidade foram afetadas desproporcionalmente. A perda econômica total foi de mais de US\$ 1,3 trilhões. Além disso, entre 2008 e 2012, 144 milhões de pessoas foram deslocadas por catástrofes (ONU, 2015, p. 04).

Esses números demonstram a necessidade e a importância de estratégias para redução de desastres. Uma das lições, aprendidas com o Marco de Hyogo, resulta da compreensão de que para tais estratégias se efetivarem é necessária uma abordagem mais ampla e centrada nas pessoas, que previna os riscos de desastres e inclua-as no seu gerenciamento.

[...] As partes interessadas, inclusive mulheres, crianças e jovens, pessoas com deficiência, pessoas pobres, migrantes, povos indígenas, voluntários, profissionais da saúde e idosos na concepção e implementação de políticas, planos e normas. É necessário que os setores público e privado e organizações da sociedade civil, bem como academia e instituições científicas e de pesquisa, trabalhem em conjunto e criem oportunidades de colaboração, e que as empresas integrem o risco de desastres em suas práticas de gestão (ONU, 2015, p. 05).

Nessa assembleia ficou demarcado um novo marco, o Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres, com atuação entre os anos de 2015 a 2030. Esse marco tem as seguintes prioridades: compreensão do risco de desastres; fortalecimento da governança do risco de desastres para gerenciar esse risco; investimento na redução do risco de desastres para a resiliência; melhoria na preparação para desastres, a fim de providenciar uma resposta eficaz e melhorar a recuperação, reabilitação e reconstrução.

Ao deslocar o foco desse âmbito geral do tema para a Psicologia, os estudos no campo da saúde mental, que se interessaram pelo tema de desastres e áreas de risco, têm datado o ano de 1909, como um dos primeiros, em que o psiquiatra Edward Stierlin desenvolveu os primeiros ensaios para o entendimento de questões relacionadas às emoções das pessoas envolvidas em desastres. Outra datação é de 1917, em que houve o desastre de Halifax (Canadá), causado pelo choque acidental entre um navio francês cheio de explosivos e um navio Belga. Esse choque causou um tsunami que atingiu parte da capital da província da Nova Escócia (Canadá) e nesse contexto foram estudadas as variáveis psicológicas envolvidas. Tais pesquisas foram realizadas por Samuel Price (CARVALHO; BORGES, 2009).

A psicologia no Brasil, enquanto profissão, é institucionalizada e para o desenvolvimento de suas práticas tem regras. Uma delas é o descrito no código de ética art

1º: “d) Prestar serviços profissionais em situações de calamidade pública ou de emergência, sem visar benefício pessoal” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005, p. 08).

A disciplina tem se aproximado cada vez mais das discussões sobre a área de riscos e desastres. Os exemplos de tal interesse, além dos eventos cada vez mais frequentes, são os diversos seminários, congressos e encontros do campo da psicologia que discutem o tema, como I Congresso de Psicologia das Emergências e dos Desastres em Lima, Peru, 2002, a criação da Sociedade Chilena de Psicologia das Emergências e Desastres – SOCHPED, 2004 e o I Seminário Nacional de Psicologia das Emergências e dos Desastres, em uma parceria entre a Secretaria Nacional de Defesa Civil e o Conselho Federal de Psicologia, dessa vez no Brasil, em 2006 (CARVALHO; BORGES, 2009).

No Brasil, a gestão de áreas de riscos socioambientais e desastres é regulamentada pela Política Nacional de Proteção e Defesa Civil (PNPDC), instituída pela Lei no 12.608 de 2012 (BRASIL, 2012), que dispõe as ações classificando-as em preventivas, mitigadoras, resposta e recuperação. Entre essas ações valorizam aquelas que se caracterizam como de prevenção e a participação da sociedade civil na gestão dessas ações.

Esses espaços de discussão sobre emergências, desastres que englobam a área de risco, apontam o interesse das/os psicólogas/os em se inteirar desses assuntos, a fim de realizarem práticas conectadas com esses contextos, pois os riscos de desastres se tornam cada vez mais frequentes.

O foco deste trabalho é mapear ações da psicologia no contexto dos desastres socioambientais envolvendo mineradoras no Brasil, haja visto os eventos ocorridos do ano de 2015 para cá: o rompimento de uma barragem em Mariana, MG (2015) e Brumadinho, MG (2019). Sendo mapeado sobre a ligação das mineradoras com os desastres socioambientais, suas ações e discussões que surgem para as práticas da psicologia nesses contextos.

Esse texto seguirá a seguinte estrutura: A relação entre desastres socioambientais e mineradoras e os eventos ocorridos na cidade de Mariana e Brumadinho, o mapeamento das ações em que a psicologia esteve inserida no pós desastres nestes eventos, a discussão sobre essas ações e por fim, as conclusões possíveis.

## **DESASTRES E MINERADORAS**

As atividades de mineração no Brasil iniciaram no século XVI, quando os bandeirantes colonizadores encontraram os primeiros minérios de ouro nos arredores da atual região metropolitana de São Paulo. Essa atividade permitiu algumas transformações como formação de cidades em volta da prática de mineração, criação de rotas comerciais e no século XVIII houve uma expansão dessa atividade de mineração de ouro e diamante em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Durante esse período, o Brasil se tornou o maior produtor de ouro do mundo (WANDERLEY, 2019).

A atividade de mineração não ficou restringida às práticas passadas. Em 2017, o país foi o segundo maior exportador de minérios, com 11% do valor total das exportações mundiais, atrás apenas da Austrália. A produção brasileira está em primeiro lugar mundial na extração de nióbio (WANDERLEY, 2019). Essa atividade tão presente na construção econômica do país, tem sido evidenciada nos últimos anos pelos desastres provocados, desastres esses que são nossos estudos de casos: Mariana e Brumadinho.

Os dois primeiros casos caracterizaram-se pelo rompimento de barragens e o último ainda que nomeado como um risco de desastre, identifiquei como um desastre em andamento, causado pela exploração mineral, que está provocando o afundamento do solo.

As barragens são estruturas, feitas em cursos de água, que possuem o objetivo de conter ou acumular grandes quantidades de substâncias líquidas ou misturas de líquidos e sólidos. Suas principais finalidades são: o abastecimento de água, produção de energia elétrica e prevenção de enchentes. Já na mineração, as barragens de rejeitos são utilizadas para conter alguns resíduos (água mais resíduos sólidos) que devem ser armazenados para evitar danos ambientais à natureza. As barragens em questão foram construídas da mesma maneira, à montante (POLITIZE, 2019).

Há duas maneiras para uma barragem se romper. A primeira diz respeito aos fenômenos ambientais de larga escala, como tsunamis e tempestades. E a segunda é por falha humana, seja no planejamento da construção ou falta de manutenção adequada, sendo este o maior motivo de rompimento de barragens no mundo. No Brasil, o órgão responsável por fiscalizar barragens de rejeitos é a Agência Nacional de Mineração (ANM) e há também a Política Nacional de Segurança de Barragens (PNSB), criada pela Lei nº12.334/10 (POLITIZE, 2019).

No último relatório da ANM (2017), consta que o Brasil tem 24.092 barragens cadastradas pelos órgãos fiscalizadores, sendo que 58% delas estão regularizadas e apenas 18,7% possuem pelo uma das características descritas na Política Nacional de Segurança de Barragens (POLITIZE, 2019). Esses dados mostram a fragilidade da segurança no processo de mineração no país, alertando sobre a necessidade de uma responsabilização maior dos órgãos governamentais na fiscalização e regularização das barragens.

## CASOS

Neste item será exposto detalhes sobre os eventos dos desastres socioambientais que são foco desta pesquisa, com datas específicas e alguns desdobramentos.

### *Mariana*

Em 05 de novembro de 2015. Houve um rompimento da barragem de rejeitos de mineração chamada de “Fundão” localizada na cidade de Mariana, Minas Gerais. Barragem

controlada pela Samarco Mineração S.A<sup>1</sup>, um empreendimento conjunto das maiores empresas de mineração do mundo, a brasileira Vale S.A<sup>2</sup>. e a anglo-australiana BHP Billiton<sup>3</sup>. Esse rompimento provocou 19 mortes e ainda há um desaparecimento, destruiu casas e o mar de lama dos rejeitos, devastou o Rio Doce e atingiu o oceano no Espírito Santo (G1,2020).

O rastro da lama causou a destruição das comunidades de Pedras, Camargos, Borba, Ponte do Gama, Campinas, Paracatu de Cima, Paracatu de Baixo e Bento Rodrigues em Mariana. Atingiu a cidade de Barra Longa e seguindo o leito do Rio Doce, chegou às cidades de: Sem Peixe; Rio Doce; Santa Cruz do Escalvado; Rio Casca; São Domingos da Prata; São José do Goiabal; São Pedro dos Ferros; Dionísio; Raul Soares; Córrego Novo; Pingo D'Água; Mariléia; Bom Jesus do Galho; Caratinga; Timóteo; Santana do Paraíso; Bugre; Iapu; Coronel Fabriciano; Ipaba; Ipatinga; Belo Oriente; Naque; Periquito; Sobrália; Fernandes Tourinho; Alpercata; Tumiritinga; Galileia; Conselheiro Pena; Resplendo; Itueta, Aimorés. Ainda, atingiu no Espírito Santo as cidades: Baixo Guandu, Colatina e Linhares, Serra, São Mateus, Aracruz até o litoral da Bahia. Destacamos que mesmo passados mais de quatro anos do rompimento de Fundão, os danos causados ainda são incertos em sua totalidade, podendo existir outras cidades ou comunidades atingidas que não estão contempladas nesta listagem. (BARRETO; ROSA; MAYORGA, 2020, p.2)

Essa listagem dá a dimensão do impacto da tragédia. Logo após o rompimento do Fundão, as empresas responsáveis classificaram o evento como um acidente que, teoricamente, foi provocado por abalos sísmicos. Este fato logo foi descartado no processo de investigação e encontram falhas estruturais, em Fundão, desde o início das suas operações no ano de 2008 e que levaram ao seu colapso (BARRETO; ROSA; MAYORGA, 2020).

Apesar de conceber nesse trabalho como um desastre socioambiental,

Surgiram outras nomeações, como "acidente de trabalho com graves repercussões socioambientais", termo cunhado pelo Ministério do Trabalho de Minas Gerais. "Desastre natural", classificação feita pela então presidenta Dilma Rousseff seis dias após o rompimento de Fundão para que os atingido(a)s pudessem fazer o saque de seu Fundo de Garantia sobre Tempo de Serviço (FGTS). "Desastre tecnológico", especificação feita por estudiosos e especialistas da área da sociologia dos desastres, que entendem o rompimento de Fundão como sendo efeito da ação e negligência humana, na qual as empresas são responsáveis pelo dano (BARRETO; ROSA; MAYORGA, 2020, p.3).

---

1 A Samarco é uma empresa que atua no segmento de mineração, uma joint venture de propriedade da Vale e BHP Billiton, tem por sede Belo Horizonte -MG. Tendo como principal produto as pelotas de minério de ferro, matéria-prima para a produção de aço pela indústria siderúrgica. Para mais informações: <https://www.samarco.com/>

2 A Vale se fundou como uma estatal Companhia Vale do Rio Doce, e hoje é uma empresa privada. Atuam no campo de mineração e em logística com ferrovias, portos, terminais e infraestrutura de última geração, em energia e em siderurgia. Para mais informações: <http://www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/Paginas/default.aspx>

3 A BHP tem sede em Melbourne, Austrália. Focados nos recursos em cobre para energia renovável. Níquel para veículos elétricos. Potássio para agricultura. Minério de ferro e carvão metalúrgico para o aço necessário à infraestrutura global e à transição energética. Para mais informações: <https://www.bhp.com/about>

## *Brumadinho*

Uma tragédia similar ocorreu em Brumadinho, Minas Gerais. Em 25 de janeiro de 2019, a barragem 1 da mina Córrego do Feijão, da mineradora Vale S.A., rompeu-se, desencadeando também uma avalanche de lama. A proporção de fatalidade foi superior ao caso de Mariana, pois até 1º de fevereiro de 2019 haviam sido confirmadas 110 mortes. Os rejeitos da mineração atingiram o rio Paraopeba, que é um dos afluentes do rio São Francisco. A grande quantidade de lama torna a água imprópria para o consumo além de desencadear grande mortandade de animais e plantas aquáticas (UOL, *s.d*).

Apesar do desastre ter ocorrido em 2019, apenas em novembro desse ano (2021), a Polícia Federal finalizou suas investigações sobre o rompimento da barragem de rejeitos da Vale S/A. Segundo essa apuração crimes ambientais foram cometidos pelas empresas responsáveis pela barragem que se rompeu e a empresa TÜV SÜD<sup>4</sup>, o inquérito da investigação aponta que houve crime de poluição, contra a fauna terrestre e aquática, a flora, contra os recursos hídricos e o delito de declaração falsa perante a ANM. Além das empresas, outras 19 pessoas - engenheiras/os, gerentes, diretoras/es e consultoras/es - foram indiciadas pela Polícia Federal e atualmente o caso está sob análise do Ministério Público Federal para a adoção de possíveis medidas judiciais (AUGUSTO, 2021).

## **MAPEAMENTO DAS AÇÕES**

Neste tópico, apresentamos o mapeamento das ações que foram desenvolvidas nos pós desastres em que a psicologia se implica ou pode estar implicada nos casos de desastres socioambientais de mineradoras que descrevemos anteriormente.

Um mapa em linhas gerais são representações esquemáticas de uma realidade que nos facilitam a identificar, sinalizar, conhecer e encontrar aquilo que está sendo representado. Porém, tratando-se de ações em eventos como os desastres, os mapas podem conter mais ou menos daquilo que aconteceu, haja visto que nem tudo que de fato acontece é documentado, publicado ou de fácil acesso. Ficamos a mercê de encontrar os rastros das atividades executadas, tal qual João e Maria no conto de fadas dos irmãos Grimm, o que requer uma busca mais flexível e atenta aos caminhos delineados, podendo ser em alguns momentos até uma busca reticulada<sup>5</sup>.

Essa busca pelas ações caracteriza-se por um delineamento exploratório por meio do estudo dos casos Mariana e Brumadinho, na qual segue uma orientação da literatura acadêmica produzida sobre os casos e, principalmente, segue as notícias midiáticas em

---

4 TÜV SÜD Brasil engenharia e consultoria LTDA é um provedor global de serviços de auditoria, certificação, e gestão de risco e foi uma das empresas responsáveis pela auditoria da barragem 1 da mina Córrego do Feijão. Para mais informações: <https://www.tuvsud.com/pt-br>.

5 Busca reticulada ou pesquisa reticulada, consiste em seguir uma rede de informações através de um documento inicial, a exemplo de pesquisas desse gênero, são aquelas que procuram nas referências de um documento inicial outras pesquisas e nessas outras pesquisas, encontram mais outras, e assim cria-se uma rede de informações sobre determinado tema.

portais de notícias e declarações do governo e instituições.

A pesquisa norteou-se pelos pressupostos do movimento construcionista, que se opõe aos modelos básicos do conhecimento, nas quais carregam o dualismo sujeito-objeto e a concepção naturalizada do saber. Kenneth Gergen (2009), um dos propositores da perspectiva construcionista, provoca indagações sobre os conhecimentos postos como óbvios, imutáveis, inquestionáveis, em que abarca o fenômeno e o compreende como um processo automático, mas compreende como uma linha de uma ciência polissêmica e voltada para o cotidiano, para as relações concretamente constituídas e compreendendo o conhecimento como produção de um “intercâmbio social”.

[...] O construcionismo social não oferece “a verdade através do método”. As ciências têm estado, em grande medida, encantadas pelo mito de que a aplicação assídua de um método rigoroso pode produzir fatos incontestáveis – como se o método empírico fosse algum tipo de moedor de carne no qual se produziria a verdade como salsichas (GERGEN, 2009, p. 316).

Dessa maneira o mapeamento das ações focaliza nos aspectos históricos e culturais - processo pelo qual as pessoas agem, negociam, mobilizam e constroem o mundo em que vivem. Haja visto que o conhecimento é resultado de construções coletivas, produzidas por interações dialógicas e interativas das quais participamos cotidianamente (GERGEN, 2009).

Assim seguimos as ações acessadas nas mídias sociais, como o navegador on-line *Google*, *Google Scholar* e a rede social *Instagram* e para uma visualização específica de cada caso, são apresentados separadamente no tópico a seguir.

## DISCUTINDO AS AÇÕES

A primeira página que aparece ao colocar “Práticas da psicologia no caso da barragem em Mariana” no site de busca *Google*, é do Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais (CRP-MG) com uma matéria sobre o evento “Psicologia em foco” que ocorreu em 02 de outubro de 2019, cujo tema foi “Saúde Mental e suicídio em contextos de atingidos por barragens”.

Apesar da matéria ser curta, a tecnologia não nos decepciona e encontramos nela o evento gravado de maneira íntegra o que nos permite ver e rever as falas. Participaram como convidadas/os da mesa Maíra Almeida Carvalho, psicóloga, na época, mestranda em Psicologia Social, referência técnica da equipe Conviver – equipe de saúde mental específica para o acompanhamento dos atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão em Mariana (MG); e Rodrigo Chaves Nogueira, psicólogo, coordenador clínico da Saúde Mental de Brumadinho e membro da equipe técnica da Escola de Saúde Pública de Minas Gerais. Inicialmente, atentamo-nos ao que a Maíra traz sobre as ações da equipe conviver e suas perspectivas sobre a atuação da psicologia em contextos dos desastres, por sua atuação ter sido na cidade de Mariana.

Maíra em sua fala durante o evento evidencia que as ações de resposta e recuperação ressaltam apenas os danos materiais e isso provoca o apagamento das experiências e o valor subjetivo de cada um das/os atingidas/os pelo desastre. Apesar do tema do evento do CRP-MG ser sobre a saúde mental, a pesquisadora comenta sobre os diversos aspectos que devemos considerar ao lidar com essas ações em desastre. Segue a fala:

Ao falar de saúde mental nesses contextos é urgente extrapolar as perspectivas individualistas e biomédicas para pensar sobre o sentimento de injustiça atravessado sobre um crime-desastre que poderia ser evitado. Para pensar no sofrimento social provocado pela extinção de objetos sociais que enlaçam as comunidades - igrejas, associações, espaços comunitários. Para pensar, também, no sofrimento ambiental que deixa populações e sujeitos sem se sentirem pertencentes em um outro lugar, além das contaminações dos rios. [...] Na dor moral de ter seus direitos negados nos processos de negociações com as grandes causadoras dos danos e, por fim, de ter a sensação de que suas rotinas e cotidiano foram atravessados por diversos atores, movimentos, instituições, pesquisadores e terceirizados que irão discursar sobre o que, agora, é melhor para a vida delas. (CRP-MG, 2019)

A equipe Conviver, da qual Maíra faz parte, é um serviço de atenção psicossocial desenvolvido para assistir os atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão, em 2015. O Conviver conta com profissionais de Assistência Social; Música; Psicologia; Psiquiatria e Terapia Ocupacional. Conviver é ligado à Atenção Psicossocial (RAPS) do município de Mariana e realiza ações como roda de conversas, apoio à comissão de atingidos pela mineração, que são as lideranças que representam a comunidade nos espaços deliberativos e de manifestações; A conviver também tem atividades de artesanato, música, atendimentos psicológicos e psiquiátricos (PREFEITURA DE MARIANA, 2019).

Com as casas abaladas pelas lamas e a impossibilidade de voltarem a morar em seus lares, em novembro de 2015, a cidade de Mariana recebeu um pouco mais de 1000 novos habitantes que foram realocados pela empresa, a Fundação Renova, que hoje responde pelas ações de reparação da mineradora e de suas controladoras, Vale e BHP Billiton. Renova realocou as pessoas para imóveis temporários em Mariana, enquanto constroem casas para as famílias que foram atingidas. O prazo para a entrega das casas era o ano de 2019 (MOTA, 2017), porém até o momento de escrita desta pesquisa, as casas não foram entregues.

As famílias que perderam suas casas eram todas da zona rural e tiveram dificuldades de adaptação à rotina “provisória”, com os preços das mercadorias no espaço urbano. Houve o aumento do desemprego no município, que saltou de 5% para 23%, desde que as atividades da Samarco foram suspensas, segundo dados do Sistema Nacional de Emprego (Sine) local, e não demorou para que algumas pessoas pedissem o retorno das atividades da mineradora, pois ela atuava há 44 anos na região e respondia por 89% da arrecadação do município, entre tributos pagos diretamente e recolhidos de forma indireta (MOTA, 2017).

Esses conflitos com relação às mudanças de endereço implicaram com a noção de

pertencimento e de senso de comunidade. Essas indagações fizeram com que surgisse uma pesquisa em psicologia social nesse contexto, apresentada no artigo “Comunidades sujas de lama: da destruição à ressignificação e a resistência em Mariana/MG” das pesquisadoras Leticia Barreto, Débora Rosa e Claudia Mayorga. Nesse trabalho, analisaram os efeitos do desastre por parte dos atingidos e os meios de resistência empreendidos em defesa dos territórios, que ajudam a recriar o sentimento de comunidade, que se mostra principalmente na manutenção do vínculo com o espaço físico devastado (BARRETO; ROSA; MAYORGA, 2020).

Esse estudo ressalta, que o desastre não foi suficiente para apagar o sentido de comunidade vivido pelos/as moradores/as, que, em contrapartida, encontraram reafirmação da pertença, muitas vezes, romantizando as memórias do antigo lugar. Apontam a necessidade da presença delas/es nos territórios devastados, enquanto forma de elaborar a tragédia e ressignificá-la (BARRETO; ROSA; MAYORGA, 2020). Assim poderão ocupar novos espaços sem comparação com o antigo lar e não se transformar em um mártir.

Com o desastre socioambiental do rompimento da barragem, houve a criação do “Plano Municipal de Planejamento e Gerenciamento de Ações de Recuperação em Saúde após o rompimento da Barragem de Rejeito da Samarco em Bento Rodrigues, Mariana – MG”, que foi atualizado em 2019. Esse plano tem os direcionamentos para ações tais como: Estratégia de Saúde da Família; Saúde Mental; Vigilância em Saúde; Assistência Farmacêutica e Laboratorial; Medicamentos e Materiais Médicos não contemplados na relação municipal de medicamentos para atender as especificidades relacionadas ao rompimento da Barragem e Educação Permanente em Saúde/Capacitação (PREFEITURA MUNICIPAL DE MARIANA; SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE, 2019).

Nesse documento, identificamos a ausência de psicólogos/os no quadro de recursos humanos referente às ações voltadas para a Estratégia de Saúde da Família, em contrapartida há nove psicólogas/os nas ações voltadas para a saúde mental. Nesse tópico destacamos a seguinte narrativa:

O atendimento em Saúde Mental à população atingida vem sendo desenvolvido a partir de ações e estratégias construídas e transformadas desde o rompimento da Barragem de Fundão em conformidade com as peculiaridades e especificidades apresentadas ao longo desse período. O atendimento a essa população começa a ser realizado utilizando os recursos, dispositivos e estrutura já disponíveis na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e na Rede de Atenção à Saúde do Município em ações que contemplam os serviços de referência em saúde mental, a Rede de Atenção Básica (através do apoio matricial) e demais estratégias intersetoriais em articulação com outras políticas públicas. (PREFEITURA MUNICIPAL DE MARIANA; SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE, 2019, p. 38)

Fica visível a organização da rede para ações voltadas para promoção de saúde mental, através do município. As atividades a serem desenvolvidas proposta no documento são: atendimento ambulatorial das famílias atingidas; criação e condução de grupos

terapêuticos e oficinas em espaços intersetoriais; acompanhamento domiciliar para pacientes e/ou familiares com essa demanda; Acompanhamento Terapêutico; suporte às equipes dos dispositivos de referência da rede de atenção psicossocial do município – CAPS I e CAPSi – CRESCER; suporte matricial às equipes de saúde da família mais impactadas pelo processo de realojamento das famílias e intervenções e suporte psicossocial no contexto escolar (PREFEITURA MUNICIPAL DE MARIANA; SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE, 2019).

O tópico de saúde mental ainda menciona a equipe Conviver e suas ações voltadas para o acompanhamento das famílias atingidas pelo desastre, que se deslocaram de forma forçada dos distritos rurais para a sede urbana da cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE MARIANA; SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE, 2019).

As ações, apresentadas no plano, têm o período de vigência de até três anos, após o reassentamento das comunidades atingidas, entretanto ainda não foi iniciado e, indica os responsáveis pelas ações:

- Compete à Secretaria Municipal de Saúde de Mariana o gerenciamento, planejamento, execução, monitoramento e avaliação das ações de atendimento em saúde à população atingida, bem como a gestão, coordenação e supervisão do trabalho executados pelos profissionais e empresas contratados para atendimento à população;
- À Fundação Renova, bem como suas mantenedoras, compete exclusivamente a cessão de infraestrutura físico-material, financeira e recursos humanos necessários à execução das ações, acompanhando o desenvolvimento das ações através dos indicadores de avaliação e monitoramento acordados entre as partes. (PREFEITURA MUNICIPAL DE MARIANA; SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE, 2019, p. 55)

As ações aqui sinalizadas sobre o caso Mariana, foram sumariamente de resposta e recuperação ao desastre. Há um delineamento de ações construídas conjuntamente com as/os atingidas/os, relatado pela psicóloga Maíra da equipe Conviver, durante o evento do CRP-MG, sobre o apoio à comissão de atingidos pela mineração, que são as lideranças que representam a comunidade nos espaços deliberativos e de manifestações. Entretanto, não foi identificado como é feito esse apoio e até que ponto há a contribuição da comissão nas atividades desenvolvidas pela equipe.

Ressaltamos que a participação das pessoas atingidas pelos desastres na formulação de estratégias, planos e políticas é defendido tanto no Marco de Sendai (ONU, 2015), quanto na Política Nacional de Defesa Civil (BRASIL, 2012), além disso, as ações devem ser operadas de maneira que não caiam em uma postura assistencialista aos/as envolvidos/as, que são por vezes monitorados/as e acabam por não aderirem aos planos e ações planejadas (CAMPOS et al, 2020).

Nessas ações, a psicologia está em discussões e práticas sobre saúde mental, traçadas muito bem na rede de Atenção Psicossocial e no fortalecimento do empoderamento

das comunidades, principalmente as realocadas, mas não são visualizadas a psicologia conjuntamente com as políticas de assistência social e de educação. Distante também das ações de gerenciamento do desastre e das propostas mitigadoras e de prevenção.

Retomando o evento “psicologia em foco” (2019) do CRP-MG, destacamos as falas de Rodrigo Chaves Nogueira, psicólogo, coordenador clínico da Saúde Mental de Brumadinho e membro da equipe técnica da Escola de Saúde Pública de Minas Gerais.

Rodrigo inicia dizendo que quem aprendeu com Mariana não foram as mineradoras, mas sim a população e as/os profissionais, pois nenhuma ação que prevenisse o desastre, havia sido executada, pelas/os maiores responsáveis pelo desastre.

[...] Para falar sobre saúde mental precisamos primeiro nos localizar no contexto temporal, social, territorial e, fundamentalmente, afetivo e emocional da população da cidade (Brumadinho). [...] Estamos em um território devastado por um crime, uma tragédia humana, um absurdo que provoca mudanças afetivas, culturais e sociais grandes. [...] Não é crime o que aconteceu, é um crime em acontecimento, a tragédia ainda está em andamento (CRP-MG, 2019).

Para qualquer prática psicológica, incluindo as de saúde mental, necessita-se primeiro de um contexto e nesse caso, Brumadinho, compreender que o desastre não se resume ao rompimento da barragem e suas perdas materiais, mas também estar atento às mudanças afetivas, culturais e sociais provocadas pelo rompimento. Dessa maneira, não existe um pós desastre, mas fenômenos que se seguem e que podem culminar em outras tragédias de diferentes proporções, como a busca de pessoas que ficaram desaparecidas por meses, a luta por indenização justa e a manutenção de uma vida, em um novo território.

O psicólogo Rodrigo expõe que durante as primeiras horas foram estabelecidos plantões, barracas nas ruas, no CAPS (Centro de Atendimento Psicossocial), em hospitais, na UPA (Unidade de Pronto Atendimento) e na Zona Quente, onde foram as buscas das/os desaparecidas/os durante o rompimento da barragem. O profissional sinalizou em sua fala que os primeiros cuidados psicológicos não são ofertados necessariamente por profissionais da saúde mental, mas por pessoas que tem conhecimento da situação e pode oferecer naquele momento: segurança, conforto, água, alimentação, informações precisas (CRP-MG, 2019)

Pontuou também, que as/os voluntárias/os não souberam fazer esse trabalho de acolhimento nos primeiros cuidados psicológicos, pois houve uma invasão absoluta delas/es que não possibilitaram que as pessoas fossem recolhidas em suas elaborações, sofrimento, luto... pois as/os voluntárias/os entravam nas casas, rompendo a privacidade e se oferecendo.

O presidente da Vale teve uma fala infeliz, porque é uma fala mentirosa, que traz o capitalismo *versus* população. Ele fala “Nós vamos contratar os profissionais de São Paulo para cuidar da população de Brumadinho, porque o SUS não sabe, não dá conta de cuidar dessas situações”. Nós (profissionais da rede pública) temos que mostrar dia a dia que sabemos,

que estamos preparados. Nós é que estamos no território, que conhecemos o território e somos reconhecidos pelo território. As pessoas que chegaram não conheciam. As pessoas do Einstein estão casteladas em São Paulo não sabem o que acontece no parque da cachoeira, não conhecem o rio de Paraopeba, não sabiam que era um rio vermelho antes da tragédia, não sabem traçar pelas trilhas de Brumadinho. Então, dia a dia temos que demonstrar que nos capacitamos, que estamos constantemente nesse cuidado dentro da perspectiva psicossocial, que o cuidado deve ser feito reconhecendo o território com o que a comunidade pode fornecer (CRP-MG, 2019).

Essa fala, revela as tensões e desconfortos da relação entre as práticas postas pela empresa Vale e a atuação das/os profissionais de serviço público que dentro da rede de atendimento não só conhecem o território, mas fazem parte dele, como também foram atingidos pelo desastre e acreditam que a melhor maneira de manejar as ações durante o desastre, é por aquelas/es que conhecem e são reconhecidas/os pelo desastre.

Ainda no site do CRP-MG encontramos uma das primeiras ações do conselho diante do desastre do rompimento da barragem em Brumadinho. O rompimento ocorreu em 25 de janeiro de 2019. No dia 07 de fevereiro de 2019, foi publicado uma matéria no site com o seguinte título: “Ação em Brumadinho realça a atuação plural da Psicologia”. Refere-se à ação de preenchimento de um formulário de demandas das famílias atingidas pelo rompimento da barragem da Mina do Feijão (CRP - MG, 2019).

Não encontramos o conteúdo desse formulário, mas segundo o que é trazido na matéria ele tem por objetivo auxiliar a Secretaria de Impacto Social com o levantamento das demandas urgentes das famílias e da comunidade, possibilitando mapear as demandas e as urgências da população de maneira mais precisa e individualizada. Bernardo Dolabella, psicólogo voluntário tem algumas falas transcritas na matéria:

A população está extremamente fragilizada e muitas vezes começando a assimilar o ocorrido. A presença do profissional de psicologia ameniza, por meio de uma escuta empática e qualificada, possíveis efeitos colaterais dessa coleta, já que atuamos de forma não invasiva e buscando ao máximo a não revitimização da população. Além do cuidado e proteção da população, nossa formação nos auxilia a lidar com todo o conteúdo traumático que surge durante as entrevistas, permitindo a realização do trabalho de maneira mais efetiva e menos danosa para nosso próprio psiquismo. A escuta qualificada vem permitindo identificar outras demandas que não se apresentam de forma tão óbvia (CRP - MG, 2019).

E também:

É possível pensar de maneira clínica e identificar traumas, depressões, ansiedades, e vários outros transtornos emergindo da população. Existe uma preocupação muito grande acerca da saúde mental dessas pessoas, e das possíveis maneiras de se auxiliá-las a lidar com os fatos (CRP - MG, 2019)

Essas falas destoam da perspectiva psicossocial trazida pelo psicólogo Rodrigo, no evento do CRP -MG, em outubro do mesmo ano, pois a abordagem individual e em busca de identificar traumas, depressões, ansiedades e transtornos, não considera

as representações envolvidas nas definições de um desastre, enquanto um processo histórico, vinculado às relações políticas e sociais expressas nos territórios, que busquem uma promoção coletiva da autonomia e da cidadania (BENEVIDES, 2015).

[...] o suporte psicossocial pode ser compreendido como o processo de facilitação à resiliência dos indivíduos, das famílias e das comunidades, em que busca neste processo o respeito a autonomia e a dignidade, favorecendo as estratégias de enfrentamento das situações vivenciadas. Chamamos atenção para a importância de que antes de se planejar uma ação de suporte psicossocial, é necessário que a comunidade se expresse e defina suas prioridades (BENEVIDES, 2015, p.55).

O próprio texto da matéria do CRP- MG expõe a situação de que há nesse tempo a atuação de líderes comunitários em contato com os órgãos públicos, reivindicando cuidados para a população e auxiliar a atuação dos órgãos governamentais e a comunidade que se articula, se ajuda, se protege e se conforta (CRP - MG, 2019). Ou seja, a própria população já tem estratégias que podem ser valorizadas através do auxílio das/os profissionais da psicologia, ou até mesmo acompanhar esses diálogos para compreender o que a população coloca enquanto prioridade e assim, traçar ações mais específicas ao contexto apresentado.

O Conselho Federal de Psicologia (CFP) também esteve presente nas ações com relação ao desastre de Brumadinho, em fevereiro de 2019. Além de apoiar e acompanhar as ações do Conselho Regional de Minas, organizou “Oficinas de Orientação da Psicologia em Emergências e Desastres”, oficinas direcionadas às psicólogas/os, conselheiras/os, membros de comissões de emergências e desastres, trabalhadoras/es dos municípios atingidos e para a população interessada, destacando as famílias das vítimas e sobreviventes (CFP, 2019).

Outras ações do CFP foram acessadas, todas fruto da 313ª reunião do Conselho Nacional de Saúde (CNS), ocorrida 31 de janeiro de 2019, na qual visualizaram o trabalho das/dos psicólogas/os no atendimento às vítimas da tragédia da mineradora Vale, nessa reunião gerou-se uma cronologia de ações sendo elas:

- Reuniões locais entre as/os autoras/es envolvidos na organização da resposta em saúde mental discutindo a possibilidade de implantação de equipe multiprofissionais de atenção especializada em saúde mental no município de Brumadinho e entorno que têm populações atingidas.
- Equipes de Práticas Integrativas e Complementares de Saúde indo ao município para ampliar a oferta de profissionais que estão atuando na resposta ao desastre.

No artigo intitulado “O impacto na saúde mental dos afetados após o rompimento da barragem da Vale” (NOAL; RABELO; CHACHAMOVICH, 2019), analisa que as estratégias de saúde mental e atenção psicossocial utilizadas em Brumadinho têm por base diversas referências, tais como:

[...] O Marco de Sendai, os guias e protocolos da Organização Mundial da Saúde para situações de desastre, as políticas públicas regulamentadas dos três entes federados, as orientações do Conselho Federal de Psicologia para as intervenções em desastres, e também considerou-se as especificidades da população afetada.

Como público alvo dessa estratégia, considerou-se as equipes de saúde do SUS, para que as mesmas fossem sensibilizadas sobre como elaborar estratégias psicossociais e de saúde mental para atender à população de Brumadinho, bem como para que os profissionais identificassem sofrimento psíquico na população diretamente atendida, além de suas próprias equipes. Foram capacitados ainda socorristas, voluntários e trabalhadores que estiveram em contato direto com a lama (NOAL; RABELO; CHACHAMOVICH, 2019, p. 04).

Essa organização e as referências apresentadas, demonstram uma responsabilidade assumida das/os profissionais de atuar no contexto de desastres, como dito por Rodrigo Chaves Nogueira, psicólogo que se apresentou no debate “psicologia em foco” do CRP-MG (2019). É necessária, uma capacitação contínua sobre as práticas *psi* em frente aos desastres, atentas ao territórios e saberes das comunidades. Postura que reflete nas reportagens e nos textos acadêmicos sobre as ações da psicologia em Brumadinho. Apesar de uma fala voltada a uma abordagem clínica e individual, esta ainda se referia a uma ação de escuta de demandas para traçar as ações voltadas para a população atingida.

Nessas ações aqui apresentadas sobre o desastre em Brumadinho, a psicologia está inserida em discussões e práticas sobre saúde mental, focando na perspectiva psicossocial. Visualizamos um protagonismo da saúde pública, exercido não apenas pela psicologia, na rede de saúde. Não foram identificados relatos sobre as práticas alinhadas à educação e sobre as ações de gerenciamento do desastre, de propostas mitigadoras e de prevenção.

## CONCLUSÕES

Mapear as ações da psicologia de três grandes casos de desastres socioambientais envolvendo mineradoras e refletir sobre elas, é um trabalho que requer seguir diversos caminhos. A pretensão aqui não é abraçar todos eles e nem hierarquizar-los, mas sinalizar esses caminhos e abrir um diálogo, não como maneira de esgotá-lo, mas de contribuir para as práticas e para a ciência da psicologia nesses contextos.

Nota-se a importância da perspectiva psicossocial para a psicologia no contexto dos desastres, muito em decorrência da Atenção Psicossocial (RAPS), ser o espaço dentro da rede de saúde pública em que se discute especificamente o tema e ações a discutem a saúde mental, a exemplo da organização da equipe Conviver em Mariana, das falas do psicólogo Rodrigo Chaves Nogueira, que atuou desde as primeiras horas após o rompimento da barragem em Brumadinho.

Mas não basta nomear a ação como psicossocial

O preparo dos profissionais da atenção psicossocial para a atuação em desastre é sem dúvida uma temática que merece atenção. Para contemplar essa formação, não basta estipular técnicas, padronizar procedimentos e sequências a serem reproduzidas de forma descontextualizadas, como se passíveis de serem postos em práticas por qualquer profissional (independente da experiência, da linha de atuação), em qualquer ambiente, sem pensar numa articulação entre instituições, técnicos e atingidos (BENEVIDES, 2015, p.63).

A ação deve não só estar alinhada com todas/os as/os protagonistas de um desastre, mas que apoie e planeje conjuntamente com àquelas/es a quem mais interessa o serviço prestado, as/os atingidas/os. As estratégias assistencialistas voltadas para o apoio e proteção das/os atingidas/os, desqualificam sua capacidade de enfrentamento, ao estabelecer diretrizes verticalizadas, seguindo um modelo técnico-operacional, de prescrever e cumprir, barrando assim, a atuação da comunidade e articulações interdisciplinares.

Outro ponto que deve ser frisado é a participação dos conselhos da categoria nessas ações, através de uma escuta para com as/os atingidas/os pelos desastres, ou pelos encontros e cursos desenvolvidos para com as/os profissionais. Se faz importante ações multi e interprofissionais, mas a troca de saberes e práticas entre as/os psicólogas/os é fundamental para nos reconhecermos e estarmos mais alinhados para contextos como esses.

Tratando-se de atuações interprofissionais, visualizo como positiva as articulações e o envolvimento da psicologia com outras disciplinas, sempre em maior comunicação com a Assistência Social, Defesa Civil e Secretarias de Saúde. Mas deficiente em estratégias com as políticas de educação, isso não se restringe apenas ao levantamento aqui feito, na pesquisa desenvolvida “Práticas psicológicas no contexto dos desastres socioambientais urbanos em espaços educacionais” percebemos a escassez de produções e ações da psicologia nesse âmbito. Consideramos a necessidade de ações conjuntas de todos as/os profissionais implicados com a Educação, para que contribuam com a redução dos riscos de desastres, desconstruindo a concepção de que são inevitáveis e independentes da ação humana. (RIBEIRO et al, 2020b).

Chama a atenção, o fato das causadoras dos desastres também se interessarem pelo tema da saúde e apoio psicológico para com as pessoas atingidas, como a Vale em Brumadinho. Segundo a fala do psicólogo Rodrigo Chaves Nogueira, a Vale teve uma postura desqualificadora dos profissionais do território e do Sistema Único de Saúde, informando que traria outras/os profissionais de um hospital particular de São Paulo, pois eles saberiam lidar com a situação. Seria essa uma ação de se responsabilizar pelo desastre? Ou de se promoverem através de uma assistência?

Mas de qualquer maneira, se faz crucial espaços de formação e ações voltadas para atuação da psicologia em situações de desastres<sup>6</sup>, não só as causadas pelas mineradoras.

6 O CRP-03 da Bahia disponibilizou uma lista de textos sobre Psicologia das emergências e desastres. O levantamento foi realizado pela Comissão de Emergência e Desastres do CRP-RJ. Essas e outras trocas devem ser incentivadas.

Atualmente chuvas atingiram mais de 163 municípios da Bahia, causando enchentes e inundações que cobrem casas inteiras, todos eles estão com decreto de situação de emergência, segundo Superintendência de Proteção e Defesa Civil da Bahia (Sudec), mais de 815 mil pessoas são afetadas por essas chuvas, 101.256 permanecem desalojadas (G1, 2022).

A Psicologia tem se inserido nesse debate de maneira ativa, e é convocada com constância para se fazer presente, assim esse mapeamento almeja-se também dar visibilidade às ações da psicologia nos contextos de desastres socioambientais, demarcando a importância delas e os caminhos possíveis.

## REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Leonardo. **PF indicia mais uma vez Vale, TÜV SÜD e funcionários por tragédia de Brumadinho**. Folha de São Paulo. 26 nov. 2021.

BARRETO, Leticia Cardoso; ROSA, Débora Diana da; MAYORGA, Claudia. **Comunidades sujas de lama: da destruição à resignificação e a resistência em Mariana/MG**. Psicologia & Sociedade [online]. 2020, v. 32

BENEVIDES, Lucia Rios da Silva. **A Atenção Psicossocial e as intervenções geradas em contextos de desastre: a experiência de profissionais em Teresópolis**. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. 2015. Rio de Janeiro - RJ.

BRASIL. Lei nº 12.608, de 10 de abril de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil - PNPDEC**; dispõe sobre o Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil - SINPDEC e o Conselho Nacional de Proteção e Defesa Civil - CONPDEC; autoriza a criação de sistema de informações e monitoramento de desastres; altera as Leis No 12.340, de 10 de dezembro de 2010, 10.257, de 10 de julho de 2001, 6.766, de 19 de dezembro de 1979, 8.239, de 4 de outubro de 1991, e 9.394, de 20 de dezembro de 1996; e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil: seção 1, Brasília, DF, p.1, abr. 2012.

CAMPOS, Nayara Rita Cardoso et al. **O gerenciamento das áreas de risco socioambiental urbanas no campo das políticas públicas**. In: Ímpeto. Maceió, v. 10, p. 123-131, 2020.

CARVALHO, Aline Cristina de.; BORGES, Ilma. **A trajetória histórica e as possíveis práticas de intervenção do psicólogo frente às emergências e os desastres**. In: Anais Eletrônicos - Artigos. V Seminário Internacional de Defesa Civil -DEFENCIL. São Paulo - 18, 19, 20 de Novembro de 2009.

CPF, CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia presente em Brumadinho**. CFP, 11 de fev. 2019. Brasil.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos**, Resolução n.º 10/05, 2005.

---

Para a ter acesso a lista acesse: <https://crp03.org.br/chuvas-na-bahia-referencias-para-atuacao-em-psicologia-das-emergencias-e-desastres/>

CRP-MG. **Ação em Brumadinho realça a atuação plural da Psicologia.** CRP-MG, Minas Gerais, 07 de Fev. 2019.

CRP-MG. **A atuação da Psicologia nos crimes de Mariana e Brumadinho foram foco de debate no CRP-MG.** CRP-MG, Minas Gerais, 03 de Out. 2019.

G1. **Tragédia de Mariana, 5 anos:** sem julgamento ou recuperação ambiental, 5 vidas contam os impactos no período. G1, Belo Horizonte, 05 Nov. 2020.

G1. **Mais de 815 mil pessoas são afetadas pela chuva na Bahia.** G1, Bahia, 05 Jan. 2022.

GERGEN, Kenneth. **O movimento do construcionismo social na psicologia moderna.** Tradução portuguesa de Ercy José Soar Filho. Revista Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, SC, v.6, n. 1, p. 299-325, 2009.

LOPES, Reinaldo José. **Protestos ao redor do mundo marcam o primeiro fim de semana da COP26.** Super Interessante, Brasil, 06 Nov. 2021.

MOTA, Camilla Veras. **Sobreviventes de desastre de Mariana sofrem preconceito, e moradores pedem volta da Samarco.** BBC News, Marinha, 30 Out. 2017.

NOAL, Débora da Silva, RABELO, Ionara Vieira Moura e CHACHAMOVICH, Eduardo. **O impacto na saúde mental dos afetados após o rompimento da barragem da Vale.** Cadernos de Saúde Pública [online]. 2019, v. 35, n. 5.

ONU. **Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015- 2030.** A/CONF.224/L.2. Sendai, Japão. 07 Abr. 2015.

POLITIZE. **Barragem de rejeitos e os casos Mariana e Brumadinho.** Politize, Maceió, 19 Out. 2012.

PREFEITURA DE MARIANA. **Conviver ganhará sede em Mariana a partir desta segunda-feira, 2.** Prefeitura de Mariana, Mariana, 30 de ago, 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARIANA; SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE. **Atualização do Plano Municipal de Planejamento e Gerenciamento de Ações de Recuperação em Saúde após o rompimento da Barragem de Rejeito da Samarco em Bento Rodrigues, Mariana – MG.** PREFEITURA MUNICIPAL DE MARIANA e SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE, Mariana, set. 2019.

RODRIGUES, Teresa. **A Estratégia Internacional de Redução de Desastres. Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança.** Territorium 17, Coimbra, v.17. p. 223-227, 2010.

SÁ, Marcio Sensee e; WERNECK, Felipe. **Galeria: Começam as manifestações (e prisões) na COP 26.** ((o))eco. Brasil, 03 de nov. 2021.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios.** In: PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241

SPINK, P. K. **Pesquisa de campo em psicologia social**: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicol. soc.** Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 18-42, dez. 2003.

UOL. **Desastre ambiental em Brumadinho. Mundo educação** - UOL. Goiás, "s.d."

VALÊNCIO, Norma. **Da 'área de risco' ao abrigo temporário**: uma análise dos conflitos subjacentes a uma territorialidade precária. In: VALÊNCIO, N. ; SIENA, M.;

MARCHEZINI, V.; GONÇALVES, J. C. (Org.). **Sociologia dos desastres**: construção, interfaces e perspectivas no Brasil. Versão eletrônica - São Carlos : RiMa Editora, 2009. p. 34 - 47.

WANDERLEY, Luiz Jardim. **Por trás dos desastres e conflitos da mineração**. Ciência Hoje. Rio de Janeiro, 26 de Jun. 2019.

XAVIER, Náisia. Fapeal articula pesquisadores para atuar na questão do bairro do Pinheiro. Governo de Alagoas. 07 Fev. 2019.

# A SÍNDROME DE DOWN E AS HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS

*Data de aceite: 02/06/2023*

**Eduarda Faria Vieira Lopes**

Aluna do curso de Psicologia

**Rafaella Márcia Mendes de Oliveira**

Aluna do curso de Psicologia

**Mônica Freitas Ferreira Novaes**

Professora orientadora do curso de  
Psicologia

**RESUMO:** Os indivíduos desenvolvem habilidades socioemocionais que possibilitam um contato mais assertivo com elas mesmas, com o outro e com o mundo. O desenvolvimento dessas habilidades depende de aspectos biológicos, psíquicos e sociais, pois estes influenciam na maneira como as pessoas recebem, compreendem e respondem às emoções e às relações. As pessoas com síndrome de Down possuem algumas limitações biopsicossociais decorrentes de sua alteração genética, e este trabalho buscou analisar a interferência cognitiva na expressão emocional e social desse recorte da população. Foram abordados aspectos como a importância das habilidades socioemocionais para a socialização, o perfil cognitivo e de desenvolvimento das pessoas com a

síndrome. A revisão integrativa foi utilizada como método para a elaboração da pesquisa. Foram encontrados 19 artigos que, indiretamente, se relacionam ao tema, e 6 deles foram selecionados para a análise, pois apresentaram pesquisas sobre a atuação das pessoas com síndrome de Down em sociedade, o molde das relações que são estabelecidas por elas, sobretudo das respostas possíveis às contingências, à vista das consequências da característica genética. Não foi encontrado nenhum material que relacionasse propriamente a síndrome de Down com as habilidades socioemocionais. Como resultado, não houve uma interferência restrita à cognição no desenvolver das habilidades socioemocionais com as pessoas Downs, e sim um conjunto de fatores que implicam concomitantemente para o desenvolvimento destas. Com isso, conclui-se que a socialização tem um papel muito importante, possibilitando a captação de estímulos para a aprendizagem de comportamentos valorosos para se viver em sociedade. Ademais, a escola e a família são redes de apoio essenciais para o desenvolvimento social, cognitivo e emocional das pessoas com síndrome de Down. Sendo assim, o caminho para o desenvolvimento das

habilidades socioemocionais das pessoas com síndrome de Down, se comparadas às pessoas com desenvolvimento típico, é semelhante.

**PALAVRAS-CHAVE:** Síndrome de Down; Habilidades Socioemocionais; Desenvolvimento biopsicossocial.

## DOWN SYNDROME AND SOCIO-EMOTIONAL ABILITIES

**ABSTRACT:** Individuals develop social-emotional skills that enable a more assertive contact with themselves, with others and with the world. The development of these skills depends on biological, psychological and social aspects, as these influence the way people receive, understand and respond to emotions and relationships. People with Down syndrome have some biopsychosocial limitations resulting from their genetic alteration, and this study sought to analyze the cognitive interference in the emotional and social expression of this population section. Aspects such as the importance of socio-emotional skills for socialization, the cognitive and developmental profile of people with the syndrome were addressed. The integrative review was used as a method for developing the research. Nineteen articles were found that indirectly relate to the theme, and 6 of them were selected for analysis, as they presented research on the role of people with Down syndrome in society, the mold of the relationships that are established by them, especially the responses possible to contingencies, in view of the consequences of the genetic characteristic. No material was found that properly related Down syndrome with social-emotional skills. As a result, there was no interference restricted to cognition in the development of socio-emotional skills with Down people, but a set of factors that concurrently affect their development. With that, it is concluded that socialization has a very important role, enabling the capture of stimuli for the learning of valuable behaviors for living in society. Furthermore, school and family are essential support networks for the social, cognitive and emotional development of people with Down syndrome. Thus, the path for the development of socio-emotional skills of people with Down syndrome, compared to people with typical development, is similar.

**KEYWORDS:** Down's syndrome; socio-emotional skills; Biopsychosocial development.

## 1 | INTRODUÇÃO

“Pois deixe que a convivência faça falar o coração” (Machado de Assis, 2018, p.27). Conviver com uma pessoa com síndrome de Down é um motivo de inspiração para pesquisar sobre elas. Conviver, além do seu significado denotativo, é também identificar diferenças, semelhanças, problemas a serem desvendados, necessidades de pesquisa; é ser curioso e querer elaborar; é ter a possibilidade de refletir, a partir da disseminação do conhecimento, e contribuir com a sociedade, sobretudo, com as pessoas que vivenciam essa realidade. Este trabalho foi inspirado, em primeiro lugar, na experiência da convivência com uma pessoa Down.

Segundo o Ministério da Saúde (2019), a cada 700 pessoas, 1 nasce com a alteração genética no cromossomo 21, sendo a causa da síndrome de Down. É um número significativo da população que apresenta um padrão de alterações cognitivas,

comportamentais, sociais e afetivas que são característicos da síndrome (Freire, Duarte e Hazin, 2012), o que pode influenciar no seu modo de desenvolver suas habilidades emocionais e sociais. A compreensão da correlação entre as consequências da alteração genética e o desenvolvimento das habilidades socioemocionais aponta estratégias que facilitam a inclusão dessas pessoas, de uma maneira mais verdadeira, nos mais diversos espaços da sociedade.

Bolsoni-Silva (2002) pressupõe que as habilidades socioemocionais são adquiridas pelo sujeito a partir das interações interpessoais e afetivas, conforme a percepção e o sentido de cada um para as situações e comportamentos. A modificação dessas habilidades, segundo Lopez (2008), se dá a partir da interação com o meio social, podendo ser fenômeno de estudo, para uma melhor funcionalidade do sujeito. Por essa ótica, o que (um indivíduo) faz não pode ser simplesmente originado pela sua constituição genética, tomada, a priori, sem considerar sua história pessoal e o seu cenário de vida atual” (ANGÉLICO e PRETTE, 2011). Dessa perspectiva teórica surge um problema de pesquisa: as limitações cognitivas das pessoas que possuem síndrome de Down interferem no desenvolvimento das suas habilidades socioemocionais?

Como principal objetivo será analisada a correlação da cognição dos Downs com o desenvolvimento das suas habilidades socioemocionais. Em segundo plano, é analisada a importância das habilidades sociais e cognitivas para as habilidades socioemocionais, e, sobretudo, destas para a socialização, além de pesquisar de maneira integrativa estudos que falam sobre as habilidades socioemocionais das pessoas com síndrome de Down.

Verifica-se que, ao buscar sobre o tema das habilidades socioemocionais, especificamente com esse recorte da população, as pessoas Downs, nos indexadores Scielo e Pepsic, não são identificadas pesquisas que trabalham esses assuntos juntos. Realizar o trabalho com o fenômeno ‘habilidades socioemocionais’ e com o objeto ‘pessoas com síndrome de Down’ é contribuir com a ciência, possibilitando que as instituições de ensino, em especial aos cursos de psicologia, da sociologia e da educação, para que possam dialogar sobre o tema.

## 2 | DESENVOLVIMENTO

### **As habilidades socioemocionais como fator fundamental para o ser social e as características da síndrome de Down em detrimento da cognição e do emocional.**

Habilidades socioemocionais, ao destrinchar-se: 1- habilidade e 2- socioemocionais. A primeira, do Latim *Habilitas*.*Atis.*, substantivo feminino, diz de capacidade, particularidade e característica daquele que é hábil em algo. É “Conjunto de qualificações para o exercício de uma atividade ou cargo; suficiência” (MICHAELIS E MICHAELIS, 2015). A segunda, diz do ato de socializar e de aspectos individuais sobre as emoções. Considerando que ‘habilidade’ não se é só, habilidade é sempre de algo, elucida-se então, as habilidades do

tipo socioemocionais, e, segundo Reis (2020), elas

são habilidades que os indivíduos possuem que possibilitam o manejo das suas próprias emoções, o autoconhecimento, o autocontrole e o estabelecimento de relações sociais saudáveis, de modo que seja possível entender a si e as demais pessoas. Consequentemente, envolvem também questões comportamentais, uma vez que estas estão ligadas diretamente com os aspectos emocionais e com a forma de relacionar com o social.

“O uso do termo socioemocional associado às habilidades se refere àquelas que se formam através do desenvolvimento das relações interpessoais e afetivas, aliada a forma como a pessoa percebe, sente e nomeia a associação entre situações e comportamentos” (CABALLO, 2014 apud MARIN ET AL, 2017).

Partindo dessa ótica, as habilidades socioemocionais são habilidades interpessoais e intrapessoais que se relacionam; é a capacidade individual de agir e de estabelecer emoções funcionais, de acordo com as situações postas a elas e com as características cognitivas individuais, além de se colocar no lugar do outro e compreendê-las.

Segundo Damásio (2017), as habilidades socioemocionais têm um significado diferente das habilidades sociais, pois a primeira engloba, além de aspectos das relações interpessoais, aspectos próprios do indivíduo, associados à cognição, à emoção e aos comportamentos. Marin et al (2017) diz que as habilidades sociais são ações como: expressar sentimentos, atitudes, desejos, opiniões e direitos de forma adequada a situação, solucionar problemas imediatos e minimizar a probabilidade de futuros problemas. Logo, é possível afirmar que as habilidades socioemocionais dependem da interação social, uma vez que é através desta que desenvolvemos as habilidades sociais e temos a possibilidade de praticar maneiras assertivas de expressar nossas emoções e entender as dos outros. Angélico e Del Prette (2011), considera que o indivíduo isolado, que ignora ou é ignorado dos ambientes sociais será incapaz de adquirir um repertório comportamental que permita classificá-lo, ou seja, aquele que vive em um ambiente não-social está fadado a não desenvolver suas potencialidades e habilidades.

Reis (2020) completa o exposto anteriormente quando afirma que

Crianças que possuem repertórios elaborados de habilidades sociais, têm relações harmoniosas tanto com colegas quanto com adultos, têm maior capacidade para lidar com adversidades, conseguem manejar o estresse, possuem maior senso de humor, empatia, facilidade para comunicar e resolver problemas. Apresentam ainda maior autonomia e seus comportamentos visam alcançar metas estabelecidas previamente.

Portanto, as crianças que desenvolvem suas habilidades sociais têm mais chances de desenvolverem suas habilidades socioemocionais.

Para mais, faz-se importante complementar sobre a relação entre as habilidades cognitivas e as habilidades socioemocionais. Para Nakano, Moraes e Oliveira (2019), verificou-se uma dependência entre essas habilidades, classificadas por eles como

competências do século XXI, considerando o desenvolvimento integral do indivíduo. Para estes autores, dentre os desafios da atualidade, estão o desenvolvimento de conhecimentos aprendidos pelos ensinamentos acadêmicos (habilidades cognitivas), mas também habilidades de comunicação, resolução de problemas, colaboração e motivação, pontos que participam da configuração das habilidades socioemocionais.

Segundo Lee & Shute apud Nakano, De Moraes e De Oliveira (2019), os cinco grandes fatores de personalidade, Big Five, são importantes para mensurar aspectos das habilidades socioemocionais, pois incluem:

a) variáveis tais como atitude, valores, interesse e curiosidade; (b) variáveis de personalidade ou temperamento, como consciência e extroversão; (c) variáveis de relações sociais, incluindo a liderança, sensibilidade social e a capacidade de trabalhar com outras pessoas; (d) alto-construtos como a autoeficácia e identidade pessoal; (e) os hábitos de trabalho, como o esforço, disciplina, persistência e gestão do tempo; e (f) emoções em relação a uma tarefa específica, como o entusiasmo e ansiedade.

Estes aspectos gerais da personalidade estão ligados, intrinsecamente, às habilidades socioemocionais, e de todos os modelos de personalidade estudados pela psicologia, o dos Cinco Grandes Fatores – Big Five – é o que parece ter mais capacidade de abarcar fatores socioemocionais (SERPA, 2017, P.24).

Sendo assim, Lucisano et al (2011) reafirma a importância de crianças com síndrome de Down estarem inseridas nas redes de socialização, como escola, facilitando a aquisição de habilidades sociais e desempenho de comportamentos necessários na vida em sociedade. Entretanto, é importante ressaltar que socializar é um fator essencial para o desenvolvimento das habilidades não só das pessoas com alguma deficiência, mas para as pessoas de desenvolvimento típico também, e, agregando, todas as teorias de desenvolvimento referem-se à socialização ressaltando a importância das interações e relações sociais enquanto fatores de saúde mental e de desenvolvimento (ANGÉLICO, 2004 apud LUCISANO et al, 2011). E, também, para diversos modelos teóricos, as principais responsáveis pelo desenvolvimento socioemocional na infância são as interações com os primeiros cuidadores familiares (PETRUCCI, BORSA, KOLLER, 2016), e depois, a escola.

Abed (2016) expõe, a partir de evidências científicas de autores como Piaget, Vygotsky e Wallon, a importância da estimulação pelas instituições educacionais das habilidades socioemocionais. Ela aponta ainda o contexto histórico, com enfoque na educação, as transformações pelas quais a sociedade vivenciou nas últimas décadas, sobretudo o caráter imediatista ao qual as crianças estão sendo inseridas, o que influencia na construção das habilidades socioemocionais. Os múltiplos aspectos da escola podem influenciar direta ou indiretamente o desenvolvimento socioemocional dos alunos (PETRUCCI, BORSA, KOLLER, 2016), e é importante que as instituições de ensino acompanhem as modificações, pois, o processo de aprendizagem leva em consideração a cognição como fator fundamental, entretanto, os aspectos emocionais e sociais também

precisam ser considerados; trata-se de um conjunto de fatores importantes para o desenvolvimento (ABED, 2016).

A partir do que foi exposto anteriormente, foi notada a relevância e importância das habilidades socioemocionais (HSE). De acordo com Damasio (2017), os estudos acerca das habilidades socioemocionais compreenderam que este tema engloba uma construção multidimensional do indivíduo, a qual inclui variáveis cognitivas, como a empatia, emocionais, como o autoconhecimento e o autocontrole, e comportamentais, como a perseverança, as decisões responsáveis e os comportamentos pró-sociais, que dão suporte para um desenvolvimento saudável ao longo da vida, e que, além disso, essas variáveis “podem ser desenvolvidas e aprendidas”.

Partindo deste ponto de vista das potencialidades de desenvolvimento das HSE, de acordo com Damásio et al (2017)

há, atualmente, uma ampla concordância entre pesquisadores, educadores e profissionais voltados a políticas públicas de que o sistema educacional de ensino deve focar não só no desenvolvimento cognitivo, mas também no desenvolvimento das competências sociais e emocionais de crianças e adolescentes, preparando os estudantes para a vida.

Considera-se na análise de Abed (2016) que autores da psicologia contribuíram para a reflexão da conexão entre os processos de ensino, aprendizagem e desenvolvimento humano, e foram apresentados aspectos que integrem as habilidades cognitivas com as socioemocionais. Piaget, por exemplo, colaborou para ser analisada a relação da cognição implicando na estruturação do currículo escolar; Donald Winnicott, da psicanálise, contribuiu acerca da relação dos pais para os aspectos emocionais; Lev Vygotsky sobre a influência da cultura e interações sociais, Henri Wallon pelas instâncias biológicas, psíquicas e sociais, entre outros.

Segundo Ferreira et al (2009), expressões cognitivas compreendem argumentos lógicos, aspectos socioemocionais e comunicação gráfica (...) e determinantes genéticos e ambientais influenciam o desenvolvimento biopsicossocial. Correlacionando ao problema de pesquisa e ao objeto de estudo, os autores sinalizam para a necessidade e a relevância de apontar as diferenças do desenvolvimento humano, cognitivo e social de uma pessoa com síndrome de Down para uma que têm um desenvolvimento típico, já que elas apresentam fenótipos neuropsicológicos diferentes, que podem influenciar no desenvolvimento das suas habilidades socioemocionais.

A alteração cromossômica no par XXI é o fator biológico que caracteriza a síndrome de Down. O fenótipo neuropsicológico da síndrome de Down, que seria “um perfil de desenvolvimento específico para essa população” (SILVERMAN, 2007 apud FREIRE et al, 2012), apresenta um padrão de mudanças cognitivas, comportamentais, sociais e afetivas. Entretanto, é relevante pontuar que essas características que são mais comuns entre esse recorte da população, não prevê e não delimita um desenvolvimento e nem consequências

para aqueles que têm a síndrome (FREIRE, 2012), já que o desenvolvimento integral de um indivíduo depende de outros fatores, sócio-histórico-cultural.

Para Silva, Kleinhans (2006) apud Lucisano (2011), “constatar a trissomia não tem valor prognóstico, uma vez que há consenso da comunidade científica sobre a não existência de graus da síndrome de Down”. Para eles, os fatores que têm peso no desenvolvimento são as características individuais, ou seja, a herança genética, o ambiente, a estimulação, etc.

Segundo Freire, Duarte e Hazin (2012), das características que diferenciam a síndrome de Down estão elementos a nível intelectual, de linguagem, de memória, de atenção, das funções executivas e das suas relações socioafetivas.

As autoras detalharam ainda mais. Para elas, a característica mais marcante das pessoas com a síndrome de Down é a deficiência intelectual. Porém, elas vão dizer que os QI's são avaliados erroneamente, pois são comparados com o desenvolvimento de pessoas com desenvolvimento típico, e afirmam que o desenvolvimento dos Downs é mais lento.

Outro ponto que merece destaque (...) diz respeito ao efeito da estimulação precoce sobre o desenvolvimento de crianças com síndrome de Down, implicando um aumento de seus QI's (...), o que faz com que elas sejam mais facilmente integradas na escola, sobretudo na regular (FREIRE, DUARTE E HAZIN, 2012)

As pessoas com síndrome de Down apresentam uma defasagem significativa na linguagem (FREIRE et al, 2012), o que dificulta a comunicação, e isso vai influenciar direta ou indiretamente no desenvolvimento das habilidades socioemocionais, pois isso pode acarretar “uma sociabilidade pouco satisfatória, o que justifica as diferenças encontradas entre o desenvolvimento dos grupos avaliados (síndrome de Down e desenvolvimento típico), nas habilidades de função social” (FERREIRA et al, 2009). Entretanto, “nas crianças com síndrome de Down, os gestos teriam uma função social importante” (FREIRE et al, 2012), possibilitando o contato com o outro, que é essencial, no caso deles, para o desenvolvimento das competências socioemocionais.

Estudos apontam que as crianças com síndrome de Down apresentam menor desempenho em tarefas de memória explícita do que as crianças com desenvolvimento típico. “Esse tipo de memória lida com a aprendizagem consciente e intencional e requer codificação de informação, estratégias de recuperação e elevado grau de atenção” (FREIRE et al, 2012). Em contrapartida, em relação à memória implícita, as crianças com síndrome de Down apresentam um desempenho considerado normal (CONTESTABILE, BENFENATI E GASPARINE, 2010 APUD FREIRE et al, 2012), a qual é usada nas tarefas que requerem menos atenção.

Para os déficits no aspecto verbal, que se referem à memória operacional na síndrome de Down,

Alguns pesquisadores vêm propondo que o baixo desempenho de crianças com síndrome de Down reflete as dificuldades generalizadas que essas

crianças têm em tarefas que requerem um processamento verbal, sendo resultado de suas capacidades linguísticas diminuídas. (FREIRE et al. 2012)

Freire, Duarte e Hazin (2012), afirmam que as pessoas com síndrome de Down apresentam maior desempenho na atenção sustentada, em que as tarefas utilizam do visual, o que para elas facilita a aprendizagem. O déficit de atenção que é observado em crianças com síndrome de Down implica de forma negativa no desenvolvimento das pessoas sindrômicas, uma vez que dificulta algumas atividades como a iniciação, a organização e a persistência, necessárias para a aprendizagem (MACÊDO et al 2009).

As funções executivas e os aspectos comportamentais e socioafetivos não são mais importantes que os outros já citados, mas os destaque e elucidado as suas relações para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais.

As habilidades executivas são fundamentais ao direcionamento e regulação de várias habilidades intelectuais, emocionais e sociais. (DIAS, MENEZES E SEABRA, 2010 apud FREIRE et al 2012). Para Freire, Duarte e Hazin (2012), às crianças com síndrome de Down têm um padrão de funcionamento social adequado, apesar das dificuldades na comunicação. No seu texto, as autoras dizem que, por vezes, elas se mostram empáticas, que enviam mais sinais emocionais positivos do que outras crianças, além de apresentarem uma personalidade positiva. Ao mesmo tempo, pontuam que há outra ótica: as crianças com síndrome de Down apresentam inconsistência em suas orientações motivacionais; na maioria das vezes, se apresentam menos persistentes e mais distraídas ao exercer algumas atividades.

São reais as diferenças neuropsicológicas das pessoas com síndrome de Down e as que não são Downs. Identificar as características individuais é fundamental para o seu desenvolvimento, seja ele humano, social ou emocional; para lidar com ele mesmo, com o outro ou com o mundo. Portanto, é possível perceber que, se estudos apontam os aspectos cognitivos enquanto essenciais para o desenvolvimento das Habilidades Socioemocionais, a defasagem, em algum grau, pode comprometer e trazer diferenças nas suas manifestações sociais e/ou emocionais. Pontuar as deficiências ou as competências de cada um, só é um método positivo, quando usado para dar sentido a uma vida mais saudável e desenvolvida.

O desenvolvimento de uma criança com alguma deficiência caracteriza-se como um caminho alternativo, a ser percorrido com criatividade, disposição para mudanças, e reorganização (FREIRE, DUARTE E HAZIN, 2012), e assim destaca-se a formação de professores e colaboradores capazes de identificar, lidar, e fazer com isso.

Nesse sentido, a estimulação ganha a cena. Muitos estudos apontam a falta de estímulo um dos fatores mais limitantes do desenvolvimento. Podemos colocar a escola e a família como as redes principais de promoção de estímulos, já que funcionam como os primeiros, e senão os mais importantes núcleos de apoio e socialização.

Todas as teorias de desenvolvimento referem-se à socialização ressaltando a

importância das interações e relações sociais enquanto fatores de saúde mental e de desenvolvimento (ANGÉLICO, 2004 apud LUCISANO et al, 2011).

Para Petrucci, Borsa e Koller (2011), a forma como os pais respondem às necessidades dos filhos, fazendo referência às ações de proteção, a sensibilidade parental atua no funcionamento socioemocional das crianças, bem como na relação entre o clima familiar, nas características comportamentais da infância e até mesmo no modo de comunicação estabelecida com a criança, que estão ligados à adaptação psicológica, podendo resultar nas diferenças da formação da autoestima e da autoeficácia.

Ademais, entende-se que “o processo de crescimento e desenvolvimento ocorre com a associação dos determinantes genéticos e dos fatores do ambiente” (FERREIRA et al, 2009), logo, é dever da ciência em parceria com a comunidade vencer os desafios de inclusão através do desenvolvimento humano, social e emocional.

As postulações disponibilizadas permitem assegurar que foi apresentado aspectos teóricos sobre as características do desenvolvimento das pessoas Downs, considerando esses contrastes fundamentais para se tornar habilidoso social e emocionalmente. Objetiva-se apresentar, de maneira integrativa, estudos relacionados ao tema das habilidades socioemocionais das pessoas com síndrome de Down, e busca-se concluir se as pessoas downs percorrem um caminho diferente para adquirir essas habilidades, levando em conta as adversidades da trissomia XXI.

## **Metodologia**

O presente artigo, a partir da necessidade da utilização de estudos experimentais para a sua estruturação e análise sobre o tema das habilidades socioemocionais das pessoas com síndrome de Down, utiliza-se de uma revisão integrativa da literatura científica. O trabalho desenvolve um estudo através de pesquisas bibliográficas relacionadas aos temas anteriormente mencionados, na busca de correlacionar as limitações cognitivas advindas da trissomia 21 e o desenvolvimento das habilidades relativas a um manejo saudável das emoções a partir da socialização.

A partir disso, foram decididos os critérios de estabelecer o tema e destrinchar os conceitos relacionados, critérios de inclusão e exclusão, avaliação dos artigos encontrados e sintetização dos conhecimentos.

Foi feita uma busca por artigos na literatura nas plataformas Scielo, Pepsic, além de revistas eletrônicas da Psicologia, da medicina e da pedagogia, fontes estas que englobam uma quantidade considerável de artigos relacionados ao tema. Utiliza-se como palavras chaves para a pesquisa: “síndrome de Down”, “habilidades socioemocionais”, “habilidades sociais”, “competência socioemocional”, “síndrome de Down e habilidades”, “síndrome de Down e habilidades sociais”, “síndrome de Down e habilidades emocionais”, “síndrome de Down e comportamentos”, “síndrome de Down e cognição” e “síndrome de Down e desenvolvimento”. Foram selecionados 19 artigos relacionados ao tema para a construção do artigo, porém apenas

6 deles foram utilizados para análise, os quais são da língua portuguesa e foram publicados entre os anos de 2011 a 2021, período em que considera-se as informações mais atuais.

Dos estudos encontrados, tem-se como critério de inclusão para análise aqueles que trataram, além da ótica biológica, direta ou indiretamente, das habilidades socioemocionais sobre um critério explicativo e introduzem aspectos de formação e influência no indivíduo. Além disso, foram incluídos artigos que abordam a cognição relacionada a aspectos comportamentais, levando em consideração a influência da síndrome de Down nesta característica humana. Foram excluídos artigos que não contemplavam a síndrome de Down ou que não teriam relação alguma com a interação biopsicossocial deste recorte da população, os que tratavam de pesquisas sobre famílias, desenvolvimentos físicos e experimentos ou assuntos que envolvem pontos fisiológicos. Não foram encontrados artigos que relacionassem, diretamente, os temas “síndrome de Down” e “habilidades socioemocionais”.

As buscas dos artigos resultaram, em termos quantitativos, nas seguintes relações: SciELO (n=7), PePSIC (n=11) e 1 monografia de conclusão de curso, totalizando 19 registros. Fizeram parte da constituição da análise, a partir das bases indexadoras, SciELO (n=4), PePSCI (n=2). O quadro abaixo demonstra os artigos selecionados:

<b>ARTIGOS UTILIZADOS PARA ANÁLISE</b>				
<b>PROCEDÊNCIA</b>	<b>TÍTULO DO ARTIGO</b>	<b>AUTORES</b>	<b>PERIÓDICO</b>	<b>CONSIDERAÇÕES/TEMÁTICAS</b>
SCIELO	PERFIL DE HABILIDADES COGNITIVAS NÃO-VERBAIS NA SÍNDROME DE DOWN	TATIANA PONTRELLI MECCA, CINDY PEREIRA DE ALMEIDA BARROS MORAIS, PATRICIA BOTELHO DA SILVA E ELIZEU COUTINHO DE MACEDO.	Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 21, n. 2, p. 213-228, Abr.-Jun., 2015	AS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN TÊM DESEMPENHO INFERIOR EM PROCESSAMENTO VISUAL E INTELIGÊNCIA FLUIDA, COMPARADAS A CRIANÇAS DA MESMA FAIXA ETÁRIA. OBSERVOU UMA MAIOR DIFICULDADE EM ATIVIDADES DE DISCRIMINAÇÃO, EXPLORAÇÃO E ESTRATÉGIAS ADEQUADAS DE BUSCA VISUAL DO QUE EM TAREFAS QUE DEMANDAM RACIOCÍNIO SEQUENCIAL (MECCA et al, 2015)
SCIELO	INTERAÇÕES SOCIAIS DE CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES COM SÍNDROME DE DOWN DURANTE ATIVIDADES EXTRACURRICULARES	RENATA VALDÍVIA LUCISANO, LUZIA IARA PFEIFER, MARIA PAULA PENUNCIANO PINTO, JAIR LÍCIO FERREIRA SANTOS, PATRÍCIA PÁFARO GOMES ANHÃO.	Rev Bras Enferm, Brasília 2013 jan-fev; 66(1): 116-22.	O DESENVOLVIMENTO DA INTERAÇÃO DAS CRIANÇAS DOWN É SEMELHANTE DE SEUS PARES; AS DIFERENÇAS ESTÃO NO RITMO E NA FORMA COMO ELAS SUSTENTAM ESSA RELAÇÃO. O ESTUDO AFIRMA A IMPORTÂNCIA DAS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN ESTAREM INSERIDAS NA REDE REGULAR DE ENSINO PARA FACILITAR A AQUISIÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS E O DESEMPENHO DE COMPORTAMENTOS NECESSÁRIOS NA VIDA EM SOCIEDADE.

SCIELO	HABILIDADES COMUNICATIVAS E LEXICAIS DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN: REFLEXÕES PARA INCLUSÃO ESCOLAR	DIONÍSIA APARECIDA CUISN LAMÔNICA E AMANDA TRAGUETA FERREIRA-VASQUES	Rev. CEFAC. 2015 Set-Out; 17(5):1475-1482com	O DESEMPENHO COMUNICATIVO E LEXICAL EXPRESSIVO DE CRIANÇAS COM SD É INFERIOR QUANDO COMPARADO COM CRIANÇAS DE NEURODESENVOLVIMENTO TÍPICO, PORÉM A ESCOLA TEM IMPORTANTE PAPEL EM PROPORCIONAR ESTÍMULOS QUE POSSIBILITEM A APRENDIZAGEM DESSAS CRIANÇAS.
SCIELO	AVALIAÇÃO DO REPERTÓRIO DE HABILIDADES SOCIAIS DE ADOLESCENTES COM SÍNDROME DE DOWN	ANTÔNIO PAULO ANGÉLICO E ALMIR DEL PRETTE	Psicologia: Reflexão e Crítica, 24 (2) Porto Alegre 2011	ENCONTROU-SE UMA VARIABILIDADE DO REPERTÓRIO DAS HABILIDADES SOCIAIS DOS INDIVÍDUOS DA PESQUISA, O QUE INDICA QUE A CONTINGÊNCIA (COMO, COM QUEM E O MOMENTO) EM QUE A RELAÇÃO OCORRE INFLUÊNCIA NO COMPORTAMENTO DO INDIVÍDUO. IDENTIFICOU TAMBÉM QUE QUANTO MAIS COMPORTAMENTOS PRÓ-ATIVOS (QUE TEM OBJETIVO DE BENEFICIAR O OUTRO), MAIOR SERÁ A FREQUÊNCIA DOS COMPORTAMENTOS DE ENFRENTAMENTO.OS ADOLESCENTES DEMONSTRARAM UM DEFICIT DE RESPOSTAS ASSERTIVAS DE ENFRENTAMENTO, O QUE APONTA PARA A IMPORTÂNCIA DE INTERVENÇÃO EDUCACIONAL.
PEPSIC	APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MÃES E PROFESSORAS	WELLEM DOS SANTOS PACHECO E MARINALVA SILVA OLIVEIRA	Ciências & Cognição 2011; Vol 16 (3): 002-014	DEMONSTRA O QUANTO O PENSAMENTO CONSERVADOR DE ALGUMAS MÃES E PROFESSORAS DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN CONTRIBUI PARA O NÃO DESENVOLVIMENTO DESSAS CRIANÇAS, IMPEDINDO-AS DE SE RELACIONAREM COM O MUNDO ENQUANTO SERES ATIVOS, INTERATIVOS E COM POTENCIALIDADES.
PEPSIC	ADULTOS COM SÍNDROME DE DOWN POR ELES MESMOS: RELATOS DE SUAS VIVÊNCIAS	JAQUELINE FERREIRA CONDÉ DE MELO ANDRADE E NARA LIANA PEREIRA SILVA	Psicol. Pesqui. I Juiz de Fora 12(2) 11-9 Maio-Agosto de 2018	É PRECISO PROPICIAR O DESENVOLVIMENTO DA PESSOA COM SÍNDROME DE DOWN, POR EXEMPLO, COM DIVERSIDADE DE ATIVIDADES EM SEU DIA A DIA E PELOS RELACIONAMENTOS SOCIAIS ATIVOS.

Por fim, é apresentado, a partir de um artigo científico, toda a revisão integrativa feita, seguindo os critérios mencionados, os dados coletados serão estruturados e o trabalho buscou alcançar os objetivos estabelecidos, o que possibilitou responder ao problema de

pesquisa se ter síndrome de Down é ou não fator determinante no desenvolvimento das habilidades socioemocionais, possibilitando que as instituições de ensino, em especial aos cursos de psicologia, da sociologia e da educação, possam dialogar sobre o tema.

## **Análise**

As pesquisas a seguir apontam a importância do desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais em razão das habilidades socioemocionais para uma melhor relação com nós mesmos, com os outros e com o mundo.

A pesquisa de Mecca (2015) procurou verificar qual o desempenho da inteligência de crianças com síndrome de Down comparadas às crianças com desenvolvimento típico. O estudo iniciou com 39 crianças com Síndrome de Down, 20 meninas e 19 meninos. Depois dos critérios de exclusão (condições neurológicas associadas), a amostra final foi de 30 crianças, sendo 18 meninas e 12 meninos, com idades de três a oito anos. Algumas crianças são alunas de escolas regulares e outras de escolas especializadas. O grupo controle não tinha diagnóstico ou queixa de atraso no desenvolvimento ou aprendizagem. As variáveis utilizadas são idade em meses, sexo e tipo de escola, pública ou particular, levando em conta a análise de cada subteste do Leiter-R: Figura-Fundo, Formas Completas, Sequências e Padrões Repetidos (MECCA et al, 2015). Na pesquisa, em relação ao processamento visual e a inteligência fluida, as crianças com Síndrome de Down apresentaram um desenvolvimento inferior quando comparadas às de desenvolvimento típico, sendo da mesma idade. Além disso, as atividades que precisam discriminar, explorar e fazer uso de uma busca visual são mais difíceis do que em tarefas que precisam de raciocínio sequencial, para as crianças com Síndrome de Down. O resultado da pesquisa demonstra uma deficiência cognitiva que pode dificultar o estabelecimento de relações no mundo.

O estudo de Lucisano et al (2011) vai demonstrar aspectos das habilidades sociais das crianças Downs em um ambiente inclusivo. Participaram da pesquisa seis crianças com idade entre 5 e 6 anos, que estavam matriculadas em escolas municipais regulares da educação infantil e na APAE. Elas foram observadas e filmadas durante as suas atividades extracurriculares, e os comportamentos encontrados foram registrados de acordo com as categorias Habilidades Interpessoais e Habilidades de Autoexpressão. Percebeu-se com o estudo que a interação social das crianças com Síndrome de Down é semelhante entre seus pares, diferenciando apenas no ritmo e em como elas buscam e mantêm esta relação. Quando as crianças com SD passam a conviver com as de desenvolvimento típico, há maiores chances de todas elas responderem socialmente de forma mais desenvolvida e madura. Em relação aos comportamentos interpessoais encontrados, o estudo demonstra a importância do meio escolar como um facilitador para o desenvolvimento das habilidades para se conviver em sociedade.

Lamônica e Ferreira-Vasques (2015) fizeram um estudo para identificar as

habilidades comunicativas e lexicais de crianças com Síndrome de Down, relacionando com a interação social, sobretudo com a inclusão escolar. O estudo observacional aconteceu com 20 crianças, 10 com a síndrome de Down e 10 sem, de 36 a 62 meses de idade. Elas foram avaliadas por meio de Observação do Comportamento Comunicativo (OCC) e houve a aplicação do teste de linguagem infantil ABFW. O estudo identificou o quanto o desenvolvimento comunicativo é importante para o autocuidado e para a socialização, que são aspectos importantes para as habilidades socioemocionais. Além disso, apresentou como resultado da pesquisa que a comunicação lexical expressiva das crianças com Síndrome de Down é inferior à das crianças com desenvolvimento típico, ao exercerem atividades como: produção de palavras e frases, narrativa, tempo de atenção e nomeação de figuras. Apesar das crianças com Síndrome apresentarem habilidades na comunicação não-verbal, o estudo elucidou a importância da escola na estimulação das crianças Downs.

Sobre o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, no que se refere à capacidade cognitiva e da relação com os comportamentos sociais habilidosos, um estudo de 2011 investigou, através da observação direta de um grupo de 10 adolescentes com síndrome de Down, entre 12 e 17 anos, os seus repertórios de habilidades sociais. Durante sete sessões, os jovens foram filmados e houve um protocolo para o registro de cada uma delas. Os autores do estudo, Angélico e Prette, apresentaram como resultado que os sujeitos demonstraram ter algumas habilidades sociais em comum. São elas: iniciar contato e conversação, estabelecer contato visual, fazer perguntas, responder perguntas, concordar (ação verbal), acatar ordens, prestar atenção e sorrir para o outro. Além disso, há uma variabilidade do repertório das habilidades sociais dos indivíduos da pesquisa, o que indica que a contingência - como, com quem e o momento - em que a relação ocorre influencia no comportamento do indivíduo. Identificou também que quanto mais comportamentos proativos (que tem objetivo de beneficiar o outro), maior será a frequência dos comportamentos de enfrentamento. Os adolescentes demonstraram um déficit de respostas assertivas de enfrentamento, o que aponta para a importância de intervenção educacional. Em suma, o estudo aponta que, apesar de os indivíduos terem algum fator genético significativo e possivelmente determinante para a vida em sociedade, são os sistemas de aprendizagens, como família, escola, grupos de amigos, que contribuirão à formação e à maneira do indivíduo de se comportar.

No estudo de Andrade e Silva (2018) foram feitas 10 entrevistas, com 5 mães e 5 professoras de crianças com Síndrome de Down. Elas foram selecionadas pois seus filhos e alunos estavam matriculados e frequentando o ensino regular de escolas municipais. A entrevista tinha um roteiro semiestruturado para identificar a opinião delas quanto à aprendizagem e desenvolvimento das crianças com síndrome de Down, e, para uma melhor análise, as perguntas foram categorizadas em representação social sobre a síndrome de Down, representação social sobre aprendizagem, representação social sobre a inserção de alunos com síndrome de Down em classe de ensino regular e, por último, mas não

menos importante, em expectativa em relação ao processo de escolarização. O estudo demonstrou que as representações sociais dessas mães e professoras se sustentam em um conservadorismo de que somente a deficiência orgânica é responsável pelas dificuldades de aprendizagem e desenvolvimento das crianças Downs, e assim, elas não acreditam no potencial de seus filhos e alunos para desenvolverem uma autonomia intelectual, afetiva e emocional, dificultando o desenvolvimento deles.

A pesquisa de Andrade e Silva, de 2018, teve como objetivo descrever algumas características de 12 adultos com síndrome de Down (um do sexo masculino e onze do sexo feminino), relacionando à aspectos individuais de cada um deles, como à rotina, preferências, amizades e relacionamentos sociais. Eles tinham idades entre 18 e 34 anos, e todos moravam com seus familiares. Foram feitas entrevistas semiestruturadas, e as cuidadoras dos jovens participaram como informantes. Nenhum deles tinham transtornos mentais, comorbidade, comprometimento neurológico ou eram casados. Verificou-se que estes 12 adultos têm atividades em ambientes restritos, como nas suas próprias casas. O estudo conclui a importância de propiciar uma variedade de atividades que propiciem o desenvolvimento da pessoa com síndrome de Down que facilitem os seus relacionamentos sociais.

O presente trabalho nos coloca a refletir sobre o desenvolvimento das habilidades socioemocionais das pessoas com síndrome de Down, e levando em conta a análise dos estudos acima, é possível apontar, se sustentando neles, o que é importante para que este recorte da população seja pessoas capazes de se relacionarem com elas mesmas, com os outros e com o mundo, no quesito socioemocional.

### **3 | CONCLUSÃO**

Apesar de não terem sido encontrados materiais que relacionassem diretamente a síndrome de Down com as habilidades socioemocionais, conclui-se que não há uma interferência restrita à cognição no desenvolvimento dessas habilidades neste recorte da população, mas a atribuição de um conjunto de fatores que implicam neste processo, principalmente sociais.

A socialização, tem um papel importante na captação de estímulos para a aprendizagem e práticas de comportamentos sociais e emocionais, assim como as habilidades socioemocionais são essenciais para uma socialização saudável. Como redes de apoio importantes, têm-se as escolas e a família, que participam na formação do desenvolvimento social, cognitivo e emocional das pessoas com síndrome de Down.

Além disso, ao comparar o desenvolvimento das habilidades socioemocionais dos indivíduos com desenvolvimento típico aos que possuem a síndrome, o caminho encontrado a ser percorrido é semelhante.

Em virtude dos aspectos encontrados, futuros estudos, que relacionem,

especificamente, as pessoas Downs com as habilidades socioemocionais, haja vista a importância e relevância do assunto e a escassez de materiais para a prática de estudos.

## REFERÊNCIAS

ABED, Anita Lilian Zuppo. **O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica.** Constr. psicopedag., São Paulo, v. 24, n. 25, p. 8-27, 2016.

ANDRADE, Jaqueline Ferreira Condé de Melo; PEREIRA-SILVA, Nara Liana. **Adultos com síndrome de Down por eles mesmos:** relatos de suas vivências. Psicol. pesq., Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p. 68-76, jul. 2018. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-12472018000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472018000200008&lng=pt&nrm=iso)>.

ANGELICO, Antônio Paulo; DEL PRETTE, Almir. **Avaliação do repertório de habilidades sociais de adolescentes com Síndrome de Down.** Psicol. Reflex. Crit., Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 207-217, 2011.

ASSIS, de Machado; Helena, 2018, p. 27

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini. **Habilidades sociais:** breve análise da teoria e da prática à luz da análise do comportamento. Interação em Psicologia, Curitiba, dec. 2002.

BRASIL. Ministério da saúde, 2019

DAMASIO, Bruno Figueiredo. **Mensurando habilidades socioemocionais de crianças e adolescentes:** desenvolvimento e validação de uma bateria (nota técnica). Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 25, n. 4, p. 2043-2050, dez. 2017.

FERREIRA, D. M., SALLES, B. F., MARQUES, D. V. M., FURIERI, M., BONOMO, L. M. M., SALLES, F. L. P., & de ANDRADE, M. (2009). **Funcionalidade de crianças com e sem Síndrome de Down.** Revista Neurociências, 17(3), 231–238.

FREIRE, Rosália Carmen de Lima; DUARTE, Nietsnie de Souza; HAZIN, Izabel. **Fenótipo neuropsicológico de crianças com síndrome de Down.** Psicol. rev. (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 354-372, dez. 2012.

LAMÔNICA, Dionísia Aparecida Cuisn e FERREIRA-VASQUES, Amanda Tragueta. Habilidades comunicativas e lexicais de crianças com Síndrome de Down: reflexões para inclusão escolar. Revista CEFAC [online]. 2015, v. 17, n. 5, pp. 1475-1482. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-021620151756015>>.

Lopez, M. (2008). **A integração das habilidades sociais na escola como estratégia para a saúde emocional.** Revista de Intervenção Psicossocial e Psicologia Comunitária. 3(1). 16-19

LUCISANO, Renata Valdívía et al. **Interação social de crianças pré-escolares com síndrome de Down.** Rev. NUFEN, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 97-115, dez. 2011.

MACÊDO, L., LIMA, I., CARDOSO, F. e BERESFORD, H. (2009). **Avaliação da relação entre o déficit de tenção e o desempenho grafo motor em estudantes com síndrome de Down**. Revista Brasileira de Educação, 15(3), 431-440.

MARIN, Angela Helena et al. **Competência socioemocional: conceitos e instrumentos associados**. Rev. bras.ter. cogn., Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 92- 103, dez. 2017.

MECCA, Tatiana Pontrelli et al. **Perfil de Habilidades Cognitivas Não-Verbais na Síndrome de Down 1 Subvenção**: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP. Revista Brasileira de Educação Especial [online]. 2015, v. 21, n. 2, pp. 213-228. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-65382115000200004>>.

MICHAELIS, Carolina; MICHAELIS, Henriette. **Michaelis: Dicionário Escolar Língua Portuguesa**. 3ª edição. Melhoramentos, 2015. 951p.

NAKANO, Tatiana de Cassia; DE MORAES, Isabella Della Torre; DE OLIVEIRA, Allan Waki. **Relação entre inteligência e competências socioemocionais em crianças e adolescentes**. Revista de Psicologia, Lima,v.37,n.2, p.407-424, 2019 .

PETRUCCI, Giovanna Wanderley; BORSA, Juliane Callegaro; KOLLER, Sílvia Helena. **A Família e a escola no desenvolvimento socioemocional na infância**. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 24, n. 2, p. 391-402, jun. 2016

REIS, Suélen Duarte. **A psicoeducação como aliada do treino das habilidades socioemocionais**. 2020. 25f. Monografia (Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso - Psicologia) - Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde, Centro Universitário Newton Paiva, Belo Horizonte, 2020.

SERPA, Alexandre Luiz de Oliveira. **Variáveis socioemocionais e sua relação com o desempenho acadêmico**. 2017.83f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade São Francisco, Campinas, 2017.

## DIAGNÓSTICO DE TDAH EM ADULTOS

*Data de aceite: 02/06/2023*

### **Gabriela Lemes Ribeiro Mota**

Acadêmica do primeiro período do curso de Psicologia

### **Raphael Silva Lima**

Acadêmico do primeiro período do curso de Psicologia

### **Vera Lucia Carvalho Amorim**

Acadêmica do primeiro período do curso de Psicologia

**RESUMO:** O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade têm sido um dos assuntos mais discutidos entre os profissionais de saúde mental na atualidade; entretanto, o diagnóstico tardio é uma realidade. A avaliação feita em adultos apresenta desafios para identificar os sintomas de forma correta, pois outros transtornos acumulados ao longo da vida, somados ao autorrelato muitas vezes inexato do paciente, se tornam um obstáculo para a identificação do distúrbio. Assim, é de extrema importância que a análise do indivíduo ocorra o mais breve possível. A seguinte revisão de literaturas tem como objetivo destacar os problemas encontrados e possíveis soluções apresentadas no

diagnóstico de adultos com TDAH.

**PALAVRAS-CHAVE:** TDAH. Adultos. Diagnóstico. Desafios.

### **INTRODUÇÃO**

De acordo com Da Silva e Laport (2021), a desordem de déficit de atenção teve várias nomenclaturas até que a Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2014), através do manual diagnóstico e estatístico de desordens mentais, sugeriu o termo “Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade” ou simplesmente TDAH. Silva et al. (2022) afirmam que o TDAH em adultos se caracteriza por sintomas como desatenção, impulsividade, inquietação, disfunção executiva e desregulação emocional, diferentemente do que é visto em crianças. Geralmente, os sintomas são menos evidentes em adultos.

Francisco et al. (2021) define que pessoas com esse transtorno podem ser mal interpretadas devido à impulsividade característica presente na fala e ação; estudos indicam que isto pode causar

conflitos que prejudicam a qualidade de vida e bem-estar do indivíduo.

Oliveira (2022), afirma que a pessoa acometida pelo TDAH apresentam, geralmente, padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade que interfere no funcionamento ou desenvolvimento cognitivo. Da Silva e Laport (2021) afirmam que com uma observação atenta, é mais fácil identificar o distúrbio em crianças devido ao ambiente escolar.

Percebe-se que na literatura pesquisada, a quantidade de material encontrado referente ao tema ainda é escassa e, quando se trata de TDAH, a predominância das pesquisas se concentra na fase onde o transtorno é mais facilmente identificado, ou seja, nas crianças. Isto torna as pesquisas que tratam dos adultos um tema de grande importância.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho trata-se de um estudo teórico realizado através da revisão de artigos científicos e periódicos publicados no últimos três anos, com foco na avaliação de adultos portadores do transtorno de déficit de atenção/hiperatividade.

O TDAH não é adquirido ao longo do tempo e nem é provocado por um ambiente tumultuado, apesar de que alguns ambientes possam potencializar os sintomas; trata-se de uma condição que acompanha o indivíduo desde sua gestação [...]. (DONIZETTI, 2022, apud ALMEIDA et al., 2015, p. 24). O adulto poderá apresentar outros transtornos mentais decorrentes das vivências conflituosas acumuladas ao longo da vida, ocasionando dificuldades para um diagnóstico conclusivo. (OLIVEIRA, 2022, apud BARKLEY, 2011, p. 35).

Gonçalves e Paloma (2022) pontuam a importância de se realizar o diagnóstico através de profissionais capacitados, e que isto ocorrerá por meio de diálogos com o indivíduo, no caso de adultos. Segundo Peres e Campos (2022 apud BUICÃ et al., 2019 p. 7), para que haja a análise correta em adultos, é preciso identificar os sintomas na ordem em que foram surgindo; no entanto, esse estudo pode ser comprometido por memórias imprecisas descritas através do autorrelato do paciente. “De acordo, com a Associação Americana de Psiquiatria, na DSM-5, há 18 sintomas principais do TDAH, o qual durante o processo de análise, é fundamental que o indivíduo apresente, no mínimo, cinco sintomas, persistentes por, pelo menos, seis meses. Além do mais, é essencial, que tais sinais tenham começado antes dos 12 anos, ocasionando impactos negativos, ao menos em dois ambientes.” (FRANCISCO, 2021). Donizetti (2022) ressalta ainda que mesmo não havendo uma cura para esse distúrbio, a pessoa diagnosticada, através do uso de estratégias que possibilitem o desenvolvimento cognitivo, pode levar uma vida normal e saudável.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo principal de uma boa avaliação deve ser determinar a presença ou não de TDAH e outro ponto crucial é investigar as condições do sujeito com o intuito de delinear o melhor método de intervenção. (DONIZETTI, 2022 apud CALEGARO, 2002, p. 26). Os sintomas do TDAH podem causar prejuízos em diversos domínios na vida do adulto: vida doméstica, trabalho ou ocupação, interações sociais, atividades comunitárias, atividades educacionais, relacionamentos amorosos ou atividades conjugais, manejo do dinheiro, condução de veículos, atividades de lazer, responsabilidades diárias.(OLIVEIRA, 2022 apud BARKLEY, 2011, p. 38).

Oliveira (2022) afirma: “ O tratamento precoce, seja medicamentoso, psicoterápico ou combinado que geralmente é o mais eficaz, contribui para melhorar a qualidade de vida da pessoa acometida e, conseqüentemente, das pessoas com as quais a pessoa com TDAH se relaciona.” Portanto, aplicar os métodos adequados de tratamento contribui para que o transtorno não seja um fator limitante para o indivíduo em seu dia a dia.

Assim, foi percebido que através do uso de métodos como o autorrelato e a observação mais cautelosa dos sintomas apresentados pelo adulto, na ordem cronológica das manifestações, por exemplo, o diagnóstico correto torna-se mais nítido e descomplicado. Além disso, com o tratamento adequado e, quando possível, precoce, a diminuição dos impactos negativos causados pelo distúrbio na vida do indivíduo passa a ser uma realidade atingível.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as informações apresentadas, é possível perceber que apesar dos desafios apresentados, o diagnóstico de TDAH em adultos é crucial para que, quando aplicados os métodos corretos de tratamento, haja um maior desenvolvimento cognitivo do paciente, além de melhorar a sua qualidade de vida em aspectos sociais e individuais.

Sobretudo, essas pessoas devem ser compreendidas e respeitadas em suas limitações e reconhecidas por suas aptidões, contando também com uma rede de apoio segura.

## REFERÊNCIAS

DA SILVA, Michely Aparecida; LAPORT, Tamires Jordão. TDAH em adultos e suas implicações no âmbito acadêmico. Vassouras: Revista Multidisciplinar de Humanidades, 2020.

DONIZETTI, Iara Da Silva . TDAH e a importância de um diagnóstico correto. Curitiba: Caderno Intersaberes. 2022.

FRANCISCO, Manoela Amaral et al. Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) no adulto: prevalência e impactos. Curitiba: *Brazilian Journal of Health Review*, 2021.

GONÇALVES, Daniela De Paula; PALOMA, Michely Isber Ruiz. A aprendizagem do adulto com TDAH: como lidar com o diagnóstico. Curitiba: Centro Universitário Internacional Uninter, 2022.

OLIVEIRA. Mírian Luísa Torres. Os impactos dos sintomas do TDAH no adulto. Alagoas: Rebena, 2022.

PERES, Mirna Lopes; CAMPOS, André Luiz Baião. Os desafios do diagnóstico do transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade em adultos com base no DSM-V. Curitiba: *Brazilian Journal of Development*, 2022.

SILVA, Manuella Mendonça Da et al. Revisão bibliográfica: TDAH em adultos. Curitiba: *Brazilian Journal of Development*, 2022.

**EZEQUIEL MARTINS FERREIRA** - É doutorando em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás. Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2011), graduação em Pedagogia pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz (2016) e graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Goiás (2019). Especializou-se em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura (2012), História e narrativas Audiovisuais pela Universidade Federal de Goiás (2016), Psicopedagogia e Educação Especial, Arteterapia, Psicanálise pela Faculdade de Tecnologia e Ciências de Alto Paranaíba (2020). Possui mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (2015). Atualmente é pesquisador da Universidade Federal de Goiás, professor na Universidade Estadual de Goiás e psicólogo clínico - ênfase na Clínica Psicanalítica. Pesquisa nas áreas de psicologia, educação e teatro e nas interfaces fronteiriças entre essas áreas. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicanálise, atuando principalmente nos seguintes temas: inconsciente, arte, teatro, arteterapia e desenvolvimento humano.

**A**

Adultos 48, 63, 64, 66, 67, 133, 140, 143, 144, 146, 147, 148, 149

Afeto 3, 38, 41, 42, 43, 44

Ansiedade 4, 31, 37, 38, 40, 41, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 51, 53, 56, 58, 59, 74, 75, 81, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 134

Apego 37, 38, 39, 40, 41, 43, 45

**B**

Bem-estar 47, 73, 74, 78, 91, 92, 95, 103, 113, 147

**C**

Comportamentos alimentares 37, 38, 41

Conto 21, 22, 24, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 117

Crianças 7, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 39, 40, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 113, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Cuidador informal 72, 74, 75, 76, 81, 82, 83

**D**

Desastres 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 129

Desejo 2, 3, 4, 5, 11, 43, 65, 78, 80, 83

Desenhos animados 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70

Desenvolvimento 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 16, 27, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 57, 58, 60, 62, 63, 66, 67, 72, 76, 77, 82, 83, 84, 86, 92, 94, 98, 100, 103, 107, 113, 121, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 150

Desenvolvimento biopsicossocial 131, 135

Desenvolvimento humano 1, 27, 45, 62, 63, 66, 67, 135, 138, 150

Diagnóstico 7, 48, 109, 141, 146, 147, 148, 149

**E**

Emoções 33, 40, 41, 43, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 82, 83, 113, 130, 132, 133, 134, 138

Envelhecimento 72

Erotização 62, 63, 66, 69, 70, 71

Estratégias 17, 40, 41, 48, 72, 75, 89, 91, 92, 98, 100, 101, 113, 120, 121, 124, 125, 126, 132, 136, 139, 147

## G

Grupo 15, 17, 18, 19, 20, 58, 96, 141, 142

## H

Habilidades socioemocionais 47, 48, 56, 58, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 143, 144, 145

## I

Infância 1, 2, 3, 4, 6, 24, 27, 28, 41, 45, 46, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 134, 138, 145

Intersubjetivas 6, 11

Intrasubjetivas 6

## L

Libido 1, 2, 3, 4, 5

Literatura 7, 8, 11, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 33, 34, 35, 36, 45, 46, 73, 87, 96, 97, 99, 100, 107, 117, 138, 147

## M

Meditação 103, 104, 105, 106, 107, 108

Mineradoras 111, 114, 117, 122, 125, 126

## P

Pandemia Covid-19 85

Prazer 1, 2, 3, 4, 5, 25, 31, 32, 39, 40, 64, 67, 68, 75, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 95, 105

Problemas emocionais 3, 46, 51, 54, 57

Psicanálise 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 23, 25, 27, 29, 33, 34, 36, 45, 135, 150

Psicodinâmica do trabalho 85, 88, 90, 91, 92

Psicologia 1, 8, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 28, 29, 35, 36, 37, 42, 45, 47, 59, 60, 89, 92, 110, 111, 113, 114, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 134, 135, 138, 140, 141, 144, 145, 146, 150

Psicoterapia 15, 17, 19

## Q

Queixa escolar 15, 16, 17, 19, 20

## R

Recepção 21, 30, 32, 33, 34, 35, 36

**S**

Síndrome de Down 130, 131, 139, 140, 141, 142, 144

Situações estressoras 95, 97, 98, 100, 101

Situações traumáticas 72, 95

Sobrecarga 72, 73, 74, 75, 76, 78, 81, 82, 83, 96, 99

Sufrimento criativo 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91

Subjetividade 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 68, 84, 86, 88, 89, 94, 97, 100

**T**

TDAH 146, 147, 148, 149

Tensão emocional 95

Trabalhador 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 103

**V**

Vínculos maternos 38

Teoria e pesquisa em

# PSICO LOGIA

---

# 2

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

  
Atena  
Editora  
Ano 2023



Teoria e pesquisa em

# PSICO LOGIA

---

# 2

 [www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br)

 [contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br)

 [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)

 [www.facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br)



  
Ano 2023